



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

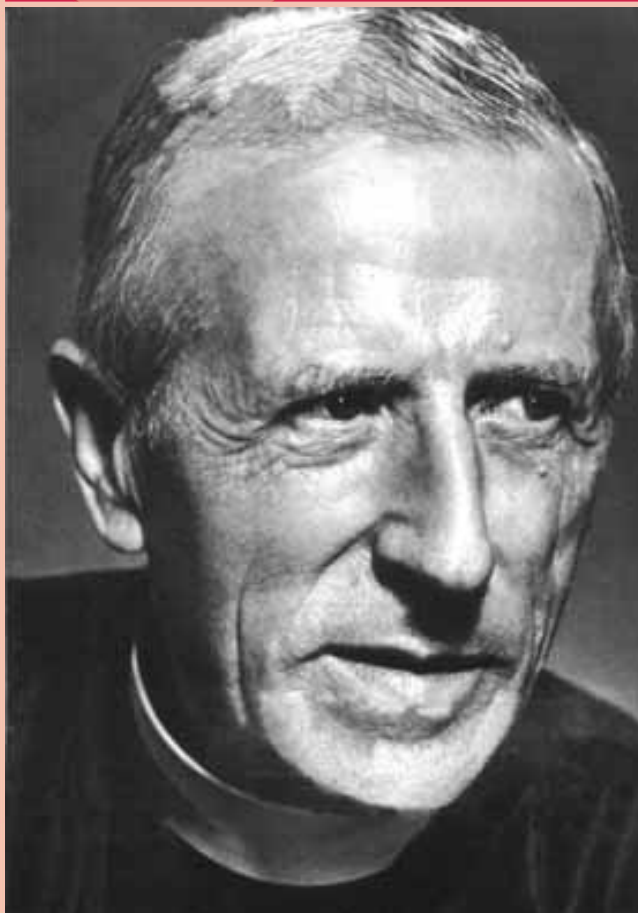


JESUITAS
Missão transformadora.

IHU

ENTÃO

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



O futuro que advém.

A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin

George Coyne

Fé e ciência: um diálogo em construção

John Haught

Evolução e o futuro infinitamente expansivo

Jacques Arnould

O Cristo cósmico

E mais:

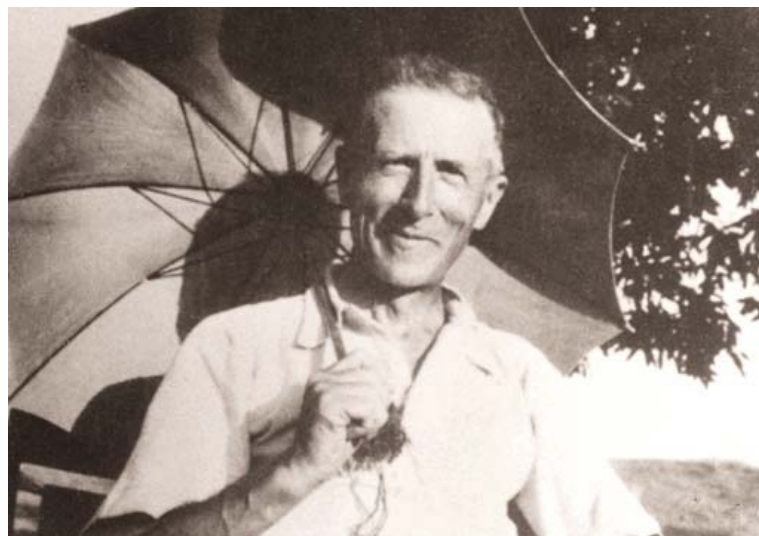
>> **Ângela de Castro Gomes:**
“Vargas inverteu o jogo do
poder quando se matou”

>> **Paulo Nodari:**
A sociedade pós-metafísica

304

Ano IX
17.08.2009
ISSN 1981-8469

O futuro que advém



“O universo inteiro está em evolução” afirma **John Haught**. Segundo ele, “Teilhard de Chardin foi um dos primeiros cientistas no século passado a reconhecer que todo o cosmos, e não apenas as fases da vida e da existência humana, é uma história importante. Sobre a evolução da Terra já trouxe a esfera da matéria (geosfera) e da vida (a biosfera). Agora se está criando a esfera da mente/espírito (a noosfera)”.

Para entender melhor a genial e peculiar visão de **Pierre Teilhard de Chardin** sobre a evolução do cosmos, na vigília do IX Simpósio Internacional Ecos de Darwin, promovido pelo

Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nos dias 9 a 12 de setembro, na Unisinos, a revista **IHU On-Line** desta semana, além do professor **John Haught**, da Universidade de Georgetown, EUA, entrevistou **Jacques Arnould**, dominicano francês, doutor em Ciências e em Teologia, **George Coyne**, matemático, astrônomo e jesuíta norte-americano, **Ludovico Galleni**, cientista italiano, **Luís Miguel Sebastião**, professor da Universidade de Évora, Portugal, **Paul Schweitzer**, matemático e professor da PUC-Rio, **Pedro Guimarães Ferreira**, doutor em Engenharia de Sistemas e Computação e professor na PUC-Rio, e **Waldecy Tenório**, professor da PUCSP.

Esta edição foi feita em parceria com o Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH) da PUC-Rio.

Completam esta edição as entrevistas com a historiadora **Ângela Maria de Castro Gomes**, sobre a Era Vargas, no mês em que se lembram os 55 anos da morte de Getúlio, com teóloga ecofeminista **Mary Judith Ress**, com o desembargador do Rio Grande do Sul, **Aramis Nassif**, sobre o tema Poder Judiciário e segurança pública - o dogma da responsabilidade, e com **Paulo Nodari**, professor da Universidade de Caxias do Sul - UCS, sobre a sociedade pós-metafísica.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Jacques Arnould: Teilhard e a redescoberta da noção de Cristo cósmico

PÁGINA 09 | George Coyne: Fé e ciência: um diálogo em construção

PÁGINA 11 | John Haught: Evolução e o futuro infinitamente expansivo

PÁGINA 17 | Ludovico Galleni: Teilhard e o “mover-se para” a complexidade, a vida, a consciência

PÁGINA 20 | Luís Miguel Sebastião: Teilhard de Chardin: um anti-Darwin

PÁGINA 23 | Paul Schweitzer: Teilhard de Chardin: a natureza como um caminho para Deus

PÁGINA 26 | Pedro Guimarães Ferreira: O “Ponto Omega” da evolução: Cristo ressuscitado

PÁGINA 29 | Waldecy Tenório: Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a terra dos homens

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 34 | Ângela Maria de Castro Gomes: “Vargas inverteu o jogo do poder quando se matou”

» Teologia Pública

PÁGINA 37 | Mary Judith Ressa: O crescimento do ecofeminismo na América Latina

» Coluna Cepos

PÁGINA 39 | Nadia Helena Schneider: Expectativas e possibilidades da TV digital na educação

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 44 | Aramis Nassif: O dogma da responsabilidade

PÁGINA 45 | Paulo César Nodari: Sociedade pós-metafísica

PÁGINA 49 | Sala de Leitura

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | Luiz Fernando Medeiros Rodrigues





INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Pierre Teilhard de Chardin: uma biografia

Pierre Teilhard de Chardin nasceu em Orcines, na França, em 1º de maio de 1881 e faleceu em Nova Iorque, aos 10 de abril de 1955. Padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês, Chardin é conhecido por construir uma visão integradora entre ciência e teologia.

Criado em uma família profundamente católica, Chardin entrou para o noviciado da Companhia de Jesus em Aix-en-Provence, no ano de 1899, e para o juniorado em 1900, em Laval. Teve que deixar a França e os seus estudos prosseguiram na ilha de Jersey, Inglaterra, onde cursou Filosofia e Letras. Licenciou-se neste curso em 1902. Entre 1905 e 1908, foi professor de física e química no colégio jesuíta da Sagrada Família do Cairo, no Egito, onde teve oportunidade de continuar suas pesquisas geológicas, iniciadas na Inglaterra. Seus estudos de teologia foram retomados em Ore Place, de 1908 a 1912. Ordenou-se sacerdote em 1911.

Entre 1912 e 1914 cursou paleontologia no Museu de História Natural de Paris. Foi a sua porta de entrada na comunidade científica. Durante seus estudos teve a oportunidade de visitar os sítios pré-históricos do noroeste da Espanha, entre eles, a Caverna de Altamira.

Durante a Primeira Guerra Mundial, foi carregador de maca dos feridos e depois capelão em diversas frentes de batalha.

Passada a Guerra, retomou os estudos em Paris, onde obteve o doutorado em 22 de março de 1922, na Universidade de Sorbonne. Em 1920, tornara-se professor de geologia no Instituto Católico de Paris. Em 1922, escreveu *Nota sobre algumas representações históricas possíveis do pecado original*, que gerou um dossiê pela Santa Sé, acusando-o de negar o dogma do pecado original. Teve que assinar um texto que exprimia este dogma do ponto de vista ortodoxo e foi obrigado a abandonar a cátedra em Paris e embarcar para Tianjin na China. Este fato marcará uma nova etapa da sua vida: o silêncio sobre temas eclesiais e teológicos que duraria o resto da sua vida.

Em Pequim, realizou diversas expedições paleontológicas, e, em 1929, participou da descoberta e estudo do sinantropo - o homem de Pequim. Também realizou pesquisas em diversos lugares do continente asiático, como o Turquestão, a Índia e a Birmânia. Em Pequim, escreveu sua obra prima: *O Fenômeno Humano*.

Em 1946, retornou a Paris. Seus textos mimeografados continuavam a circular e suas conferências lotavam os auditórios. Foi convidado a lecionar no Collège de France. Entre 1949 e 1950, deu cursos na Sorbonne que geraram a obra *O grupo zoológico humano*. Em 1950 foi eleito membro da Academia de Ciências do Instituto de Paris.

Teilhard de Chardin faleceu em 10 de abril de 1955, num domingo de Páscoa, em Nova Iorque.

Obras de Teilhard de Chardin

Cartas a Léontine Zanta (tradução em português - Lisboa: Moraes Editores, 1967)

Cartas de Viagem (tradução em português - Lisboa: Portugalia, 1969)

Cartas do Egito (tradução em português - Lisboa: Moraes Editores, 1967)

Ciência e Cristo (tradução em português - Petrópolis: Vozes, 1974)

O Fenômeno Humano (tradução em português - São Paulo: Cultrix, 1986)

Hino do Universo (tradução em português - São Paulo: Paulus, 1994)

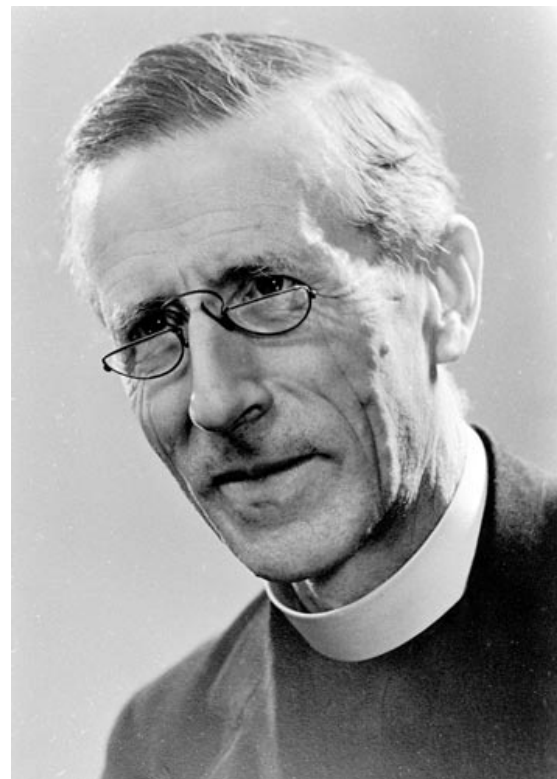
O Lugar do Homem no Universo (tradução em português - Lisboa: Instituto Piaget, 1997)

O Meio Divino (tradução em português - São Paulo: Cultrix, 1981)

A Minha Fé (tradução em português - Lisboa: Ed. Notícias, 2000)

Reflexões e Orações no Espaço-Tempo (tradução em português - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978)

Sobre a Felicidade / Sobre o Amor (tradução em português - Campinas: Verus, 2005)



Teilhard e a redescoberta da noção de Cristo cósmico

O que parece extraordinário em Teilhard de Chardin, na opinião de Jacques Arnould, é sua fé inquebrantável, sua confiança encarniçada no movimento da vida, na aventura humana

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Ao falar sobre o legado de Teilhard de Chardin para nossos dias, o dominicano Jacques Arnould declara que retém de Chardin “primariamente o ímpeto de confiança que ele tem com o mundo das ciências e das técnicas, juntamente com a exigência que ele mostra com o mundo da filosofia e da teologia”. E completa: “Confiança e lucidez, curiosidade e espírito crítico: eis, em algumas palavras, o que eu gostaria de responder”. Arnould reflete sobre a atualidade do cientista e jesuíta e considera que “o dia em que nossa humanidade não contará mais com homens e mulheres da têmpera de Teilhard, que ousem crer na humanidade, em Deus, no futuro, contra toda expectativa, então a humanidade estará próxima de seu fim. Estou convencido que tais momentos já estiveram em risco de ter lugar no passado; mas também estou persuadido que nossa época nos lança um mesmo desafio”.

O dominicano Jacques Arnould é engenheiro agrônomo, doutor em História das Ciências e em Teologia. Ele tem como áreas de interesse em suas pesquisas as relações entre as ciências, culturas e religiões, mantendo particular interesse por dois temas: os seres vivos e sua evolução, o espaço e sua conquista. Consagrou vários livros e artigos de história e teologia ao primeiro tema. Com relação ao segundo tema, desde 2001, trabalha como responsável pela missão no Centro Nacional de Estudos Espaciais (Centre National d'Etudes Spatiales) na dimensão ética, social e cultural das atividades espaciais. É autor de numerosos artigos e livros entre os que destacamos *La Théologie après Darwin* (Cerf, 1998); *Quelques pas dans l'univers de Teilhard de Chardin* (Aubin, 2002); e *Pierre Teilhard de Chardin* (Perrin, 2005). É igualmente autor dos **Cadernos Teologia Pública**, número 22, de 15/09/2006, intitulado *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, e disponível no link <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158328626.04pdf.pdf>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância e atualidade de Teilhard de Chardin neste cenário de crise financeira e ambiental que estamos vivendo?

Jacques Arnould - Eu devo confessar que jamais pensei particularmente em Teilhard de Chardin nesta época de crise financeira. É, sem dúvida, uma falha, na medida em que esta crise poderia marcar uma ruptura importante na história da humanidade... Mesmo se, até o presente, eu tenha antes a impressão de que os governos, os responsáveis políticos e econômicos tenham procurado impedir esta ruptura. Não tenho nenhuma competência para falar sobre isso, mas, como a maioria das pessoas, sou realmente obrigado a reconhecer que “o mundo está em chamas”, para retomar uma

palavra que não é de Teilhard, mas de Teresa de Ávila. Até onde é possível manter sistemas econômicos fundados exclusivamente no progresso, no único “sempre mais”? Então, se eu tivesse que evocar o pensamento de Teilhard nesse contexto, eu antes me perguntaria: tem ele realmente algo a nos dizer, ele que estava tão convencido do progresso geral do mundo? Paradoxalmente, creio que sim.

IHU On-Line - Quais os caminhos que Chardin indica para a saída da crise ecológica e da crise de valores (morais, cristãos) em que se encontra a humanidade hoje?

Jacques Arnould - É, com efeito, em relação aos valores, que as obras de Teilhard de Chardin merecem, sem

dúvida, serem relidas e sua própria existência ser redescoberta (pois eu não posso separar a vida da obra do pensamento deste homem). Ele também vivenciou diversas crises, diversas rupturas mundiais; não esqueçamos que ele nasceu na França, em 1881, e morreu em Nova York, em 1955. Ele atravessou, portanto, duas guerras mundiais, a Grande Crise de 1929 etc. O que parece extraordinário nele é sua fé inquebrantável, sua confiança encarniçada no movimento da vida, na aventura humana. Ele jamais se refugia na retaguarda, mas corre aos postos avançados, ao *front*, persuadido de que um futuro é sempre possível e que este futuro deve necessariamente ser melhor que o presente. Não para cada indivíduo, mas ao menos falando glo-

balmente. Porque Teilhard vê as coisas em nível macro, não que ele esqueça as pessoas (ele tem tantos amigos!), mas sua visão é sempre “elevada”: ele considera sempre as vagas sucessivas da evolução, da história.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre Filosofia, Teologia e Ciência em Teilhard de Chardin?

Jacques Arnould - Eu não ignoro os embaraços e questões de Teilhard com as autoridades romanas; mas também não iria até o ponto de dizer que ele seja um exemplo perfeito das relações a promover entre a filosofia, a teologia e a ciência. Não é certo que Teilhard já tivesse escolhido a atitude mais pastoral e mais lúcida, em todo o caso, certamente não a mais prudente. Este é um assunto sobre o qual haveria muitas coisas a dizer e a debater, principalmente entre os amigos de Teilhard e aqueles que menos o apreciam... Mas, de Teilhard eu retenho primariamente o ímpeto de confiança que ele tem com o mundo das ciências e das técnicas, juntamente com a exigência que ele mostra com o mundo da filosofia e da teologia. Ele viveu no meio dos cientistas, fez aí numerosos amigos; tomou posição nos debates científicos, sob o risco de se enganar e de defender causas perdidas; mas, nessa época, ninguém pôs em causa a qualidade de seu engajamento no seio desse mundo. Vale o mesmo para o meio teológico: ele só tinha, todavia, amigos e, no entanto, não cessou de esperar dos intelectuais cristãos que eles levassem a sério o mundo das ciências e as questões que este então levantava... e que ainda levanta. Confiança e lucidez, curiosidade e espírito crítico: eis, em algumas palavras, o que eu gostaria de responder.

IHU On-Line - Qual a atualidade das frases de Teilhard “não tenhais medo” e “tenha confiança na vida” diante dos avanços tecnológicos contemporâneos?

Jacques Arnould - Você tem razão: a mensagem de Teilhard se inscreve na linha daquela de Páscoa e prefigura as primeiras palavras do pontificado de João Paulo II. Não tenhamos medo, tenhamos

confiança nesta vida que vem de tão longe, de uma dimensão tão profunda, para nos soerguer e que nos ultrapassará bem após nosso desaparecimento. Teilhard sempre esteve entusiasmado pelos progressos tecnológicos, sujeito a lhe faltar um pouco de lucidez. Mas, não esqueçamos que ele morreu em meados do século XX; raros eram, então, os que começavam a distinguir os possíveis malefícios das técnicas modernas. Einstein, que morreu no mesmo ano que ele, tinha, apesar de tudo, visto e denunciado os danos da bomba atômica; Teilhard só tinha visto as proezas tecnológicas das pilhas nucleares. Talvez seja preciso aliar o entusiasmo de Teilhard (eu não falaria necessariamente de sua confiança) e a lucidez crítica de Einstein para abordar atualmente as realizações tecnológicas antes de falar de progresso.

“Talvez seja preciso aliar o entusiasmo de Teilhard e a lucidez crítica de Einstein para abordar atualmente as realizações tecnológicas antes de falar de progresso”

IHU On-Line - Qual o sentido do mal e do sofrimento para o ser humano contemporâneo? Teilhard teria a mesma fé no fenômeno humano atual?

Jacques Arnould - Por que a posição, ou a fé, como você diz, de Teilhard teria mudado? Você pensa que nosso mundo seria hoje mais (ou menos) marcado pelo sofrimento do que aquele de Teilhard? Pessoalmente, não o creio. Foi com frequência censurado a Teilhard o fato de parecer ignorar a existência do mal, do sofrimento dos humanos. Ele tenta dar-lhes uma explicação, um sentido ao termo de seu livro *O fenômeno humano*. Ele fala do caráter finito, limitado, imperfeito do mundo em evolução, da

mesma forma como o Catecismo da Igreja Católica partirá da criação a caminho, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento. Mas Teilhard constata e deplora um excesso de mal, incompreensível; ele fala de um caminho de cruz. Não penso que tenhamos avançado mais do que ele, tanto no bem como no mal. No que me diz respeito, não me sinto à vontade com os discursos que pretendem que a humanidade jamais tenha sido tão perversa, etc. Não pequemos por orgulho, pretendendo ser piores do que nossos predecessores.

IHU On-Line - Por que o senhor acha que Teilhard se encantaria com a Internet?

Jacques Arnould - Ouvi muitas vezes, como você, que Teilhard poderia ser considerado como o profeta da Internet. Digamos ao menos que ele viu nascer uma consciência humana planetária. Ele próprio percorreu o mundo, graças a meios de transporte cada vez mais eficazes (embora jamais tenha realmente apreciado o avião), e conheceu os primeiros passos da noosfera. Ele pensou, então, que a humanidade iria viver uma nova etapa, a da noosfera, da qual ele, sem dúvida, teria reconhecido uma bela realização na prática da Internet. Aliás, por que não fazer dele o santo padroeiro?

IHU On-Line - Podemos vislumbrar um futuro de esperança, com um rosto humano, ou até de um Deus cósmico, para o cenário de crise atual?

Jacques Arnould - Não sei se podemos entrever o que quer que seja. Nós somos os responsáveis por esta crise; sua saída está, pois, em parte, em nossas mãos (pois sabemos também que há processos realmente já lançados, que não controlamos mais). É a nós que cabe a tarefa, não de entrever, mas de dar a esta crise uma fisionomia humana, ou melhor, de orientá-la para Deus. Para tal, é preciso, sem dúvida, sair do discurso que só pensa no que seria preciso FAZER; é absolutamente necessário interrogar-se sobre o que nós queremos SER. Isso não é fácil, pois não é algo que se regula a golpes de plano econômico, nem mesmo de grandes *slogans*, do estilo desenvolvimento sustentável etc. E nós temos tal pavor

de nos interrogar sobre a fisionomia que gostaríamos de dar à humanidade de amanhã! Preferimos de tal modo permanecer onde estamos, persuadidos de que todos os problemas se resolverão, que tudo voltará a ser como antes... Sinceramente, ainda é possível acreditar nisso?

IHU On-Line - Pensando no diálogo entre Teilhard e Darwin, qual a atualidade da ortogênese, defendida por Teilhard em relação à evolução humana?

Jacques Arnould - Devo confessar que sempre tive dificuldade para compreender exatamente o que Teilhard entendia por ortogênese¹. Será uma direção fixada, determinada da evolução? Sem dúvida, não. Mas então, que lugar deixar ao acaso? Teilhard, parece-me, não deixou ideia precisa, digamos definitivamente fixada. Acaso, finalidade, determinismo, contingência: essas são questões amplamente debatidas no seio da comunidade científica e além da mesma. Elas não estão muito distantes da questão tão clássica em filosofia: por que existe algo antes do que nada? É preciso que permaneçamos modestos em nossas respostas, ao mesmo tempo em que claros a propósito do registro no qual nos situamos. De um ponto de vista teológico, creio que a criação é determinada, já que ela está imersa na vontade criadora de Deus; mas, do ponto de vista científico, só posso constatar a presença de processos aleatórios. Por trás desta questão, esconde-se aquela da possibilidade (ou da impossibilidade) para um espírito humano de apreender o decorso do tempo, o sentido da história... na medida em que ele próprio está nisso mergulhado!

IHU On-Line - Como podemos atualizar hoje, em nosso contexto, a ideia de Cristo cósmico levantada por Teilhard de Chardin?

Jacques Arnould - Aí você evoca uma contribuição extremamente im-

¹ Ortogênese: evolução ortogenética ou evolução progressiva; é a hipótese de que a vida tem uma propensão inata para se mover (evoluir) de modo linear (para um objetivo pré-definido) devido a alguma "força motriz" interna ou externa. (Nota da IHU On-Line)

“Teilhard, este homem com os pés ao vento, já percorreu este caminho à sua maneira. Resta-nos inventar, cada um de nós, o nosso”

portante da obra de Teilhard: a de ter redescoberto a noção de Cristo cósmico. Ela era familiar aos padres da Igreja, mas a tradição ocidental se reduziu muito frequentemente à questão da salvação das almas, esquecendo que existe o cosmos. Dito isso, as ciências modernas dão atualmente ao cosmos tais dimensões, que se torna quase assustador pensar de um ponto de vista humano e cristão: o que somos nós na escala do universo, espacial e temporal? Teilhard tem realmente razão de lhes exigir abrirem sua fé nas dimensões do Universo. Mas isso é, ao mesmo tempo, um pouco assustador, não? Seria preciso que nos habituássemos pouco a pouco, passo a passo.

IHU On-Line - Em sua opinião, a partir da vida e do pensamento de Chardin, como seria a nossa Terra e nossa humanidade se nós perdêssemos a fé?

Jacques Arnould - A fé em quê? Em Deus, no homem, na vida? O que é extraordinário, no pensamento de Teilhard, é que tudo está aí para que ele mergulhe na depressão (ele era, aliás, depressivo), no pessimismo; mas, sua vontade e sua fé são mais fortes. Por vezes é até surpreendente vê-lo se debater, autopersuadir-se: ele não pode acreditar que o mundo seja sem finalidade, sem saída; e então ele decide crer... e age em consequência. É certo que o dia em que nossa humanidade não contará mais com homens e mulheres da têmpera de Teilhard, que ousem crer na humanidade, em Deus, no futuro, contra toda expectativa, então a humanidade estará próxima de seu fim. Estou convencido que tais mo-

mentos já estiveram em risco de ter lugar no passado; mas também estou persuadido que nossa época nos lança um mesmo desafio.

IHU On-Line - Como se dá, em Teilhard de Chardin, a relação entre Cosmogênese,² Biogênese,³ Noogênese,⁴ e Cristogênese?

Jacques Arnould - Esta visão, toda teilhardiana, evidentemente continua sendo mais filosófica e teológica do que científica. Ela é literalmente grandiosa, à maneira dos relatos bíblicos que falam da criação. Ela por vezes até esquece a questão do mal, do fracasso possível, do sofrimento. Mas coloca um elemento fundamental da fé cristã: o sentido do mundo se encontra sempre mais à frente, na figura do Cristo, primeiro ressuscitado, imagem perfeita de Deus, em quem se recapitulará toda a história do Universo. Encontramos o “Não tenhais medo!”: devemos admitir não poder compreender tudo desde agora, mas podemos, não obstante, inserir nossos pensamentos, nossos desejos, nossa fé, nosso amor a qualquer coisa, muito mais em Alguém que está diante de nós. Teilhard, este homem com os pés ao vento, já percorreu este caminho à sua maneira. Resta-nos inventar, cada um de nós, o nosso.

LEIA MAIS...

>> Jacques Arnould já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

* *Cientista, místico e poeta* - publicada na IHU On-Line, número 140, de 09-05-2005, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1158268345.05pdf.pdf>.

² Cosmogênese se refere ao surgimento e evolução do cosmo. Já foram propostas diversas teorias que tentam explicar a origem do Universo, tanto no contexto científico (cosmologia e astrofísica), quanto por parte das religiões e na mitologia. (Nota da IHU On-Line)

³ Biogênese é uma hipótese biológica segundo a qual a matéria viva procede sempre de matéria viva. O primeiro passo na refutação científica da abiogênese aristotélica foi dado pelo italiano Francesco Redi, que em 1668, provou que larvas não nasciam em carne que ficasse inacessível às moscas, protegidas por telas, de forma que elas não pudessem botar lá seus ovos. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Noogênese é o termo utilizado pelo teólogo, filósofo e cientista francês Teilhard de Chardin para descrever o nascimento e a evolução da mente humana. (Nota da IHU On-Line)

Fé e ciência: um diálogo em construção

Segundo George Coyne, Chardin é reconhecido por todos os cientistas como um dos maiores pensadores científicos de todos os tempos

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO ANA PAULA PENKALA

Teilhard de Chardin, ao estabelecer o diálogo entre fé e ciência, “viu que somos co-criadores do Universo, tão desejado por Deus, que temos uma séria responsabilidade para com toda a criação divina e que a nossa própria derradeira salvação é intimamente ligada à forma como nós amamos esse Universo”. A posição é defendida pelo jesuíta, matemático e astrônomo norte-americano George Coyne, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Segundo ele, a evolução do Universo é contínua e ainda está em curso. “O Universo fértil deu à luz um conteúdo biológico para o Universo que os neodarwinistas da evolução estudam mais detalhadamente, mas sempre tendo como pano de fundo o Universo evolutivo em uma escala cosmológica”, completa.

Dedicado também aos estudos do darwinismo, Coyne diz ainda que a relação entre fé e ciência melhorou. Cientistas e religiosos tentam compreender os princípios que regem as diferentes áreas, contudo, assegura, “o maior obstáculo para o diálogo é o fundamentalismo nas comunidades religiosas”.

Coyne foi diretor do Observatório do Vaticano durante 28 anos. Em 2009, recebeu o prêmio Van Biesbroeck da Associação Americana de Astronomia por relevantes serviços prestados. Defensor do darwinismo, Coyne trabalha com o diálogo entre fé e ciência, na Universidade do Arizona, localizada na cidade de Tucson, Estados Unidos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as maiores influências de Charles Darwin sobre Teilhard de Chardin?

George Coyne - Não sei de qualquer influência direta. No entanto, Teilhard certamente se moveu da análise puramente científica de Darwin, mas respeitando-a, para um domínio mais teológico, ou melhor, mais místico.

IHU On-Line - Como Darwin e Chardin contribuem para o diálogo entre fé e ciência?

George Coyne - Ambos deram grandes contribuições, tanto negativas como positivas. Negativas: Darwin foi visto pela maioria dos cristãos como desafiador de seus tradicionais pontos de vista da criação do Universo por Deus e tudo que está nele. Teilhard era reconhecido por pisar longe demais da ciência, e por ficar no terreno teológico ou místico, confundindo os dois setores do conhecimento humano: a ciência e a religião. Positivo: Ambos foram pio-

neiros no diálogo. Darwin desafiou os cristãos a examinar suas crenças religiosas em virtude da ciência moderna. Teilhard levou a ciência a sério e intuiu o quanto ela poderia ser profícua para a pessoa crente.

IHU On-Line - Qual é a novidade de Chardin na aproximação que promove entre fé e ciência?

George Coyne - Teilhard, intuitivamente - não cientificamente - viu que o melhor que a ciência poderia oferecer, para quem acredita, é o ato de reforçar a sua fé e também de desafiá-la. Mas a fé é o maior desafio.

IHU On-Line - Pensando num diálogo entre esses dois pesquisadores, qual a atualidade da ortogênese defendida por Teilhard em relação à teoria da evolução?

George Coyne - A ortogênese, segundo Chardin, é primitiva demais. O DNA, por exemplo, veio depois de seu tempo. Devemos evitar comparar Darwin

e Chardin com conceitos fundamentais da ciência atual, pois eles não tinham nenhum dos conhecimentos científicos que temos hoje. Cada um tinha suas visões, certas ou erradas, mas não podemos julgar esses *insights*.

IHU On-Line - Quais os caminhos que Chardin indica para a saída da crise ecológica e da crise de valores em que se encontra a humanidade hoje?

George Coyne - Para mim essa é uma das grandes idéias de Teilhard. É quase como se ele antecipasse nossas atuais crises. Ele viu que somos cocriadores do Universo, tão desejado por Deus, e que temos uma séria responsabilidade para com toda a criação divina, e que a nossa própria derradeira salvação é intimamente ligada à forma como nós amamos esse Universo.

IHU On-Line - Como a concepção de universo fértil que o senhor sustenta se relaciona com a teoria da evolução e com as ideias de Chardin?

“Muitos jesuítas, como aqueles no Observatório do Vaticano, são tanto cientistas profissionais como bem formados em Filosofia e Teologia. Isso certamente contribui para avançar o diálogo ciência-fé”

George Coyne - Muito já foi conhecido pela ciência desde Teilhard, mas suas ideias são apoiadas por aquilo que sabemos agora. O Universo é antigo e tem muitas estrelas. Durante milhares de anos essas estrelas estão suprimindo o Universo com os ingredientes químicos para a vida. O Universo é fértil para a vida. Que tal fertilidade tenha produzido vida - as origens dela - ainda é mistério. Teilhard viu isso como um Universo não apenas destinado à vida, mas para “a vida em Cristo” - o ponto Omega, por Chardin. A ciência é congruente com a visão da Teilhard - eu não disse que “o apoia”.

IHU On-Line - Poderia explicar por que o universo fértil é a evolução em escala cosmológica, e a evolução neodarwiniana ocorre na escala biológica?

George Coyne - O Universo inteiro - físico, químico, biológico, mesmo, se você desejar, espiritual, é um deles. A evolução do Universo tem sido contínua e está ainda em curso. Somos nascidos da poeira de estrelas, uma vez que a abundância química para nos fazer veio das estrelas. O Universo fértil deu à luz um conteúdo biológico para o Universo que os neodarwinistas da evolução estudam mais detalhadamente, mas sempre tendo como pano de fundo o Universo evolutivo em uma escala cosmológica.

IHU On-Line - O senhor se diz otimista quanto ao futuro da relação entre ciência e religião. Que avanços percebe nesse diálogo? E que obstáculos persistem?

George Coyne - Vejo uma melhor apreciação das crenças religiosas entre os cientistas. Vejo também um aumento da ansia entre teólogos para compre-

ender melhor ciência. O maior obstáculo para o diálogo é o fundamentalismo nas comunidades religiosas.

IHU On-Line - Disposto a desfazer o mal-entendido entre fé e ciência, Chardin foi mal-entendido por ambas. Qual é a sua reputação hoje, nesses dois campos?

George Coyne - Claro, ele é reconhecido por todos os cientistas como um dos maiores pensadores científicos de todos os tempos. Ele é menos suspeito entre os crentes religiosos conforme eles amadurecem para compreendê-lo melhor.

IHU On-Line - Os jesuítas têm uma longa tradição científica, assim como os agostinianos. Como essa particularidade facilita o diálogo fé e ciência?

George Coyne - Muitos jesuítas, como aqueles no Observatório do Vaticano, são tanto cientistas profissionais como bem formados em Filosofia e Teologia. Isso certamente contribui para avançar o diálogo ciência-fé.

LEIA MAIS...

>> Sobre Coyne, o sítio do IHU já publicou algumas notícias. Confira.

- *A substituição do astrônomo do Vaticano. “Darwinista demais?”*. Publicada nas *Notícias do Dia*, em 26-08-2006 e disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=597;
- *Jesuíta afirma que caso existam, os extra-terrestres também seriam filhos de Deus*. Publicada nas *Notícias do Dia*, em 26-08-2006 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=598;
- *Universo fértil. Entrevista com George Coyne*. Publicada nas *Notícias do Dia*, em 05-07-2009 e disponível no endereço eletrônico http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23663.

PARTICIPE DO IHU IDEIAS.

NAS QUINTAS-FEIRAS, DAS 17H30MIN ÀS 19H, NA SALA 1G 119 - IHU.

Evolução e o futuro infinitamente expansivo

Para Teilhard, matéria e espírito são termos que se referem propriamente não a substâncias distintas, mas a tendências na evolução do Universo, defende John Haught

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO ANA PAULA PENKALA

“**A**inda hoje não há melhor lugar para a teologia cristã para iniciar uma conversa com Darwin sobre Deus do que olhando para síntese da evolução e da fé por Teilhard”. Essa é a compreensão do teólogo norte-americano John Haught, que aceitou conceder a entrevista que segue à **IHU On-Line**, por e-mail, sobre Teilhard de Chardin. Haught defende que, “para Teilhard, religião é a forma pela qual o Universo, agora que atingiu o nível de autoconsciência, continua a sua eterna busca por seu derradeiro Centro e Meta. Portanto, a religião, em vez de ser uma oposição à evolução, é essencial para o seu futuro”. John Haught ainda acrescenta que “teologicamente falando, nos termos de Teilhard, o que está realmente acontecendo no cosmos é que Deus está se tornando cada vez mais encarnado (...) e o mundo está explodindo ‘para cima de Deus’. Para Teilhard, a evolução está ocorrendo, fundamentalmente, não simplesmente por acaso e por determinismo cego (...), mas porque Deus se aproxima do mundo e o convida a novos níveis de existência, respeitando sua espontaneidade ao mesmo tempo”.

Haught é professor de Teologia da Universidade de Georgetown, Estados Unidos, e membro sênior do Woodstock Theological Center. Graduado em Filosofia pela St. Mary's University, de Baltimore, é mestre e PhD. pela Catholic University of America, Washington, com a tese *Foundations of the hermeneutics of eschatology*. É autor de inúmeros livros, dentre os quais destacamos *Deeper than Darwin: the prospect for religion in the age of evolution* (Boulder, Colo: Westview Press, 2003); *Purpose, evolution and the meaning of life* (Ontario: Pandora Press, 2004); *Is nature enough: meaning and truth in the age of science* (Cambridge: Cambridge University Press, 2006) e *Christianity and science* (Maryknoll: Orbis Press, 2007). Em português, leia *Deus após Darwin. Uma teologia evolucionista* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Teilhard de Chardin para os campos da ciência e da fé?

John Haught - Teilhard trouxe uma nova e profunda contribuição ao estudo da Natureza. Ele colocou o que chamamos de mente ou “reflexão” de volta no Universo, considerando que muito do pensamento moderno assumiu que mente e experiência subjetiva não são realmente parte do mundo natural. Considerando a relação da religião com a ciência, as vantagens que vêm de colocar a mente num *continuum* com a Natureza não podem ser exageradas. Uma vez que a mente retornou ao seu lugar apropriado na Na-

tureza, dois dos maiores desafios que a religião enfrenta numa era da ciência começam a se dissolver. O primeiro deles é o desafio à religião, colocado pelo mecanismo-materialismo, uma visão das coisas que Teilhard expôs, na melhor das hipóteses, como uma abstração útil. O segundo é a questão de como pensar a ação divina no mundo da Natureza. Ao reconhecer que a subjetividade humana é um contínuo com toda a história do Universo, Teilhard percebeu que não há uma clara separação de “matéria” do domínio da mente ou espírito. Assim, a ação de Deus (a quem as religiões identificam como o epíteto do “espírito”)

no mundo físico é possível porque as “coisas” do Universo nunca foram separáveis da consciência e do espírito. Não existe tal coisa como um domínio essencialmente negligente de matéria inerentemente fechado à influência de Deus.

Para Teilhard, matéria e espírito são termos que se referem propriamente não a substâncias distintas, mas a tendências na evolução do Universo. “Matéria” designa a inclinação das entidades de escorregarem para a condição de multiplicidade e dispersão que constituem as primeiras etapas do processo cósmico, ao passo que o “espírito” representa a propensão

dos seres a convergir para a unidade complexa e diferenciada em torno de um centro ou uma meta. Essa meta é, em última instância, o que os cristãos chamam de Deus. Deus age no universo, trazendo unidade à multiplicidade representada pelo termo “matéria”. Essa convergência para Deus é o que está acontecendo nas profundezas da evolução.

IHU On-Line - De que forma a obra de Chardin compatibiliza a fé cristã e a ciência moderna?

John Haught - Teilhard pensa sobre o Deus da evolução não como “acima”, mas como “à frente”. Deus vem ao mundo vindo do futuro. Apenas pela mudança para uma perspectiva futurista, cheia de esperança, o pensamento cristão pode ligar o Deus promissor da fé bíblica com a ciência e, especialmente, à nova imagem da vida por Darwin. O Universo, como implica a evolução, ainda está por ser. É um trabalho em progresso, e, por enquanto, ele permanece inacabado. Ele continua a ser traçado para o futuro pelo poder atrativo de um Deus que cria o mundo oferecendo-lhe novas possibilidades de tornar-se mais - ou seja, oportunidades para modos de existência mais intensos e valorosos. Como cientista, Teilhard aceita a evolução darwinista, mas purgada de qualquer interpretação materialista.

A história evolutiva em que a totalidade da criação sofre uma transformação de modos de existência mais simples para os mais complexos carrega um significado profundo de que a fé cristã pode iluminar e, assim, inspirar a fé cristã no nosso tempo. O Deus de evolução cria continuamente um novo mundo não por empurrar as coisas do passado para frente, mas desenhando o mundo em direção a um novo futuro dali em diante. O futuro é a principal morada de Deus. Apesar de Deus abraçar presente e passado, Ele é mais poderosamente eficaz agora abrindo todas as coisas para um futuro infinitamente rico. Deus está intimamente envolvido em cada momento presente exatamente por abrir esse momento para um novo futuro. O mundo repousa sobre esse futuro, Teilhard diz, como o

seu “único apoio”. Aqui, as reflexões de Teilhard permanecem muito próximas ao entendimento bíblico de Deus como aquele que promete. Ele acrescenta, porém, que na era da ciência, temos que perceber que a promessa de Deus não é apenas para Israel, a Igreja e a história humana, mas também para todo o Universo. A derradeira explicação da evolução é a vinda (ou advento) de Deus para o mundo de um futuro infinitamente expansivo.

IHU On-Line - Quais das ideias de Teilhard de Chardin são as mais instigantes e visionárias em ambos os pontos de vista?

John Haught - Podemos resumir as ideias mais importantes e visionárias de Teilhard assim:

“Deus age no universo trazendo unidade à multiplicidade representada pelo termo ‘matéria’. Essa convergência para Deus é o que está acontecendo nas profundezas da evolução”

1) O universo inteiro está em evolução. Teilhard foi um dos primeiros cientistas no século passado a reconhecer que todo o cosmos, e não apenas as fases da vida e da existência humana, é uma história importante. Sobre a evolução da Terra já trouxe a esfera da matéria (geosfera) e da vida (a biosfera). Agora se está criando a esfera da mente/espírito (a noosfera).

2) Existe uma clara orientação para a história cósmica. Apesar da óbvia curva, o caráter de “arbusto ramificado” da evolução da vida, o universo como um todo claramente se moveu na direção da complexidade organizada crescente. O processo já passou

pelas fases pré-atômica, atômica, molecular, unicelular, multicelular, dos vertebrados, dos primatas e dos humanos. Durante essa viagem, manifestou uma intensificação mensurável de complexidade organizada. (Quem pode negar que o cérebro humano é infinitamente mais complexo em sua organização que um átomo ou célula?) Podemos apenas cogitar aonde a evolução cósmica irá agora tomar alguma tendência futura para complexificar. Mas já vemos a complexificação começando a tomar espaço em escala global. Tecnologias emergentes, redes de comunicação, sistemas educativos e econômicos etc. estão provocando um novo tipo de complexidade organizacional na Terra, a noosfera. Teilhard não viveu para ver a Internet, mas as suas ideias claramente anteciparam esse tipo de desenvolvimento.

3) Durante o curso da evolução, a consciência continua crescendo em proporção direta ao aumento da complexidade física organizada. Teilhard chama isso de “lei da Complexidade-Consciência”. A grosso modo, conforme a matéria se tornou mais complexa em sua organização, a percepção [conhecimento] e, eventualmente (especialmente em nós, humanos) autopercepção [autoconhecimento] surgiu. E não há razão para suspeitar que a lei da Complexidade-Consciência, tendo atingido o nível da consciência humana, vá agora ser suspensa.

IHU On-Line - No que consiste a evolução na concepção de Chardin? Há muitas diferenças em relação a Darwin? Quais seriam essas diferenças?

John Haught - Teilhard aceita a visão darwinista de que, a partir de uma perspectiva científica convencional, a evolução envolve o jogo de azar e o mecanismo de seleção natural cega operando sobre um enorme espaço de tempo. Mas em um nível mais profundo, algo mais importante está acontecendo, algo que a biologia darwiniana ignora. Teologicamente falando, nos termos de Teilhard, o que está realmente acontecendo no cosmos é que Deus está se tornando cada vez mais encarnado (um ponto testemunhado especialmente pelos ensinamentos cris-

tológicos), e o mundo está explodindo “para cima de Deus”. Para Teilhard, a evolução está ocorrendo, fundamentalmente, não simplesmente por acaso e por determinismo cego - embora isso possa ser tudo o que conseguimos ver, em um nível científico -, mas porque Deus se aproxima do mundo e o convida a novos níveis de existência, respeiando sua espontaneidade ao mesmo tempo. Diferentemente de Darwin e evolucionistas materialistas contemporâneos, Teilhard não podia separar evolução de um princípio divino de criatividade e cuidado que permite a novidade emergente e garante a meritocracia do devir do mundo. Em última análise, a vida, o esforço humano e o processo cósmico seriam um absurdo, separados de um eterno princípio de criatividade e cuidado que inspira o processo cósmico e salva o mundo do absoluto perecimento. Algo grande está em vigor no cosmos só porque este está intimamente relacionado com a vida de Deus. Para Teilhard, o cosmos é a matriz da complexidade emergente, da vida, da consciência, da personalidade e do espírito. Esses resultados são possíveis, porém, em última instância, por causa de uma influência divina operativa em um nível de realidade profundo demais para a ciência comum entender. Teilhard ainda permite que Deus seja, em certo sentido, alterado por aquilo que acontece no mundo, sem que isso diminua, de forma alguma, a perfeição divina. Ele concorda com a tradição teológica que diz que Deus é auto-suficiente, mas ele propõe que “o Universo contribui com algo que é absolutamente necessário [para Deus]”.

IHU On-Line - Quais são as principais proposições darwinianas que influenciaram Chardin?

John Haught - A receita para a evolução darwinista é constituída por três componentes principais: acidentes, seleção natural e tempo profundo. Teologicamente, Teilhard está completamente confortável, realmente entusiasmado, com esta explicação darwinista dos resultados evolutivos. Ou o próprio Darwin teria aceitado que o acolhimento religioso da evolução por Teilhard é duvidoso. É importante lembrar, no en-

“Como cientista, Teilhard aceita a evolução darwinista, mas purgada de qualquer interpretação materialista”

tanto, que o Deus que Darwin eventualmente renegou foi o muito limitado criador divino de William Paley¹ e da teologia natural do século XIX, não o Deus bíblico do futuro no qual Teilhard acreditava. Teilhard estava muito impressionado com a notável consonância entre a evolução e o sentido bíblico do Deus que está chegando. O quadro geral da sua teologia da evolução é uma fé cristã cheia de esperança, especialmente como expressa nas cartas de São Paulo. Essa visão religiosa é compatível com a ciência e a biologia evolutiva contemporânea de Darwin, embora ela olhe para a vida de uma outra perspectiva que não a da ciência. As ideias de Teilhard realmente pareciam demasiado darwinianas para o Vaticano enquanto ele estava vivo. Ele não obteve permissão da Igreja para publicar o *Fenômeno Humano* e muitos outros escritos sobre fé e evolução, mas uma reação defensiva da evolução ainda prevalece no catolicismo oficial durante a primeira metade do século XX. Consequentemente, as ideias de Teilhard sobre a evolução e o cristianismo pareciam demasiado ousadas para os seus censores eclesiásticos. Funcionários da Igreja ficaram especialmente preocupados que um entendimento evolucionário do surgimento da humanidade prejudicaria os ensinamentos cristãos sobre o pecado original. Hoje, a sombra da desconfiança sob a qual alguns católicos eclesiásticos anteriormente colocaram Teilhard quase desapareceu, exceto entre os devotos mais reacionários da espiritualidade pré-Vaticano II. Na verdade, os documentos promulga-

¹ William Paley (1743-1805): teólogo e filósofo britânico, autor da obra *Natural Theology*. Argumentou que a complexidade e adaptações dos seres vivos eram prova da intervenção divina na criação. (Nota da IHU On-Line)

dos pelo Concílio Vaticano II claramente contêm o carimbo da teologia evolucionária dos geólogos jesuítas. Em minha opinião, portanto, ainda hoje não há melhor lugar para a teologia cristã para iniciar uma conversa com Darwin sobre Deus do que olhando para síntese da evolução e da fé por Teilhard. Aqui o que sobressai é, em primeiro lugar, a recusa de Teilhard de proteger o pensamento cristão de um contato próximo com a ciência evolutiva e, em segundo lugar, o seu sentido da necessidade de expandir e aprofundar a nossa compreensão de Deus em harmonia com a descoberta da ciência do drama da vida e do crescimento da imagem do cosmos pela astronomia, uma impressão que aumentou a trancos e barrancos desde a época de Darwin.

Mentes teologicamente tímidas ainda consideram a ampliação do Universo por Teilhard, e seu correspondente alargamento do conceito de Deus, como quase heréticos, mas Teilhard não é mais inovador e controverso do que muitos outros pensadores cristãos foram em suas próprias épocas. Por exemplo, Justino,² Orígenes,³ Irineu de Lyon,⁴ Gregório de Nissa,⁵ Agostinho de Hipona,⁶ Tomás de Aquino⁷ e

² Justino (aproximadamente 105-165): filósofo cristão, tentou colocar a filosofia platônica e algumas doutrinas estoicas a serviço dos dogmas do cristianismo. (Nota da IHU On-Line)

³ Orígenes (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Irineu de Lyon, ou Irineu de Lião (130-202 d. C.): padre da igreja, teólogo e escritor cristão, é considerado santo pelas igrejas Católica Romana e Ortodoxa. Seu dia é comemorado, pela primeira vez no ano, em 28 de junho, e pela segunda em 23 de agosto. (Nota da IHU On-Line)

⁵ São Gregório de Nissa (330-395): teólogo, místico e escritor cristão. Padre da Igreja e irmão de Basílio Magno, faz parte, com este e com Gregório Nazianzeno, dos assim denominados Padres Capadócios. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão.

muitos outros foram todos bastante ousados em suas próprias tentativas de dar sentido ao cristianismo em suas próprias definições culturais e históricas. Para Teilhard, o contexto intelectual de qualquer teologia crível hoje é moldado principalmente pela ciência e, sobretudo, pela evolução. Então o que é necessário teologicamente é uma profunda reinterpretação do ensino cristão sobre Deus, Cristo, criação, encarnação, redenção e escatologia em sintonia com o desvelamento de Darwin da longa evolução da vida e divulgação da cosmologia contemporânea da contínua expansão dos céus. O primeiro passo para a necessária revisão teológica, porém, é distinguir a ciência evolutiva da ciência do materialismo filosófico que aleijou o pensamento-mundo [mundo pensado por] de tantos cientistas darwinistas desde muito antes da época de Teilhard e que persiste hoje. Teilhard está convencido de que a evolução não é redutível a uma reorganização dos átomos ao longo do tempo, e ele teria rejeitado a alegação de Richard Dawkins⁸ de que, no fundo, a evolução é redutível a um rio de genes fluindo cegamente de uma geração para a seguinte. Embora Teilhard aceite o fato de que átomos estão sendo embaralhados e genes estão fluindo em evolução, ele está con-

vencido de que algo muito mais significativo também está ocorrendo em um nível mais profundo da evolução, um grande drama que aqueles que foram iniciados apenas no mundo do materialismo científico simplesmente não serão capazes de ver.

IHU On-Line - Há influências de Chardin no conceito que o senhor desenvolve de “teologia evolucionista”?

John Haught - Encontrei, pela primeira vez, as ideias de Teilhard de Chardin no início dos meus vinte anos, logo após o Concílio Vaticano II, cujo avanço nos documentos as próprias ideias do famoso geólogo jesuíta ajudaram a moldar. Inúmeras pessoas no mundo todo se animaram com suas ideias na época do Concílio, e fui cativado também. Posso atribuir minha decisão de me tornar teólogo e, mais tarde,

“Teilhard não viveu para ver a Internet, mas as suas ideias claramente anteciparam esse tipo de desenvolvimento”

meu entusiasmo por tomar parte nas discussões da ciência e religião contemporâneas em grande medida a este aventureiro pensador cientista e religioso. Com o passar dos anos, a inadequação de qualquer grande pensador se tornou mais visível, e Teilhard não é exceção. Mas que ele tem permanente relevância em várias áreas, não tenho dúvidas. O mais importante para mim é que Teilhard busca substituir a visão de mundo materialista em que muitos darwinistas acreditam pelo que poderia ser chamado de uma visão de mundo “futurista” no qual o que é “realmente real” vem para o campo da nossa visão apenas enquanto olhamos para frente, em direção a uma unificação dos elementos cósmicos dispersos no futuro de Deus. Essa antiga compreensão cristã da criação como se movendo em direção à futura renovação muitas vezes se perdeu durante os longos séculos da teologia platonicamente mol-

dada, que pinta Deus como uma eterna presença, como Ser imutável, vertical e hierarquicamente acima e fora do mundo do devir. Depois de Darwin, no entanto, o mundo criado parece mais uma casa numa acepção bíblica, uma sintonia com a intuição abraâmica e do início do cristianismo que a derradeira realidade se torna no presente como um futuro sempre se renovando. O sentido teilhardiano de que o Universo repousa sobre o futuro “como o seu único apoio” é fundamental para a minha própria teologia da evolução.

IHU On-Line - Para Chardin, Deus faz as coisas fazerem a si mesmas. Seria esse o pilar fundamental da criação contínua?

John Haught - A criação pode ocorrer de três formas. Existe criação original, claro, mas há também criação contínua e nova criação. Criação contínua significa que Deus dá existência permanente ao mundo. E a nova criação, que tradicionalmente aponta em direção à re-criação do mundo no fim dos tempos, implica que as formas sem precedentes de existência podem continuar aparecendo no decorrer da história natural. Portanto, a ideia de que a Natureza possa dar origem a novos tipos de ser durante a passagem do tempo jamais deveria ter sido perturbadora para os cristãos. A ideia de que o mundo pode mudar dramaticamente, e que a vida de algum modo “evolui”, é antiga. Santo Agostinho (354-430) propôs que os novos tipos de vida passam a existir durante o curso do tempo terrestre a partir de “princípios sementes” semeados pelo Criador no início. Hoje, é normal a teologia cristã reconhecer que a criação de novos seres ainda está acontecendo. Deus não é apenas aquele que inicialmente cria e, posteriormente, sustenta a existência do mundo, mas também “aquele que faz novas todas as coisas” (Isaías 42:9; Apocalipse 21:5). Uma vez que a criação ainda não está concluída, um considerável espaço doutrinal se mantém na tradição teológica para acomodar as provas científicas da “descendência com modificação” da vida por meio da seleção natural. A maioria dos cristãos educados cientificamente não enxerga qualquer conflito entre a ideia

Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e popular escritor de divulgação científica britânico, natural do Quênia, além de professor da Universidade de Oxford. É conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, ele realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O Fenótipo Estendido*, de que o efeito fenotípico não se limita ao corpo de um organismo, mas sim de que o efeito influência no ambiente em que vive este organismo. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Ele também defende e divulga correntes como o ateísmo, ceticismo e humanismo. (Nota da IHU On-Line)

darwinista de ascendência comum e a doutrina teológica de contínua e nova criação. Os crentes não têm de escolher entre ascendência evolutiva e Deus. Na verdade, a ideia de ascendência comum como tal não precisa implicar qualquer diminuição no poder de Deus para criar. Pense no Criador como trazendo à existência um mundo que pode, por sua vez, dar origem espontaneamente à nova vida e conveniente diversidade e, eventualmente, aos seres humanos. A evolução, nesse caso, é o desdobramento do engenho do Deus-dotado do mundo original. O divino Criador de um tão autocriativo mundo é muito mais impressionante - e, por conseguinte, digno da reverência e gratidão humanas - do que é um “designer” que molda e micro-administra tudo diretamente. O ponto não é que Deus faz as coisas, mas que “Deus faz as coisas se fizerem”, como Charles Kingsley,⁹ Pierre Teilhard de Chardin, Frederick e outros pensadores religiosos colocaram. A teologia não tem geralmente se oposto à crença de que a criação propriamente dita pode continuar criando, no modo de causalidade secundária. Mesmo no Gênesis, Deus diz: “Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez.” (Gênesis 1:24). Deus é a causa subjacente, mas Ele trabalha por meio da legalidade e espontaneidade da Natureza.

IHU On-Line - Qual é o espaço da ética nesse mundo de criação contínua?

John Haught - A fim de agir de forma responsável, não é suficiente saber só o que está acontecendo localmente, mas também no Universo como um todo. Analisar cuidadosamente o que foi acontecendo no largo Universo antes do surgimento dos humanos pode fornecer, pelo menos, as diretrizes gerais para o que nós deveríamos estar fazendo agora eticamente. O homem moderno, infelizmente, tem tentado ser ético sem procurar mais profundamente por orientação do que nas esferas histórica, social e econômica.

⁹ Charles Kingsley (1819-1875): romancista inglês. (Nota da IHU On-Line)

Mesmo crentes religiosos têm pensado em virtude sem considerar muito o contexto cósmico de suas vidas. Infelizmente, para a espiritualidade e teologia ocidentais, o cosmos ainda funciona predominantemente como um fundo neutro para a ação humana e não como uma fonte profunda de incentivo ético e *insight*. Com os olhos fixos sobre as descobertas da ciência, no entanto, Teilhard desenvolveu uma visão da realidade na qual ver o que está acontecendo no Universo é essencial para compreendermos o que temos de fazer. Amparado pelo sentido de um Universo onde algo importante já havia se tornado antes da vinda dos homens, Teilhard percebeu que a nossa própria ação moral pode ser interpretada realisticamente como contribuindo para o maior empreendimento cósmico. Uma convicção cientificamente embasada de que nossas

“As ideias de Teilhard realmente pareciam demasiado darwinianas para o Vaticano enquanto ele estava vivo”

próprias vidas e trabalhos estão sendo tecidos em um tear criativo que é do âmbito cósmico pode dar o necessário propósito e entusiasmo para as nossas vidas e despertar a nossa aspiração moral. A evolução nos ensinou que o Universo lutou para tornar-se mais ao longo da sua longa história. E tornar-se mais significa tornar-se mais vivo, mais consciente e mais liberto do determinismo cego. Teilhard refere-se a esse processo como o surgimento do espírito. Assim, nosso dever ético é participar e promover esse projeto ainda longe de terminar. A base inicial da existência ética é que já estamos imersos em um fluxo cósmico de consciência e espírito emergentes. O Universo ainda está dando à luz consciência e espírito, e nossa vocação é contribuir para esse processo.

IHU On-Line - Que elementos a obra de Chardin fornece para repensarmos a eticidade na relação com o Outro?

John Haught - Se você seguir o caminho da evolução, você ainda tem que fazer uma escolha entre se pretende “evoluir” por si próprio ou em comunhão com outros. Com a ênfase no individualismo dos tempos modernos, é uma tentação muito forte fazê-lo sozinho. Mas individualismo é um beco sem saída evolutivo e ético. É somente por meio do caminho de comunhão, de entrar em cooperação com outros, que a evolução avança em direção a algo de mais valor e importância. E você não precisa ter medo de que essa comunhão vá roubá-lo de sua individualidade. Na verdade, você está indo encontrar o seu verdadeiro e único indivíduo apenas por se envolver com outros em “uma grande esperança mantida em comum”. Para Teilhard, um princípio fundamental de evolução e de toda a realidade é que a verdadeira união diferencia. A verdadeira união não homogênea ou reduz as coisas à uniformidade. A verdadeira união paradoxalmente permite que o outro seja, e permite que os componentes de qualquer unidade mais abrangente alcancem sua liberdade, sua individualidade, a sua independência precisamente na sua relação com os outros. Como sabemos isso? Sabemos isso porque, se olharmos para a forma como a evolução funcionou no passado, podemos ver que passou de um nível para o outro apenas passando recorrentemente por três frases: a fase de divergência, seguida pela convergência, seguida pela emergência. Eu não posso entrar em detalhes com cada fase aqui, mas deixe-me exemplificar a questão, analisando a evolução das células vivas. Quando as células individuais (formas unicelulares de vida) começaram a habitar este Planeta, elas levaram - como sabemos agora - alguns bilhões de anos simplesmente se espalhando por toda a superfície do globo. Essa foi a fase de divergência. Mas, em um determinado ponto, no passado, um limiar crítico foi ultrapassado e, em seguida, a fase da convergência começou a ocorrer: as células começaram a coagular, primei-

ro em associações desconectadas, mas depois em cada vez mais fortemente integradas formas de comunhão. Essa foi a fase de convergência. Finalmente, num ponto de convergência muito intensa, o aparecimento de algo novo, ou seja, os multicelulares, organismos autointegrados, ocorreram. Então, o modelo, mais uma vez, é este: divergência, seguida de convergência, seguida por emergência. E a mesma sequência se repetiu nas outras fases da complexificação da matéria. Agora vamos passar para a última fase dominante na evolução, o período da história cósmica quando o homem entrou em cena. Nossa espécie gasta mais do que os primeiros 100.000 anos de sua existência neste Planeta espalhando-se ou divergindo-se em padrões tribais de existência. Então, entre cerca de cinco a oito mil anos atrás, em locais como a bacia do Nilo e Mesopotâmia, indivíduos humanos e tribos começaram a convergir mais fortemente um para o outro, primeiro nas antigas cidade-estado, mas mais recentemente nos estados-nação, e mais recentemente ainda no que Teilhard chamou planetização e a noosfera. Se olharmos para o que tem acontecido recentemente no campo da política, economia e tecnologia, especialmente nas comunicações, parecerá que a Terra está passando por um processo muito rápido de convergência agora. Em escala planetária, estamos neste momento passando o limiar da divergência para a convergência - de uma maneira ambígua e incerta. Agora temos de imaginar como a vida na Terra será, psiquicamente falando, Teilhard diz, um milhão de anos a partir de agora, tendo em mente que um milhão de anos não é muito tempo em termos de evolução. Então, não devemos desistir de nós mesmos. Somos ainda muito novos para a evolução. É mesmo possível que algo surpreendentemente novo esteja nascendo no Universo através de nós? O que Teilhard viu acontecer agora em nosso Planeta o lembrou do que tinha ocorrido há muito tempo na evolução, quando o cérebro primata tornou-se suficientemente complexo para que o salto para o "pensamento" acontecesse. A lei de complexidade -

consciência - em que a consciência e, portanto, a intensidade da existência corresponde ao grau de complexidade física organizada - permeia tudo o que Teilhard escreve. Além disso, como um devoto cristão, Teilhard tinha lido as cartas de São Paulo com muito cuidado. Ele levou a sério a percepção de Paulo de que todo o Universo desembocou para a nova criação, que o corpo de Cristo foi formado de muitos membros e que este corpo foi estendido por todo o Universo. Essa visão paulina foi uma que Teilhard queria transplantar para os conceitos de evolução do século XX.

IHU On-Line - Como podemos compreender o conceito de noosfera na sociedade globalizada e digital que vivemos?

John Haught - Agora podemos ver que um processo de complexificação como esse da evolução do cérebro está ocorrendo em escala planetária: a Terra está tecendo em torno de si mesma algo análogo ao cérebro. Se o paralelismo é instrutivo, por que não deveríamos antecipar que algo importante está em vigor sobre esta Terra e possivelmente noutros locais do Universo? Algo novo e inimaginavelmente complexo ainda está sendo criado. E não temos quase uma obrigação ética de participar nessa aventura em curso da criação? Mas agora vamos levar estas reflexões ainda mais adiante e refletir sobre a possibilidade de vida inteligente noutros locais do Universo. Acho que se estivesse vivo hoje, Teilhard provavelmente iria prestar ainda mais atenção nesse tema do que as poucas observações dispersas que fez sobre isso. Creio que o pensamento de Teilhard pode ser estendido numa era de SETI (The Search for Extraterrestrial Intelligence - A busca por inteligência extraterrestre) da seguinte forma: começemos com aquilo que sabemos. Sabemos que, por todo o Universo, tem havido um aumento gradual na complexidade física organizada, começando com a matéria pré-atômica, passando depois para os átomos, moléculas e os compostos de carbono que compõem o equivalente a 40% da poeira interestelar. Sabemos,

sem dúvida, que o processo de complexificação tem avançado pelo menos até aqui por todo o cosmos. Sabemos também que, pelo menos na Terra, o processo de complexificação da matéria foi ainda mais longe. Das moléculas orgânicas surgiram células, organismos, animais vertebrados, primatas e humanos. E agora a noosfera começa a assumir uma forma ainda mais complexa, em escala planetária. Quem sabe o que mais pode surgir além disso? Agora, de acordo com Teilhard, sabemos também que, em proporção direta ao aumento da complexidade física organizada, ao menos em nosso Planeta, tem surgido um aumento correspondente na consciência. Então, já não temos uma estrutura em termos daquilo que poderíamos fazer de sentido científico e teológico da vida inteligente extraterrestre se nós nunca a encontramos? Teilhard experimentava apenas timidamente essas ideias durante a sua vida. Mas, na base da sua compreensão geral da evolução, não é possível que, se calhar de a inteligência extraterrestre ser abundante, então algo como noosferas extraterrestres também possam estar em processo de criação? Se esse acaba por ser o caso, então essas noosferas individuais tornar-se-iam as unidades fundamentais de uma inimaginável extensão da consciência cósmica. Nós ainda não sabemos como isso seria possível, uma vez que as noosferas teriam que se comunicar uma com a outra se uma nova fase de convergência está para ocorrer. E, sem dúvida, essas especulações irão soar demasiado ousadas [selvagens] para a maioria das pessoas. No entanto, pelo menos, Teilhard fornece um quadro inteligível para pensar sobre essas possibilidades no contexto de um Universo premeditado.

Na evolução, naturalmente, as coisas tomam milhões e milhões de anos, mas a formação da noosfera até então é uma questão de apenas milhares de anos e, na sua última fase, apenas os últimos 200 anos. Portanto, não devemos supor que a busca do Universo por mais e mais complexas evoluções físicas está em seu fim. Talvez, para tudo o que sabemos, a criação evolutiva ainda está em sua aurora cósmica. A

Terra, tendo agora atingido o nível da noosfera, parece estar indo na direção de uma consciência global ou planetária. A Terra e o Universo como um todo estão avançando em direção a um novo e maior centro. Teilhard abstratamente se refere a este centro (ou objetivo) como “Omega”, a última letra do alfabeto grego. Teologicamente falando, o Omega é Deus. Agora que o Universo atingiu o estágio de noosfera, qual é a forma que toma a procura pelo Omega? Ela assume muitas formas, mas a mais característica maneira em que a busca continua é a da religião. Religião se encaixa no Universo evolucionário como o caminho pelo qual a vida consciente exerce a busca do Omega. Todas as religiões têm a tendência de procurar uma maior realidade ou um supercentro, como chamou Teilhard. E, naturalmente, para Teilhard - que era um cristão - o nome deste supercentro é Deus. Teilhard entendia Deus como tendo-se tornado encarnado em Cristo, e ele compreendeu Cristo como o objetivo físico da evolução cósmica. Mas, em todas as religiões, e não apenas no cristianismo, a busca de um supercentro já se dá desde o tempo das primeiras manifestações de anseio espiritual. Consequentemente, devemos olhar para a religião não só teologicamente, historicamente, psicológica ou sociologicamente, mas também cosmologicamente. Para Teilhard, religião é a forma pela qual o Universo, agora que atingiu o nível de autoconsciência, continua a sua eterna busca por seu derradeiro Centro e Meta. Portanto, a religião, em vez de ser uma oposição à evolução, é essencial para o seu futuro.

LEIA MAIS...

>> John Haight já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *Uma teologia da evolução precisa mostrar que a fé bíblica não contradiz o caráter evolutivo do mundo* - publicada na IHU On-Line, número 245, de 26-11-2007, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=834;
* *A nossa compreensão de Deus não pode ser a mesma depois de Darwin* - publicada na IHU On-Line, número 300, de 13-07-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1702&id_edicao=328.

Teilhard e o “mover-se para” a complexidade, a vida, a consciência

Segundo o cientista italiano Ludovico Galleni, Teilhard de Chardin propõe um novo instrumento: a árvore em lascas. De um núcleo central se separam várias lascas que, no entanto, ao invés de divergir, procedem por certo tempo paralelas

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Ao falar sobre a reflexão de Teilhard de Chardin acerca da natureza e de Deus, o cientista e professor italiano Ludovico Galleni alerta que é preciso ser muito claro nesse tema, em função do risco de interpretar, de maneira panteísta, a obra de Teilhard. Na realidade, explica ele, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line, “a natureza não é Deus, porém o mostra, através das indagações sobre os seus mecanismos, graças aos quais evolve um movimento geral, que, no final, ela conduz a uma humanidade que é capaz de uma aliança com o Criador, a qual faz com que o próprio cosmo se torne ‘hóstia viva’”. Para ele, “o aspecto mais fascinante de Teilhard é não ver a perfeição no passado como uma perfeição alterada pelo pecado do Homem, mas, no futuro, na Terra construída com a aliança”.

O fascínio da proposta teológica teilhardiana, na visão de Galleni, está no fato de que “a escatologia não se refere à salvação de cada um no Paraíso, mas de toda a humanidade sobre a Terra e no cosmo, construída na justiça”. E ele ainda identifica que partiu deste ponto a teologia da libertação, que “permanece como um aspecto fundamental para construir a Terra e, talvez, seja um dos frutos mais fecundos da perspectiva teilhardiana”.

Ludovico Galleni é professor, entre outras disciplinas, de Zoologia Geral e Biologia Evolucionária na Faculdade de Ciências da Agricultura na Universidade de Pisa, Itália, bem como Ciência e Teologia. É membro do corpo editorial da *Rivista di Biologia*. Graduou-se em Ciência Natural pela Universidade de Pisa, onde realizou pesquisas no Instituto de Zoologia e Anatomia Comparativa. Atualmente, trabalha com modelos de simulação matemática relacionados à evolução da biosfera e ecossistemas e a aplicação de técnicas de vida artificial. Um de seus temas de interesse contínuo é a Teoria da Evolução para explorar a possibilidade da teoria Bioesferocêntrica, cujo precursor foi o cientista jesuíta Teilhard de Chardin. Por essa razão, iniciou um projeto de pesquisa sobre Chardin e esse assunto. É autor das obras *De Darwin a Teilhard de Chardin*, *Interventi sull'evoluzione* (1983- 1995). (SEU: Pisa, 1996) e *Biologia* (La Scuola: Brescia, 2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a principal contribuição de Teilhard de Chardin para o diálogo entre ciência, filosofia e teologia?

Ludovico Galleni - A principal contribuição de Teilhard de Chardin a esse diálogo foi precisamente a de admi-

tir, do ponto de vista epistemológico, a legalidade do próprio diálogo: embora estejam se movendo paralelamente, ciência, filosofia e teologia convergem, como os meridianos que correm paralelos ao longo do globo terrestre, mas convergem nas vizi-

nhanças do pólo. Isto quer dizer que há pontos de contato e que estes pontos devem ser objeto de indagação como instrumentos característicos das três disciplinas que se confrontam e se integram.

IHU On-Line - O que resume a reflexão de Teilhard sobre a natureza e sobre Deus?

Ludovico Galleni - Aqui é preciso ser muito claro, porque existe o risco de interpretar de maneira panteísta a obra de Teilhard. Na realidade, a natureza não é Deus, porém a mostra, através das indagações sobre os seus mecanismos, graças aos quais evolve um movimento geral, que, no final, ela conduz a uma humanidade que é capaz de uma aliança com o Criador, a qual faz com que o próprio cosmo se torne “hóstia viva”, como disse recentemente o Papa Bento XVI¹: “A função do sacerdote é consagrar o mundo para que se torne hóstia viva, para que no mundo se torne liturgia. É a grande visão que teve depois Teilhard de Chardin: no final, teremos uma verdadeira liturgia cósmica, onde o cosmo se torne hóstia viva.” Por conseguinte, o cosmo, a natureza e a matéria se tornam, não alternativas para a salvação, mas instrumentos necessários para a salvação da humanidade em sua inteireza. Não podemos deixar de sublinhar com alegria a referência do Papa a Teilhard e também a uma das partes mais controversas e difíceis de sua obra, a relação entre o cosmo e a Eucaristia. Isto nos recompensa de todas as dificuldades e das amarguras suportadas trabalhando sobre Teilhard de Chardin.

IHU On-Line - Quais são as características dadas por Teilhard de Chardin ao nosso universo em permanente construção e evolução?

Ludovico Galleni - É um universo im-perfeito, no qual a ordem entra progressivamente e pouco a pouco, graças ao lento e contínuo processo de

complexificação da matéria, graças aos efeitos limiares (ou de fronteira) como os da vida e do pensamento e graças à obra do ser pensante que reconhece e aceita a aliança. A ordem não se dá, portanto, num passado ao qual se deve retornar, mas num futuro a construir.

IHU On-Line - Qual é a herança deixada por Teilhard de Chardin no sentido da superação de modelos somente causais da evolução? O que ele nos sugere?

Ludovico Galleni - Teilhard escreve claramente que é preciso reinserir

**“Desenvolvendo o
pensamento
teilhardiano, o pecado
original não é tanto uma
queda, porque não há
sinal de queda na
história da vida, nem
uma culpa de um casal
originário, porque não
há sinal de um casal
originário nas origens da
humanidade”**

um fator preferencial no interior dos mecanismos casuais. Ele não nega, portanto, que, na evolução, existam também fenômenos estocásticos, mas emerge, com uma análise das grandes linhas evolutivas, a análise que faz parte dos instrumentos de indagação do paleontólogo, um mecanismo preferencial, um verdadeiro e próprio mover-se para a evolução, da matéria para a complexidade e da vida para a complexidade e a consciência. Portanto, o ser pensante é o resultado

provável (mas, vistas as dimensões do universo) praticamente certo das linhas para as quais se move a evolução. Mas, para sermos claros, estas linhas são postas em evidência pela reconstrução dos fósseis.

IHU On-Line - Como podemos entender a necessidade, proposta por Teilhard, da emergência do ser humano dentro da natureza? Em que sentido esta necessidade tinha para ele particular importância do ponto de vista teológico?

Ludovico Galleni - Do ponto de vista teológico havia, para Teilhard, a necessidade do ser pensante na economia do Universo. Deus cria para a aliança e a aliança podia ser proposta somente a uma Criatura pensante e livre. Mas, esta necessidade teológica devia deixar vestígios experimentalmente indagáveis. Por isso, uma necessidade da teologia se tornou um instrumento para organizar um programa de pesquisa e isso não deve surpreender: atualmente a epistemologia contemporânea fala de metafísicas influentes... Por conseguinte, devem existir, na evolução, os vestígios ou sinais do “mover-se para”. E eis, portanto, que a indagação paleontológica vem sendo desenvolvida nesta direção. Seja que trabalhe sobre as Pró-símias Europeias, ou sobre os Ratos Talpa do Pleistoceno chinês, Teilhard desenvolve uma linha de indagação que tende a pôr em evidência um “mover-se para”, demonstrado pelos paralelismos que caracterizam a evolução. E o mais importante é aquilo que Teilhard põe em evidência nos animais, o “mover-se para” estruturas cerebrais sempre mais complexas. Esses resultados são de uma linha de indagação científica precisa, da qual, no entanto, são bem visíveis e usadas de maneira correta as sugestões da filosofia e da teologia. Mas as excessivas referências ao acaso de outros autores, por exemplo, de Monod, são também o resultado de indagações endereçadas por sugestões filosóficas, daquela filosofia que Teilhard dizia ser “dos darwinistas radicais”.

¹ <http://www.Radiovaticana.org/itl/Articolo.asp?e304977>. Confira, ainda, a notícia *Para citar Chardin e sua visão do cosmo como “hóstia viva”*, no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=24332. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Quais são os novos modelos sugeridos por Chardin para que possamos reconstruir as árvores da filogênese?

Ludovico Galleni - Para Teilhard, é preciso sublinhar principalmente os paralelismos e as convergências. E, no fundo, Teilhard propõe um novo instrumento: a árvore em lascas. De um núcleo central se separam várias lascas que, no entanto, ao invés de divergir, procedem por certo tempo paralelas.

IHU On-Line - Como pode a questão da evolução ser analisada na ótica da Biosfera?

Ludovico Galleni - Este é o ponto-chave da contribuição teilhardiana sobre os mecanismos evolutivos: ele não se limita a descrever paralelismos e convergências, mas procura também questionar por pistas de indagação para entender suas razões e mecanismos. Nesse ponto (já nos anos 1920), ele propõe a biologia como a ciência do infinitamente complexo, estando cômico que, mudando de escala, entram em jogo mecanismos que se perdem nas escalas mais baixas. É, portanto, aquela visão de conjunto que a indagação populacionista dos anos anteriores à segunda guerra mundial perdia. E é, portanto, uma via para a superação dos modelos reducionistas em biologia. Em Pequim, nos anos 1940, ele propõe uma nova ciência: a Geobiologia, a ciência que deve estudar a Biosfera como um único objeto complexo que evolui. São as leis gerais da evolução da Biosfera que darão a razão do “mover-se para”, “mover-se para” a complexidade, a vida, a consciência. E hoje, a ciência da Biosfera, como justamente havia indicado Teilhard, é um dos instrumentos-chave para entender a evolução.

IHU On-Line - Como se caracteriza o novo modo de ler o problema do pecado original proposto por Teilhard de Chardin?

Ludovico Galleni - Desenvolvendo o pensamento teilhardiano, o pecado original não é tanto uma queda, porque não há sinal de queda na história da vida, nem uma culpa de um casal

originário, porque não há sinal de um casal originário nas origens da humanidade. É, quando muito, uma aliança que falhou no sentido de que Abraão, que aceita finalmente a aliança que Deus propõe, é figura recente na história do Homem. Há, então, um longo caminho distante da aliança, que é indicado pelo escritor bíblico com o termo de pecado original. Mas, o aspecto mais fascinante de Teilhard é não ver a perfeição no passado como uma perfeição alterada pelo pecado do Homem, mas, no futuro, na Terra construída com a aliança.

IHU On-Line - Para Chardin, onde reside a importância da segunda vinda de Cristo no processo evolutivo?

Ludovico Galleni - A segunda vinda de Cristo é o cume do esforço humano. A aliança leva a humanidade a construir uma nova Terra e nela uma nova humanidade. É, no fundo, a esposa preparada para o esposo, de que fala o Apocalipse. É a Terra a construir que, construída na aliança e, portanto, por uma humanidade caracterizada por ter aceitado a aliança, torna-se pronta a convergir no ponto Omega, no momento da segunda vinda de Cristo. Aqui nasce o fascínio da proposta teológica teilhardiana: a escatologia não se refere à salvação de cada um no Paraíso, mas de toda a humanidade sobre a Terra e no cosmo, construída na justiça. Partiu daqui aquela análise importante da Teologia latino-americana que circulou sob o nome de teologia da libertação e que entre infinitas dificuldades e problemas permanece, todavia, como um aspecto fundamental para construir a Terra e, talvez, seja um dos frutos mais fecundos da perspectiva teilhardiana.

LEIA MAIS...

>> Ludovico Galleni já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

** Negar a historicidade do fenômeno evolutivo é um erro como elevar o darwinismo a um dogma - publicada na IHU On-Line, número 245, de 26-11-2007, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=835&id_edicao=273.*

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Teilhard de Chardin: um anti-Darwin

Para Luís Miguel Sebastião, o esforço de pensamento de Teilhard de Chardin é o de articular harmonicamente uma visão dinâmica e evolutiva do Universo com a ideia de um Deus criador e pessoal. Teilhard seria anti-Darwin no sentido de quem nega o caráter absolutamente aleatório e sem sentido da evolução

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“**T**odo o empreendimento teilhardiano se pode descrever como a tentativa de produzir uma visão unificada do mundo e da vida (...) que pudesse, ao mesmo tempo, ser uma narrativa coerente, dar conta da pluralidade da experiência humana (...) e com ela ser consistente e permitir um horizonte de abertura e de esperança aos humanos que a ela aderissem”. A opinião é do professor português Luís Miguel Sebastião, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em suas respostas, Luís Sebastião lembra que Teilhard de Chardin dizia que “ciência e religião eram como dois meridianos terrestres: afastados maximamente no Equador, tendiam a aproximar-se indefinidamente no pólo. Isto é, quando ambas as formas de saber procuravam dar uma explicação cabal da realidade total (...), tendiam inexoravelmente a aproximar-se. E isso, estou convicto que Teilhard de Chardin conseguiu”. O professor ainda acrescenta que o jesuíta francês “foi capaz de produzir uma mundividência onde se encontraram evolução e sentido (...) e assim foi capaz de construir uma narrativa onde cabem as conquistas da ciência e os dados da revelação”.

Professor no Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, Portugal, Luís Miguel Sebastião é doutor em Ciências da Educação, com especialidade em Filosofia da Educação pela Universidade de Évora, onde defendeu a tese *Possibilidade de fundamentação da educação no pensamento cosmogênico de Pierre Teilhard de Chardin*. É autor, com José Manuel de Barros Dias, de *Educação e Construção Europeia no Dealbar do Terceiro Milênio* (Évora: A.E.D.E., 1999) e, com Manuel Ferreira Patrício, de *Conhecimento do Mundo Social e da Vida. Passos para uma sabedoria da sagesa* (Lisboa: Universidade Aberta, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Muitas pessoas chamam Teilhard de Chardin de “Darwin católico”. Que aproximações o senhor faria entre ambos os cientistas?

Luís Miguel Sebastião - Antes de nos confrontarmos com o que aproxima Teilhard de Darwin, importa tomar-mos consciência daquilo que os afasta. Darwin morreu menos de um ano depois de Teilhard de Chardin ter nascido (Darwin faleceu em 19 de abril de 1882 e Teilhard tinha nascido em 1º de maio de 1881). Charles Darwin tinha publicado, em 1859, a *Origem das Espécies* e, quando Teilhard começou a sua vida profissional como cientista, a ideia de evolução - do cosmos, da vida, das sociedades - já tinha se instalado como o húmus de todo o conhecimento científico. À grande ebulição

“Nunca procurou demonstrar com o recurso à ciência as verdades da fé, nem limitar pela fé o esforço de procura da verdade científica”

intelectual que o darwinismo provocou, respondeu a Igreja Católica com um movimento de fechamento e retração de que a condenação do modernismo pelo Papa Pio X¹ serve de exemplo. A circunstância de Teilhard de Chardin é, então, a de se sentir espartilhado,

¹ São Pio X (1835-1914): 257º papa. Seu pontificado decorreu de 4 de agosto de 1903 até a data da sua morte. Ficou conhecido como o “Papa da Eucaristia” e foi o primeiro Papa a ser canonizado desde Pio V (1566-72). (Nota da IHU On-Line)

mesmo dilacerado, entre dois mundos que, à época, tinham muita dificuldade em se intercomunicar. E é neste contexto que se pode compreender a natureza do seu esforço de pensamento: articular harmonicamente uma visão dinâmica e evolutiva do Universo com a ideia de um Deus criador e pessoal. Em rigor, Teilhard é, então, um anti-Darwin. Não no sentido de quem nega a evolução, mas no sentido de

quem nega o caráter absolutamente aleatório e sem sentido da evolução.

IHU On-Line - Em sua opinião, Chardin conseguiu harmonizar a teoria da evolução e o cristianismo? Por quê?

Luís Miguel Sebastião - É importante que fique muito claro que Teilhard nunca procurou estabelecer uma teoria concordista. Isto é, nunca procurou demonstrar com o recurso à ciência as verdades da fé, nem limitar pela fé o esforço de procura da verdade científica. É com esta cautela em mente que poderemos enfrentar a questão de saber se o padre jesuíta francês conseguiu “harmonizar a teoria da evolução e o cristianismo”. Todo o empreendimento teilhardiano se pode descrever como a tentativa de produzir uma visão unificada do mundo e da vida (uma *Weltanschauung*) que pudesse, ao mesmo tempo, ser uma narrativa coerente, dar conta da pluralidade da experiência humana (da ciência à mística, da razão à emoção, do conhecimento empírico ao pensamento sistematizado) e com ela ser consistente e permitir um horizonte de abertura e de esperança aos humanos que a ela aderissem. Teilhard de Chardin usou uma imagem muito eficaz, que permite clarificar o seu pensamento. Dizia ele que ciência e religião eram como dois meridianos terrestres: afastados maximamente no Equador, tendiam a aproximar-se indefinidamente no pólo. Isto é, quando ambas as formas de saber procuravam dar uma explicação cabal da realidade total - Teilhard diria nas proximidades do todo - tendiam inexoravelmente a aproximar-se. E isso, estou convicto que Teilhard de Chardin conseguiu. O jesuíta francês foi capaz de produzir uma mundividência onde se encontraram evolução e sentido, e disso deu conta no seu magistral *O Fenômeno Humano*. E assim foi capaz de construir uma narrativa onde cabem as conquistas da ciência e os dados da revelação.

IHU On-Line - Os críticos de Chardin acusam-no de ter uma visão demasiada otimista da natureza, que flerta com o panteísmo. Em que medida

o jesuíta se inspira em Darwin para compor a sua cosmovisão?

Luís Miguel Sebastião - Esta questão é, na realidade, um conjunto de questões, a que procurarei responder de *per si*: a questão do otimismo em Teilhard de Chardin, a questão do panteísmo e a questão da inspiração darwinista do seu pensamento. Foram todas questões que lhe foram suscitadas em vida e as quais ele próprio teve oportunidade de responder. Não deixa de ser interessante que Louis Salleron² tenha chamado a Teilhard de Chardin de “desespe-

“A base essencial do chamado otimismo teilhardiano decorre da sua profunda convicção de que o Universo foi criado por Deus para que nele pudesse emergir a consciência e para que, através desta, todo o Universo pudesse ser redimido”

rado do Cosmos” e tenha atribuído o seu otimismo a uma estratégia para sobreviver psicologicamente a essa angústia. Julgo que mesmo que essa interpretação possa ter algo de verdade, a base essencial do chamado otimismo teilhardiano decorre da sua profunda convicção de que o Universo foi criado por Deus para que nele pudesse emergir a consciência e para que, através desta, todo o Universo pudesse ser redimido. E, sendo assim, como é que poderia não se cumprir esse desígnio maior? Tei-

² Louis Salleron (1905-1989): jornalista e teórico católico. (Nota da IHU On-Line)

hard não tem ilusões quanto à maldade dos homens. E sabe, até, que a humanidade, no uso da sua liberdade, poderia colocar tudo a perder. O que acontece é que ele não acredita que isso seja possível. Como acontece com os grandes números, em que graus de liberdade dos componentes individuais não comprometem o resultado global, assim também o desnorte de indivíduos humanos não será de maneira a prejudicar a humanidade. Por isso, o otimismo de Teilhard é feito de confiança e não de uma qualquer crença irracional, ou do desconhecimento das faces mais obscuras da natureza humana.

Do mesmo modo, uma leitura atenta do pensamento do eminente paleontólogo põe em evidência o fato de que este está longe de qualquer tentação panteísta. A fé que Teilhard diz ter na matéria não é senão a forte convicção no fato de que a matéria é animada por dentro pela força cósmica fundamental que puxa a criação para a complexidade progressiva e, em consequência, para a consciência. Esta força, que Teilhard identifica com a componente radial da energia que anima o Universo, não é senão o Amor que imana de Deus e que faz com que todas as coisas convirjam umas para as outras. É Deus, o Deus dos católicos, em particular na compreensão que d’Ele teve São Paulo, que é o princípio e o fim do Universo, o alfa e o Omega, para Teilhard de Chardin. E em nenhum momento da sua vida ou dos seus escritos Teilhard duvidou desta que é, para si, uma verdade fundamental e instituinte.

Por último, vejamos o problema das influências de Darwin sobre o pensamento de Teilhard.

O naturalista inglês faz parte daquele número muito restrito de pessoas que introduziram um marco que divide o tempo em dois. Há um antes de Darwin e um depois de Darwin. Nessa medida, é claro que a sua influência no pensamento de Teilhard é enorme. Mas, e já o disse em resposta anterior, o pensamento do jesuíta francês construiu-se a partir de premissas e com intencionalidade opostas ao do naturalista. Esta afirmação

poderá parecer, talvez, demasiadamente ousada. Até porque Teilhard socorre-se de um conjunto de mecanismos explicativos que parecem plasmados diretamente do pensamento darwinista. Mas impõe-se que nunca percamos de vista que aquilo que para Darwin é um fim, para Teilhard é um meio. Porque para este, a evolução tem um sentido e uma intencionalidade, ideias que são completamente estranhas ao pensamento de Charles Darwin.

IHU On-Line - Quais os principais pontos da educação inspirada em Teilhard de Chardin? Quais as possibilidades de fundamentação da educação no pensamento de Chardin?

Luís Miguel Sebastião - Excetuando algumas notas do seu diário, nos tempos em que ensinou Física no Cairo, e de algumas referências em cartas dirigidas à sua prima Marguerite Teilhard-Chardin, e num pequeníssimo ensaio em que apresenta a educação como um processo de "hereditariedade social", Teilhard de Chardin não tratou expressamente a questão da educação. Por isso, a utilidade do pensamento do jesuíta francês para esta problemática decorre da utilidade que lhe encontramos para fundamentar um projeto antropológico que sirva de base ao projeto educativo global. A educação, sendo a ação humana por excelência, aquela pela qual os humanos se constroem a si próprios, pressupõe uma visão do mundo que possibilite aquilo a que Teilhard de Chardin chamava o gosto de viver. Ora, para o próprio Teilhard, o gosto de viver depende de três condições que devem respeitar as mundialidades. Por isso, para além de serem coerentes em si mesmas e consistentes com os dados da realidade e da ciência, as narrativas que conformam as visões do mundo e da vida devem assegurar aos indivíduos que o seu esforço pessoal conta, que esse esforço é cumulativo, o que assegura o progresso, e que esse esforço persistirá para sempre. Ora, a visão do mundo e da vida proposta e sustentada por Pierre Teilhard de Chardin cumpre cabalmente essas

"O otimismo de Teilhard é feito de confiança e não de uma qualquer crença irracional, ou do desconhecimento das faces mais obscuras da natureza humana"

condições. E é por isso que julgo que o seu pensamento e o seu empreendimento são do máximo interesse para o esforço educativo nas sociedades contemporâneas.

IHU On-Line - Para Teilhard, o que era preciso para unificar homem e mundo? Qual o lugar da fé nessa relação?

Luís Miguel Sebastião - Uma das características mais marcantes do pensamento de Teilhard de Chardin é a sua recusa persistente em coisificar a realidade. A realidade, para si, é um processo. Nesse sentido, em rigor não se pode falar em homem e mundo, mas em homem no mundo; homem com o mundo; homem como flecha da evolução. Assim, o grande desígnio a que os homens são chamados é, justamente, o de assumirem consciente e coletivamente esta sua condição e de aceitarem juntar o seu esforço pessoal a este grande caminho da humanidade, em direção a mais consciência e mais humanidade. A fé surge, neste contexto, como pressuposto e como corolário. Como pressuposto, porque é à luz da fé que um grande desígnio universal assume sentido e realidade. Como corolário, porque puxadas até às últimas consequências, as linhas de força do Universo teilhardiano se abrem sobre um plus ultra, um mais além, que pela força do Amor o sustenta e vai construindo num ato permanente de criação. E que

tem em Cristo, no Cristo Paulino, a sua expressão primeira e última.

IHU On-Line - Em que medida os conceitos de noogênese e cosmogênese, a partir da inspiração de Teilhard, se tornam tão atuais?

Luís Miguel Sebastião - De acordo com o pensamento de Teilhard, há uma lei recorrente na natureza pela qual a evolução se vai explicando pelo persistente aumento de complexidade das estruturas que encabeçam a marcha do progresso evolutivo. A estrutura mais complexa do universo é o cérebro humano. E foi essa complexidade que permitiu a emergência da consciência. Foi esse o momento em que começou o processo de noogênese que, para continuar a aprofundar-se, passou a depender da capacidade que os humanos foram desenvolvendo para estabelecerem redes de cooperação. Socorrendo-nos de uma imagem que nos ajude a perceber este conceito, Teilhard dizia que, do mesmo modo que o cérebro é uma rede de neurônios, a noosfera será constituída por uma rede de cérebros. Esta rede de cérebros não se constitui automaticamente. Pressupõe vontade e projetos comuns. Mas é, segundo Teilhard, o caminho seguro que nos levará à sobre-humanidade e que preparará o grande momento em que o Universo, vindo do puramente exterior, da miríade das partículas provenientes do Big Bang, transformar-se-á na pura interioridade de um universo completamente amorizado e entregue ao Pai pelo Cristo pantocrator. Há mesmo quem veja na emergência da *world wide web* a cablagem nervosa que viabilizará o funcionamento do supercérebro da superhumanidade prognosticada por Teilhard de Chardin. Vivemos num tempo em que a complexidade da sociedade e das organizações humanas pressupõe, por si só, abordagens organizacionais também elas complexas, baseadas na capacidade de cooperação e na partilha de objetivos comuns. E daí decorre a atualidade da intuição teilhardiana.

Teilhard de Chardin: a natureza como um caminho para Deus

Na visão de Paul Schweitzer, a maior contribuição de Teilhard de Chardin foi a visão integradora de ciência empírica e fé cristã

POR GRAZIELA WOLFART, GILDA CARVALHO E ELIANA YUNES

“**P**ara Teilhard, a natureza e as suas leis retratam a presença e a ação de Deus. Ele não somente tem uma confiança forte na compatibilidade entre a ciência correta e a fé cristã, mas vê que uma contribui para a outra. A ordem extraordinária do mundo natural reflete a sabedoria e a bondade de Deus”. A descrição é do professor e padre jesuíta Paul Schweitzer, na entrevista que concedeu, por e-mail, para a IHU On-Line. E ele completa, afirmando que “a evolução, segundo a visão teilhardiana, não é totalmente cega, mas, segundo a lei dos grandes números, ela tem uma flecha, uma direção, que Teilhard chama de ortogênese. Ele vê a progressão do universo tendendo para a plenitude no Cristo”. Para Paul Schweitzer, “a visão de Teilhard oferece uma maneira de encarar o universo como criação de Deus, em total concórdia com a ciência atual. Aliás, a visão que ele oferece é bem mais digna e mais adequada, porque integra a ciência e a fé numa união mutuamente benéfica. O universo, nas suas maravilhas e belezas, revela-se e brilha como obra prima de Deus”.

Paul Alexander Schweitzer é um padre jesuíta americano, naturalizado brasileiro, que vive há mais de 35 anos no Brasil. Atualmente, é professor de matemática na PUC-Rio. Membro da Academia Brasileira de Ciências, é graduado em Teologia e Matemática, mestre em Filosofia e doutor em Matemática pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Sabemos que as proposições do pesquisador Teilhard de Chardin provocaram reações contundentes por parte da Filosofia e da Teologia, até então habituadas de alguma forma a uma posição hegemônica na produção do conhecimento científico. No tocante à produção de conhecimento das Ciências ditas Exatas, qual a(s) contribuição(ões) efetiva(s) de Chardin?

Paul Schweitzer - Desde criança, Pierre Teilhard de Chardin tinha um interesse forte pela natureza. Colecionava pedras e fósseis. Ainda jovem, descobriu fósseis de várias épocas geológicas, inclusive algumas de espécies novas, e uma delas recebeu o nome “Teilhardi” em sua honra. Ele se entusiasmou pela evolução refletida na progressão dos fósseis de uma época a outra. Na sua carreira de pesquisador, chegou a publicar muitos trabalhos científicos sobre a geologia e a paleontologia. Teilhard trabalhou na China durante muitos anos. Fez parte da equipe que descobriu o “homem

“Teilhard via na evolução o dedo de Deus Criador, aperfeiçoando a sua obra enquanto alguns católicos consideravam a teoria de evolução como incompatível com a fé”

de Pekin”, fósseis de Homo erectus de cerca de 700 mil anos atrás, parte do “elo perdido” na evolução do homem de hoje. Podemos dizer que foi um cientista devoto, competente e produtivo. Seu destaque como cientista eminente foi reconhecido quando convidado a ser professor no Collège de France, a posição do mais alto nível no ensino na França. A maior contribuição de Teilhard, no entanto, foi a visão integradora de ciência empírica e fé cristã. Ele foi profundamente influenciado pelas ideias de São Paulo sobre a atuação do Cristo no universo. Viu na evolução a obra do Cristo aperfeiçoando a natureza que criou. Tudo conver-

ge para o ponto Omega, a plenitude de toda a criação no Cristo.

IHU On-Line - Teilhard de Chardin foi um autor produtivo ao expor uma cosmovisão original e ousada, fortemente marcada pela teoria da evolução e que lhe valeu vários dissabores no seu relacionamento com a Igreja. Em que aspectos, especificamente, sua visão científica confrontava com a da Igreja de sua época?

Paul Schweitzer - Teilhard via, na evolução, o dedo de Deus Criador, aperfeiçoando a sua obra enquanto alguns católicos consideravam a teoria de evolução como incompatível com a

fé. O pensamento de Teilhard encarou a evolução como a estratégia que Deus adotou na criação do universo, subindo desde as formas mais primitivas da vida para chegar ao ser humano, no processo que ele chamou de “homini-zação”. Para ele, a evolução não era uma teoria contrária aos relatos bíblicos. Ao contrário, mostrou a presença de Deus na natureza. A integração da evolução no pensamento teológico de Teilhard contribuiu muito para a aceitação da evolução pela Igreja. Foi evitada uma condenação da teoria da evolução pelo Magistério, uma condenação que poderia ter causado tantos danos à Igreja como o caso de Galileu.

No conceito do “Cristo cósmico”, Teilhard recuperou aspectos da teologia cristã antiga, especialmente da Igreja Oriental. Enquanto a Igreja Católica no ocidente dava enorme ênfase ao Pecado Original, que desfigura e enfraquece o ser humano, levando à Paixão e Morte do Cristo para a salvação da humanidade, vários teólogos orientais patrísticos viam a Encarnação mais como parte do plano de Deus de elevar o ser humano a uma participação na própria vida divina. Nessa concepção, não foi o pecado de Adão (“felix culpa”) que levou à Encarnação, mas foi o plano eterno de Deus Pai. Teilhard não negava o Pecado Original, mas olhava mais a vontade do Pai de elevar o ser humano. Alguns escritores criticavam Teilhard e achavam que o seu pensamento não era ortodoxo nesse detalhes, e isso é compartilhado por vários padres da Igreja.

Devemos lembrar que Teilhard viu uma direção que guiava a evolução, direção essa que chamava de “ortogênese”. Para ele, a evolução não era cega, mas avançava a níveis cada vez mais altos, passando pela biogênese até chegar à hominização na “noosfera”. Tudo tende ao ponto Omega, à plenitude em Cristo. “Tudo que sobe converge.” Essa posição tem sido criticada e rejeitada por muitos biólogos, mas essa rejeição é um preconceito, não uma conclusão científica.

IHU On-Line - E hoje? Essas divergências persistem? Como o senhor

“A integração da evolução no pensamento teológico de Teilhard contribuiu muito para a aceitação da evolução pela Igreja”

percebe que a figura do pesquisador Teilhard de Chardin é atualmente considerada pela Igreja Católica?

Paul Schweitzer - Logo após a morte de Teilhard no domingo da Páscoa, em 1955, quando as suas obras começavam a ser publicadas pela sua secretária Jeanne-Marie Mortier, muitos católicos ficaram entusiasmados pela visão teilhardiana. Eu me lembro do prazer com o qual líamos as obras dele. Esse grande interesse no pensamento de Teilhard foi diminuindo com o tempo, mas agora há um interesse renovado nele. Hoje em dia, há uma aceitação e um entendimento cada vez maior de Teilhard. O eminente teólogo jesuíta Henri de Lubac,¹ um amigo de Teilhard, escreveu vários livros sobre ele, mostrando a ortodoxia de seu pensamento. De Lubac também passou por críticas, mas foi um dos teólogos mais importantes no Concílio Vaticano II,² e

¹ Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da IHU On-Line)

² Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU

foi feito cardeal na sua velhice como prêmio pelas grandes contribuições que fez à Igreja. Durante a sua vida, Teilhard circulava seus escritos num grupo pequeno de amigos, entre eles o Pe. de Lubac, para receber sugestões e comentários. Foi uma pena enorme a proibição da publicação das obras de Teilhard durante a sua vida, porque teria permitido um diálogo com outros intelectuais, e esse diálogo teria enriquecido as ideias e esclarecido alguns pontos escuros. Teilhard, sempre fiel à Igreja e à fé cristã, poderia ter explicado melhor suas ideias e evitado a suspeita de faltas contra a ortodoxia. As interpretações erradas e a falta de compreensão de certas ideias de Teilhard poderiam ter sido evitadas. Hoje em dia, felizmente, já são quase totalmente superadas.

IHU On-Line - Que contribuições os embates e aproximações entre Teilhard de Chardin e a Igreja trouxeram ao diálogo entre a fé e a ciência?

Paul Schweitzer - Para Teilhard, a natureza e as suas leis retratam a presença e a ação de Deus. Ele não somente tem uma confiança forte na compatibilidade entre a ciência correta e a fé cristã, mas vê que uma contribui para a outra. A ordem extraordinária do mundo natural reflete a sabedoria e a bondade de Deus. A fé no Criador ajuda a crer que toda a pré-história e história do universo, desde o Big Bang há uns 13,7 bilhões de anos até hoje, tem um sentido, e que ela vai convergindo para a plenitude no Cristo. Conforme o Prólogo do Evangelho, segundo João, “Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada se fez do que foi feito” [Jo 1,3]. Na Carta aos Efésios, Paulo prevê o que Teilhard chama o ponto Omega: “levar os tempos à sua plenitude: reunir o universo inteiro sob um só chefe, Cristo! [Ef 1,10]. Essa visão do “Cristo cósmico” une a fé cristã e o estudo do

On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158347304.81pdf.pdf>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1245168975.3888pdf.pdf> (Nota da IHU On-Line)

“As pessoas que defendem o criacionismo e o ‘desígnio inteligente’ são cristãs sérias e têm fé, mas, geralmente, esta é uma fé primária e simplista. Ignoram os avanços nos estudos bíblicos dos últimos dois séculos”

universo pela ciência.

Outra contribuição importante de Teilhard é de atribuir consciência a tudo que existe no universo, embora numa forma somente em potência. A consciência somente se revela, segundo a Lei de Complexidade-Consciência de Teilhard, na medida em que haja uma organização material que possa sustentá-la. Essa visão fenomenológica supera a cisão cartesiana tão problemática entre matéria e mente. A evolução, segundo a visão teilhardiana, não é totalmente cega, mas, segundo a lei dos grandes números, ela tem uma flecha, uma direção, que Teilhard chama de ortogênese. Ele vê a progressão do universo tendendo para a plenitude no Cristo.

IHU On-Line - A vida de Teilhard de Chardin desde a sua adolescência, como nos contam os biógrafos, foi uma vida movida pelo desejo de procurar um Deus sempre maior, um Deus para além daquilo que aos olhos dos cristãos já mostrava a presença de Deus. Quais são os traços mais característicos desse seu encontro pessoal com Deus presentes na sua produção científica?

Paul Schweitzer - Teilhard tinha uma convicção profunda que o Deus cristão que encontramos na fé, na oração e nos sacramentos, revela-se igualmente na natureza. Ele contemplava essa presença divina na sua oração e no seu trabalho científico. A natureza foi, para ele, um caminho para Deus. Na tradição inaciana que ele recebeu como jesuíta, aprendeu a ver todas as coisas em Deus, e Deus em todas as coisas. A oração diária e a contemplação da presença de Deus em tudo,

prática constante ao longo da vida de Teilhard, foi uma fonte da sua cosmovisão. Ele não somente estudava a natureza, mas também contemplava a ela e a Deus nela.

IHU On-Line - Como podemos estabelecer uma relação entre o pensamento teológico de Teilhard de Chardin e o creacionismo que vem sendo retomado com força por uma corrente de pensamento anglo-saxônica?

Paul Schweitzer - As pessoas que defendem o criacionismo e o “desígnio inteligente” são cristãs sérias e têm fé, mas, geralmente, esta é uma fé primária e simplista. Ignoram os avanços nos estudos bíblicos dos últimos dois séculos. Sem entender como Deus inspirou os autores sagrados, interpretam as palavras da Bíblia literalmente, e essa interpretação entra em choque com os avanços da ciência empírica dos últimos quatro séculos. (Podemos lembrar também que há textos bíblicos atribuindo a Deus mãos, olhos, etc., textos que evidentemente não admitem uma interpretação literal). A cosmovisão de Teilhard oferece uma resolução desse choque, porque vê a presença e a ação de Deus nas leis da natureza. Santo Agostinho, no seu comentário sobre os primeiros capítulos do livro do Gênesis, escreveu que não se devia insistir numa interpretação literal dos textos da Bíblia, porque poderia acontecer que a ciência mostraria que as coisas não eram assim, e, dessa forma, causaria desprezo pela fé cristã. E de fato isso aconteceu. Galileu, na carta que escreveu à Grã-Duquesa Cristina, durante o conflito sobre os seus escritos, citou os textos de Santo Agos-

tinho, mas muitas pessoas não lhes deram atenção. A visão de Teilhard oferece uma maneira de encarar o universo como criação de Deus, em total concórdia com a ciência atual. Aliás, a visão que ele oferece é bem mais digna e mais adequada, porque integra a ciência e a fé numa união mutuamente benéfica. O universo, nas suas maravilhas e belezas, revela-se e brilha como obra prima de Deus.

IHU On-Line - Poderíamos, então, dizer que Teilhard de Chardin viveu efetivamente o ideal inaciano de ser um homem “contemplativo na ação”?

Paul Schweitzer - Sem dúvida! Teilhard é um modelo excelente da maneira de ser contemplativo na ação, especialmente para hoje. Foi exatamente pela sua oração e reflexão — a dimensão contemplativa na sua vida — que chegou a formular a sua cosmovisão. Podemos lembrar a “Missa sobre o Mundo”, quando Teilhard estava no Deserto Ordos, na China, sem pão nem vinho para celebrar a Eucaristia. Na sua oração, ele ofereceu o novo dia que se iniciava com o sol que se levantava, com todas as obras do mundo todo naquele dia, como hóstia consagrada a Deus. A presença do Cristo Ressuscitado impregna todo o universo com uma força divina que o vai aperfeiçoando. Podemos terminar com a palavra inspirada de Teilhard: “Tudo que sobe converge!” — a convergência de toda a criação para a plenitude que o seu Criador preparou para ela.

LEIA MAIS...

>> Paul Schweitzer já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *A dimensão espiritual do cosmos* - publicada na IHU On-Line número 142, de 23-05-2005, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf>;

* *A relação entre fé e ciência. Uma entrevista especial com o novo membro da Academia Brasileira de Ciências* - publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU em 07-04-2006, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=deta-lhe&id=4163.

O “Ponto Omega” da evolução: Cristo ressuscitado

Para Pedro Guimarães Ferreira, Teilhard permanecerá como um “clássico” pela amplidão de sua visão, pela ambição do seu escopo

POR GRAZIELA WOLFART, GILDA CARVALHO E ELIANA YUNES

“A visão de Teilhard tem uma linguagem que procura ser científica, mas suas teses não chegam a ser de ciências naturais no seu sentido usual. A cosmovisão de Teilhard é teológica, no sentido de que é direcionada para Deus, mais ainda, cristã, no sentido de que é direcionada para Cristo. Mas também não chega a ser uma teologia em termos formais”, explica o padre jesuíta e professor Pedro Guimarães Ferreira, da PUC-Rio, em entrevista concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**. Para ele, as ideias de Teilhard de Chardin marcaram de modo definitivo a Igreja do Pós-Concílio Vaticano II. E explica por quê: “Não no sentido de que a maioria das pessoas da Igreja concorde com a cosmovisão de Teilhard, mas no sentido de que a evolução das espécies passou a ser admitida tranquilamente dentro dos umbrais da Igreja e, mais importante, a Igreja passa a ter uma atitude de confiança - e não de desconfiança e muito menos de hostilidade - com relação à ciência”. E ainda sobre a possível influência de Teilhard no Concílio Vaticano II, Pedro Guimarães aponta: “Teilhard inspirou uma atitude de otimismo com relação ao que é material, um otimismo com relação ao mundo em que vivemos”.

Pedro Magalhães Guimarães Ferreira, padre jesuíta, possui graduação e mestrado em Engenharia Elétrica, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutorado pela Brown University e pela University of California - Berkeley. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Teilhard de Chardin foi um homem de qualidades bastante peculiares: como cientista pertencia ao mundo da ciência e da razão, e, também, era um homem de profunda fé, sacerdote jesuíta. Sabemos que seus trabalhos de pesquisa lhe renderam dissabores em relação à Igreja. E, em relação à Academia? Teria ela aceitado com tranquilidade o seu discurso, permeado de alusões a uma dimensão transcendente do ser humano?

Pedro Guimarães Ferreira - Há que distinguir duas atividades de Teilhard:

1. A de cientista, tendo-se tornado famoso em paleontologia e geologia: publicou mais de 150 artigos em periódicos internacionais. Era nessas ciências que ele era julgado como cientista. Nessas duas ciências, ele tinha muito boa reputação, aliás, não teria publicado tanto se seu trabalho não fosse de valor, seus artigos não teriam sido aceitos, sendo que, nessas ciências e nas ciências naturais, de modo

geral, há muito pouco espaço para opções ideológicas e/ou religiosas favorecerem mais ou menos um cientista. Nestes artigos não há referência à “dimensão transcendente do ser humano”, como diz a pergunta.

2. A do criador de uma cosmovisão - e foi por essa atividade que ele se tornou famoso para o grande público e para o cristianismo, especialmente o catolicismo. Uma cosmovisão que parte da evolução no seu sentido mais amplo, a que começa com os átomos na formação das moléculas, chega ao aparecimento do “homo sapiens” e se prolonga - e aí está a novidade da sua cosmovisão - na formação da noosfera (que é a sociedade dos homens na medida em que constituem uma unidade), culminando no Ponto Omega, que é o Cristo ressuscitado.

E a Academia, como reagiu a estes textos? Na sua maioria, não reagiu, pois nem tomou conhecimento deles. A visão de Teilhard tem uma linguagem que procura ser científica, mas suas

teses não chegam a ser de ciências naturais no seu sentido usual. A cosmovisão de Teilhard é teológica, no sentido de que é direcionada para Deus, mais ainda, cristã, no sentido de que é direcionada para Cristo. Mas também não chega a ser uma teologia em termos formais.

IHU On-Line - Chardin foi contemporâneo de dois dos mais terríveis acontecimentos da humanidade: as duas grandes guerras mundiais. Qual o impacto dessa experiência em sua vida e obra?

Pedro Guimarães Ferreira - Teilhard participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como soldado, havia sido ordenado padre havia apenas dois anos. E foi naquela guerra, uma guerra de trincheiras, um pouco lenta, que Teilhard teve a sua intuição do “Milieu Divin” (O Meio Divino), que foi o título do seu primeiro livro. Trata-se de uma tomada de consciência forte de que o mundo está “em Deus”, Deus presente

não somente em todos, mas em tudo, uma doutrina clássica, mas cuja forte tomada de consciência por parte dele, foi o ponto de partida da sua cosmovisão. Possivelmente ele não teria tido esta intuição caso não estivesse na solidão da guerra - ele e Deus.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) não teve, aparentemente, qualquer influência sobre Teilhard, a razão sendo que ele passou todo o tempo da guerra na China, nas suas pesquisas de paleontologia e geologia. Efetivamente, por dificuldades com a hierarquia católica por causa da sua cosmovisão, julgada meio panteísta, ele havia sido enviado à China para fazer as pesquisas mencionadas. Já bem conhecido entre seus pares nas duas ciências, antes de ir para a China, ele ficou ainda mais conhecido entre eles, por suas várias descobertas, de modo especial pela descoberta do “homo pequinenses”, ou seja, o “homem de Beijing”, que antigamente, fora da China, a cidade era chamada de “Pequim”.

IHU On-Line - Suas obras mais conhecidas, *O fenômeno humano* e *O meio divino*, embora tenham abordagens diferentes - o primeiro pretende apresentar uma cosmovisão estritamente científica, enquanto que o segundo, uma visão espiritual - são fortemente integradas. Seria possível reconhecer, nesses escritos e nessa perspectiva integradora, a influência da prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que, como jesuíta, ele certamente teria na essência de sua própria experiência espiritual?
Pedro Guimarães Ferreira - Em primeiro lugar, permita-me corrigir, ou matizar, a afirmação de que *O Fenômeno Humano* seja uma “cosmovisão estritamente científica”. Não o é no sentido de ciências naturais. E Teilhard nunca pretendeu que o fosse. Resumamos a cosmovisão de Teilhard: ele observa que, na evolução do Universo, ocorreu a formação de estruturas cada vez mais complexas e “centradas”. E ele afirma que esta é uma lei de evolução do universo, uma primeira afirmação que não é estritamente científica. Ele chama esta lei de complexificação/consciência. A afirmação de que este processo existiu é razoável, mas

projetá-la para o futuro e na direção apontada por ele é que não é científico no sentido de ciências da natureza. Sim, porque Teilhard projeta para o futuro esta evolução, prognosticando primeiramente a formação de uma noosfera em que os seres humanos estariam cada vez mais centrados, isto é, cada vez mais unânimes nas suas inteligências e vontades. E extrapola isto ainda mais para o futuro, a evolução atingindo o “Ponto Omega”, que é Jesus Cristo ressuscitado, sendo que o Ponto Omega terá sido o ponto de atração de toda a evolução. É claro que isso não tem nada de científico no sentido das ciências naturais.

Mais ainda, para explicar o mecanismo deste processo, Teilhard introduziu neste texto e o repetiu em vários outros, o conceito de “energia

“Acho que está havendo um abuso na suposta descoberta de influências dos Exercícios Espirituais”

radial”, expressão por oposição ao de “energia tangencial”, que é a energia medida na física e na química. Ora esta “energia radial” nunca foi detectada experimentalmente, nem colocada como hipótese por cientistas, nem antes nem depois. É claro que Teilhard tinha consciência disto. Observe-se que Teilhard não era darwiniano. Para Darwin, a evolução das espécies se faz pelo processo da “seleção natural”. Para Teilhard era pela “energia radial”. E noto também que a “energia radial” foi antecipada num nível menos científico e mais metafísico por ninguém menos que Santo Agostinho (354-430), que propôs as “rationes seminales”, ou seja, “sementes racionais” que seriam as responsáveis pelo evoluir do universo.

Já o “Milieu divin” é, como você diz, uma visão espiritual muito bem integrada com o “Fenômeno Humano” e com todos os seus textos posteriores sobre sua cosmovisão.

Quanto à influência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio na obra de Teilhard, permita-me fazer uma digressão, com a qual muitos dos meus confrades jesuítas, bem como muitos leigos e leigas ligados aos jesuítas não concordarão. Acho que está havendo um abuso na suposta descoberta de influências dos Exercícios Espirituais. Fala-se, por exemplo, - cada vez menos, ainda bem - de “pedagogia inaciana”, quando Santo Inácio escreveu pouquíssimo a respeito de pedagogia. Se se quiser achar que o “espírito” dos Exercícios Espirituais está presente na “pedagogia inaciana”, eu diria que é o espírito do Evangelho, de Jesus Cristo. Mais ainda, a influência de Santo Inácio na Companhia de Jesus foi sempre muito grande, mas há vários indícios de que São Tomás de Aquino, um dominicano, terá tido influência maior que ele durante várias décadas, inclusive durante os cerca de 100 anos que precederam o Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

IHU On-Line - Os inúmeros trabalhos científicos por ele produzidos e publicados demonstram um homem de profunda e profícua atividade profissional. Já se contam mais de cinquenta anos desde sua morte e, de fato, a ciência caminhou nesse período. Qual a relevância de seus estudos para os dias de hoje? Chardin ainda é um autor visitado pelos pesquisadores contemporâneos?

Pedro Guimarães Ferreira - As ciências experimentais são, por sua própria natureza, ingratas com relação àqueles que as fazem. Efetivamente, ninguém precisa ler Isaac Newton¹ para compreender a mecânica clássica, nem ler

¹ Isaac Newton (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido através da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Essas descobertas foram realizadas por Newton em um intervalo de apenas 18 meses, entre os anos de 1665 e 1667. É considerado um dos maiores nomes na história do pensamento humano, por causa da sua grande contribuição à matemática, à física e à astronomia. O IHU promoveu de 3 de agosto a 16-11-2005 o Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein. Sobre Newton, em específico, o Prof. Dr. Ney Lemke proferiu palestra em 21-09-2005, intitulada *A cosmologia de Newton*. (Nota da IHU On-Line)

Gauss² para compreender matemática; estes dois têm sido reconhecidos como os maiores gigantes das duas disciplinas. De modo que, respondendo à sua pergunta: não, ninguém precisa ler Teilhard para aprender paleontologia ou geologia. As suas contribuições foram importantes, como dito na primeira pergunta, mas já estão nos manuais das duas disciplinas, inclusive já terão sido ultrapassadas em muitos dos seus aspectos. Superadas não no sentido de que estavam erradas, mas no sentido de que terão sido incorporadas em sínteses maiores, assim como Newton foi superado por Einstein. Mas suas obras são e serão ainda visitadas, sim, por historiadores das ciências e por um ou outro “scholar” interessado em alguma possível peculiaridade de seu método de fazer pesquisa ou para saber como foi a gênese de uma ou outra das suas descobertas.

IHU On-Line - Da mesma forma, o pensamento eclesiástico muito se modificou, sobretudo após o Concílio Vaticano II. Como as questões apresentadas por Teilhard de Chardin, sobretudo aquelas que tocam à Teoria da Evolução, são consideradas hoje pela Igreja?

Pedro Guimarães Ferreira - O santo padre João Bosco Penido Burnier SJ,³ mártir da caridade ao defender uma mulher que estava sendo torturada há menos de 40 anos, referiu-se, numa conversa comigo, ao Concílio Vaticano II como um “terremoto”. Portanto o “muito se modificou”, que você coloca, parece-me absolutamente certo. Não na doutrina propriamente dita, mas nas ênfases das suas interpretações.

Acho que cabe uma referência à relação entre Teilhard de Chardin e

o Concílio Vaticano II para responder à sua pergunta. Teilhard faleceu em 1955, e o Concílio começou em 1962. Até aquele ano, a cosmovisão de Teilhard era mal vista pela autoridade doutrinária da Igreja: considerada suspeita de panteísmo, como já referido antes. Mas, além disso, ainda havia na Igreja uma suspeita quanto à evolução das espécies. Confundia-se muitas vezes o fato da evolução, coisa que já não mais podia ser negada, com a sua explicação dada por Darwin, a seleção natural. Esta seleção natural era vista por muitos como uma forma de materialismo, o que na realidade não é. E assim Teilhard, “acreditando” na evolução (na realidade já naquela época não se tratava mais de acreditar ou não, era algo que se impunha por fatos indiscutíveis, como já dito), era colocado por muitos no baú junto com Darwin.

Mas, a partir de 1963, o Concílio, que tinha sido dominado no seu primeiro ano pelos “conservadores”, passou a ser liderado pelos “liberais”, com forte influência dos episcopados francês, alemão e holandês. E começou então a liberalização das obras de Teilhard, anseio dos mais jovens. E a coisa foi rápida, em pouco tempo, a cosmovisão de Teilhard era devorada por seminaristas, padres jovens e leigos pelo mundo todo. Foi a chamada “vague teilhardienne”, a onda teilhardiana. Apesar de intensíssima, não durou muito: cerca de 10 anos. Mas marcou de modo definitivo a Igreja do Pós-Concílio. Não no sentido de que a maioria das pessoas da Igreja concorde com a cosmovisão de Teilhard, mas no sentido de que a evolução das espécies passou a ser admitida tranquilamente dentro dos umbrais da Igreja e, mais importante, a Igreja passa a ter uma atitude de confiança - e não de desconfiança e muito menos de hostilidade - com relação à ciência.

Já foi observado também, por não poucos, que Teilhard teve influência não desprezível no Concílio Vaticano II. Não no sentido de que sua cosmovisão tenha sido citada, nem mesmo indiretamente, nos documentos conciliares, estes sendo fundamentalmente bíblicos e patrísticos. Mas no sentido de que Teilhard inspirou uma atitude

de otimismo com relação ao que é material, um otimismo com relação ao mundo em que vivemos. Este otimismo fica mais patente num dos mais importantes documentos do Concílio, a Constituição “Gaudium et spes” sobre a Igreja no mundo moderno.

IHU On-Line - Que correlação se pode efetivamente estabelecer entre Teilhard de Chardin e Darwin para conciliar as relações entre fé e ciência?

Pedro Guimarães Ferreira - Darwin, apesar de crente, um anglicano convicto, não pretendeu dar qualquer contribuição ao problema das relações entre fé e ciência. (Darwin perderia a fé com a morte da filha, algo que nada tem a ver com evolução das espécies). Teilhard, na sua cosmovisão, pretendeu precisamente estabelecer uma ponte entre a fé e a ciência. Apesar de se poder - e provavelmente dever - discordar dele em alguns aspectos fundamentais da sua cosmovisão, como já mencionado, não há como negar que se trata de uma visão grandiosa da realidade: um universo que evolui para a formação do ser inteligente, o ser humano, passando a uma unidade de mentes e corações, que ele chama de “noosfera”, e culminando no pólo de atração de todo o processo, o Ponto Omega, que é Jesus Cristo ressuscitado. Há que notar que haveria uma diminuição da força da visão de Teilhard se se achasse que o Ponto Omega seria simplesmente Deus, porque Jesus Cristo, sendo também um ser humano, é parte do universo e é, portanto, um pólo atrativo natural de todo o processo evolutivo. Esta evolução seria regida pelo que ele chama de “lei da complexificação/consciência”, como já foi dito, que é uma ampliação, para o passado e para o futuro, da lei da evolução das espécies. De acordo com Darwin, o mecanismo explicativo da evolução das espécies é a seleção natural, para Teilhard o mecanismo explicativo de toda a evolução - não somente das espécies de seres vivos - é a “energia radial”. Acho que se pode dizer, sem medo de errar, que Teilhard permanecerá como um “clássico” pela ampliação de sua visão, pela ambição do seu escopo.

² Johann Carl Friedrich Gauss (1777-1855): matemático, astrônomo e físico alemão. Conhecido como o príncipe dos matemáticos. (Nota da IHU On-Line)

³ João Bosco Penido Burnier (1917-1976): sacerdote jesuíta que, de 1959 a 1965, respondeu pelos cargos de mestre de noviços e diretor espiritual dos juniores. Os anos de sua vida madura foram dedicados à Missão de Diamantino/MT, servindo junto aos índios beíços-de-pau e bacairis, quando participou da coordenação regional do CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Faleceu tragicamente, baleado, enquanto com Dom Pedro Casaldáliga defendia duas mulheres torturadas. (Nota da IHU On-Line)

Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a terra dos homens

Waldecy Tenório entende que é na terra dos homens que se encontram a teologia e a literatura, e é lá que se encontram também Saint-Exupéry e Chardin

POR GRAZIELA WOLFART, GILDA CARVALHO E ELIANA YUNES

Ao traçar um rico paralelo entre as trajetórias de Teilhard de Chardin e Saint-Exupéry, o professor Waldecy Tenório reconhece que ambos “atingiram o limite da angústia quando se perguntaram, em suas respectivas obras, o que poderiam dizer aos homens do século XX para que eles não se perdessem”. E continua: “no início do século XXI, em meio ao ceticismo generalizado e aos horrores em que vivemos, marcados por tantas feridas narcísicas, o que diriam eles para que não nos percamos? Por certo, nos lembrariam a lição conjunta da literatura e da teologia, condensada naquela frase shakesperiana de Teilhard: *É melhor ser do que não ser*”. Na entrevista concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**, ele fala sobre as cinco aproximações entre o teólogo jesuíta e cientista e o escritor aventureiro que cruzou os céus, como piloto do Correio Aéreo francês.

Waldecy Tenório é graduado em Letras Clássicas e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É autor, entre outros trabalhos, de *A Bailadora Andaluza: a explosão do Sagrado na poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial/Fapesp). Foi pesquisador do IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e é, atualmente, professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O título desta entrevista é o título de uma palestra recente sua. Por que formulá-la dessa maneira?

Waldecy Tenório - Bom, Umberto Eco já disse várias vezes que um título deve confundir e não disciplinar as ideias. Nesse sentido, não sei se ele é bom e certamente pode-se tentar melhorá-lo. Entretanto, do jeito que está oferece a vantagem de podermos extrair dele dois pares de polaridades que servirão de balizas para o que vou dizer. O primeiro par “Literatura e teologia”. O segundo, Teilhard de Chardin e Saint-Exupéry, duas grandes vozes do século XX: o paleontólogo e teólogo, autor de *O fenômeno humano*, e o piloto e escritor autor de *O pequeno príncipe*, duas obras igualmente importantes, cada uma no seu lugar. Além disso, a propósito do título, devemos notar ainda que os dois pares de polaridades convergem (e esse é um verbo teilhardiano) para a expressão “terra dos homens”. E aqui cabem duas observações: terra dos homens é simultaneamente uma

“Se pensarmos numa teologia sistemática, Chardin não foi certamente um grande teólogo, nem quis ser”

alusão ao nosso planeta, objeto privilegiado da reflexão de Teilhard, e ao romance talvez mais importante de Saint-Exupéry, por coincidência, o livro preferido pelo teólogo no conjunto da obra do escritor; segunda observação: a ponta final do sintagma - “dos homens” (Teilhard não precisava acrescentar: e das mulheres, estava implícito) é o lugar onde se dá o grande encontro entre os dois autores que estamos aproximando. É na terra dos homens que se encontram a teologia e a literatura, é na terra dos homens que se encontram Saint-Exupéry e Chardin. De qualquer modo, como já foi dito, o título não pretende disciplinar as ideias e quer ser apenas mapa e roteiro para não nos perdermos no caminho.

IHU On-Line - Vamos então às polaridades...

Waldecy Tenório - O primeiro par é Literatura e teologia. A questão se coloca porque estamos fazendo uma aproximação entre um escritor e um teólogo. Se pensarmos numa teologia sistemática, Chardin não foi certamente um grande teólogo, nem quis ser. Sua visão de mundo, no entanto, é evidentemente teológica, de uma teologia consistente, e essa visão se aproxima de algumas grandes intuições presentes na obra de Saint-Exupéry. Entretanto, estamos pisando em terreno minado, esse lugar onde a literatura e a teologia se encontram, pois aqui há sempre o risco de sermos atingidos por uma bala perdida. Certos dogmatismos sobreviventes ainda hoje, nos

dois lados, sempre provocam escaramuças. De um lado, o bloco dos teólogos seguros dos seus erros, lembrando a ironia do Umberto Eco de *O Nome da Rosa*, desconfia muito da literatura. Do outro, o bloco dos positivistas avançados considera a ideia de Deus como um simples ruído no transfundo da cultura. Cria-se então uma espécie de pororoca na qual todos se afogam.

Mas não tem importância. A teologia e a literatura podem ser irmãs inimigas, podem se beijar ou se morder, dar de ombros uma para a outra, o fato é que no fundo do texto pulsam desejos e eles impulsionam a paixão comum pelos seres humanos. A teologia nos fala da encarnação, esse é o ponto central. Um Deus se apaixona tanto pelos homens, que se fez carne e habitou entre nós. E quanto à literatura? Nosso saudoso colega José Carlos Barcelos gostava de dizer, em tom de *boutade*, que literatura e teologia são palavras femininas e daí as relações entre as duas serem meio tensas, do tipo amor e ódio. De fato, literatura e a teologia afastam-se, aproximam-se, desdenham-se, admiram-se, beijam-se, mordem-se... mas há um momento em que elas se dão as mãos. Quando? Leila Perrone-Moisés¹ nos ajuda a descobrir. A propósito de Fernando Pessoa,² ela afirma: “Pessoa, como todos os escritores, escreve não para dizer o que vê, mas porque o que vê não lhe basta”. Ora, não é esse o tema da insuficiência ontológica tão caro à teologia? Não precisamos insistir na afirmação de que aquilo que a literatura vê não lhe basta porque o que ela vê, e imediatamente denuncia, é a insuficiência ontológica. Aliás, o discurso poético, diferente do discurso conceitual, não apenas denuncia: ele mostra a insuficiência. Veja-se, por exemplo,

1 Leila Perrone-Moisés: professora do departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Graduiu-se em Letras Neolatinas e fez doutorado em Letras na USP com a tese *Lautréamont, objet de la critique*. É livre docente pela mesma instituição com a tese *A crítica-escritura, um discurso duplice*. Escreveu, entre outras obras, *Flores da escrivãzinha* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e *Roland Barthes Inéditos vol. 3 - Imagem e moda* (São Paulo: Martins Fontes, 2005). (Nota da IHU On-Line)

2 Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

o poema “Science Fiction”, de Drummond.³ A desintegração daquele ser “que no existir põe tamanha anulação de existência” é mostrada na desintegração de um poema que tem o título em inglês, *Science Fiction*, e o texto em português, o que o torna, de certo modo, meio esquizofrênico. É de se notar também que o marciano se desintegra quando recusa o colóquio, quando nega a linguagem e a possibilidade do diálogo, elementos que fazem parte, ao mesmo tempo, do repertório literário e do repertório teológico. Lembremo-nos, a esse propósito, de que Shakespeare foi o antídoto que a literatura inventou para enfrentar Descartes. Quase no mesmo momento em que o autor de *O discurso do método* opera a cisão do ser, Shakespeare entra em cena para nos lembrar que ser ou não ser é a questão fundamental da condição humana. Por isso é a questão fundamental da literatura e da teologia. Darei a esse respeito, de maneira bem resumida, três posições clássicas: Santo Irineu⁴ quando afirma que a glória de Deus é o homem vivo; Santo Agostinho quando lembra que todo aquele que é menos do que foi, não enquanto é, mas enquanto é menos, é mau; Karl Rahner⁵ quando

3 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da IHU On-Line)

4 Santo Irineu de Lion: nasceu por volta do ano 130/135, provavelmente em Esmirna, na Ásia Menor. Era chamado de Zelador do Testamento de Cristo. Governou a Igreja de Lion até a morte, em 200. (Nota da IHU On-Line)

5 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line nº. 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser

diz que diminuir o homem é diminuir o próprio Deus. Por isso, o encontro entre a literatura e a teologia se dá, significativamente, num momento fundamental da fé: a encarnação. Se puder citar ainda uma vez Santo Agostinho, lembrarei uma ideia muito rica que está em seus escritos: Só a teologia é suficientemente ousada para nos dizer que o verbo se fez carne. Só que o verbo, de certo modo, também se faz carne na literatura, razão pela qual Agostinho é, ao mesmo tempo, teólogo e escritor, e as *Confissões* estão entre as grandes obras da literatura universal. De qualquer modo, podemos dizer que as mesmas grandes questões de que se ocupam a filosofia e a teologia, de maneira inteiramente abstrata, são tratadas pela literatura com a mediação de personagens. É isso que chamo de encarnação, mesmo quando é involuntária, como acontece num conto de Clarice Lispector.⁶ Digamos então que a literatura e a teologia se encontram na passagem do *logos* filosófico para o *pathos* literário. É aí que as duas se encontram e revelam a mesma paixão pelo ser.

conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da IHU On-Line)

6 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - A segunda polaridade...

Waldecy Tenório - Pois é, Teilhard de Chardin e Saint-Exupéry. Agora estamos falando de polaridades masculinas e, embora a psicologia seja diferente, temos também aqui aproximações e distanciamentos, divergências e convergências. Como na primeira polaridade, o teólogo e o escritor convergem quando se trata de falar do ser humano. Mas alguém poderia se perguntar: é mesmo possível essa convergência entre o sacerdote, teólogo e cientista Teilhard de Chardin e o escritor aventureiro que cruzou os céus como piloto do Correio Aéreo francês, levando as cartas que falam da tristeza, da esperança, do sofrimento, da alegria e dos amores humanos?

IHU On-Line - É então possível aproximar esses dois?

Waldecy Tenório - Não só é possível, como a aproximação se verifica de fato. Aliás, eu poderia apontar várias aproximações. A primeira delas, para começar: ambos são franceses. Teilhard nasce em 1881 e morre em 1955, aos 74 anos. Saint-Exupéry nasce em 1900, 19 anos depois do nascimento de Teilhard, e morre em 1944, aos 44 anos, 11 anos antes da morte de Teilhard. Se pensarmos somente na chamada vida adulta de ambos, podemos dizer que os dois foram contemporâneos e suas vidas na Terra coincidiram durante pouco mais de vinte anos. Eles teriam se encontrado alguma vez? Em algum momento os seus caminhos se cruzaram durante esses anos? Já vimos que entre eles havia uma diferença de idade de 19 anos. Mesmo assim, algumas coisas são comuns. Ambos estudaram em colégios de padres. Exupéry chegou a frequentar, ainda que por pouco tempo, o mesmo colégio no qual Teilhard fez o curso que então se chamava de Humanidades. Quanto à formação de cada um, aí as coisas se dão de maneira diferente. Teilhard entra na Companhia de Jesus e não sai mais. Aos 19 anos é noviço em Aix-en-provence. Já a trajetória de Saint-Exupéry é sinuosa e passa por experiências diferentes: entre as Belas Artes e a filosofia, ele demora a se encontrar e a se decidir pela aviação

e depois se tornar escritor. Houve, entretanto, um momento em que, procurando o seu caminho, Saint-Exupéry pensou em seguir a vida monástica. É, por coincidência, o mesmo momento no qual Teilhard atrai grande número de pessoas que vão ouvir as célebres conferências que o jesuíta, já começando a ser conhecido, pronuncia em Paris. Ora, aqui podemos perguntar se o jovem Exupéry, tão inquieto e indeciso quanto ao rumo que daria à própria vida, não teria ido a uma dessas conferências, em busca de orientação. Quem sabe se, no meio de todas aquelas pessoas que iam ouvir Teilhard, não estaria o jovem Antoine... Ninguém sabe, não há indícios, estamos no reino das conjecturas. André Devaux, que publicou um livro sobre os dois, no início da década de 60, prefere dizer que o encontro entre ambos se

**“O encontro entre a
literatura e a teologia se
dá, significativamente,
num momento
fundamental da fé: a
encarnação”**

deu num nível mais profundo da vida. Devaux lê o que eles escreveram sobre as experiências da própria vida e parece nos dizer: Olha, é aqui que eles se encontram, no mais profundo de sua experiência existencial.

IHU On-Line - Isso nos leva à segunda aproximação?

Waldecy Tenório - Sim. Lendo Devaux e mergulhando nos textos, surpreendemos a coincidência no pensamento de cada um. Vejamos, por exemplo, o que pensam da infância. Teilhard escreve à mãe: *Nunca perco o contato com o meu Auvergne natal. Acho que uma infância feliz é essencial para uma vida de homem.* Como se fosse um diálogo secreto entre os dois, Saint-Exupéry também escreve à mãe:

*Este mundo de recordações infantis, de nossa linguagem e dos jogos que inventávamos, me parecerá sempre desesperadamente mais verdadeiro do que o outro. E então ele pergunta: “De onde eu sou?” E responde: “Sou da minha infância como se é de um país”. Em 1936, o avião de Saint-Exupéry sofre uma pane e ele é obrigado a descer em pleno deserto. Dali escreve à mãe: Chamei por você no deserto... era de você que eu precisava, a você cumpria proteger-me e abrigar-me... e eu a chamava... você, tão frágil, sabia que era anjo da guarda, tão cheia de bênçãos, para ser chamada na solidão do deserto, dentro da noite? Como contraponto, temos essa confidência de Teilhard: *Eu devia andar pelos meus sete anos quando vi um cacho de meus cabelos pegando fogo. Era assim que desapareciam os objetos de minha própria vida. Consola-te, Pedrinho - disse mamãe - as coisas não se perdem totalmente. Mudam, transformam-se. Este pensamento nunca saiu de minha memória. É à minha mãe que devo a visão otimista que sustentou minha carreira de pesquisador.**

IHU On-Line - Onde se manifesta ainda essa coincidência de pensamento?

Waldecy Tenório - No amor de ambos pela geologia, pelas pedras, e esta é a terceira aproximação. Veja só o que escreve Henry Brémond, o conhecido autor de *Prière et poesie*: *Há trinta anos, tive como aluno em Humanidades, um jovem auvernês muito inteligente, o primeiro em tudo, mas desesperadamente tímido. Os mais rebeldes da classe, e até os mais lerdos, animavam-se de vez em quando. Ele, porém, nunca. Só muito tempo depois eu soube o segredo dessa aparente indiferença. Ele tinha uma outra paixão, ciosa, absorvente, que o fazia viver longe de nós: as pedras.* Veja agora este diálogo que está em *Vão noturno*, de Saint-Exupéry: *O inspetor corara ao ousar uma confidência destas. Conso-lavam-no de todas as decepções e do infortúnio conjugal, e de toda esta triste verdade, umas pedrinhas escuras que rasgavam uma janela sobre o mistério. Corando um pouco mais: Encontram-se iguais no Brasil. E Pellerin batera amigavelmente no ombro dum*

inspetor debruçado sobre a Atlântida. Fora também por pudor que Pellerin perguntara: Gosta de geologia? - É a minha paixão.

IHU On-Line - Além da infância, da geologia e das pedras, que outro tema os apaixona?

Waldecy Tenório - A Terra, e se estou certo, esta é a quarta aproximação. Num de seus mais belos textos, "A missa sobre o mundo", Teilhard nos diz que ela é um altar e uma hóstia. *"Recebei, Senhor, esta hóstia total que a Criação, movida por vossa atração, vos apresenta à nova auro-ra... O sol acaba de iluminar, lá embaixo, a franja extrema do Oriente. Uma vez ainda, sob a móvel toalha de seus fogos, a superfície da Terra desperta, fremente e recomeça seu espantoso labor. Meu Deus, colocarei sobre minha patena a messe esperada deste novo esforço. Verterei em meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados"*. E a Terra, para Teilhard, é também a terra dos homens: *Um a um, Senhor, eu os vejo e os amo...* Da mesma maneira, Saint-Exupéry contempla o seu "planeta errante". Lemos em *Terra dos homens* o seu encontro com a pedra que se humaniza em lágrima: *Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com os meus passos um território que ninguém nunca, nem homem nem bicho, havia pisado... Era o primeiro a fazer escorrer de uma mão para outra, como ouro precioso, aquela poeira de conchas, o primeiro testemunho da vida... O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado: um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, em forma de lágrima*. E em tudo isso, o que mais importa a Saint-Exupéry é também o que mais importa a Teilhard: *O mais maravilhoso, porém, é que houvesse ali, de pé, sobre o dorso curvo do planeta, entre o branco lençol de areia e as estrelas, uma consciência de homem*. É o que vemos também em Guillaumet, personagem de *Terra dos Homens*: *O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem era capaz de fazer*. Ora, o primado

"Desde o início estamos nos perguntando se, por acaso, o teólogo e o escritor se encontraram alguma vez no decurso de suas vidas"

da consciência não é um dos temas privilegiados de Teilhard? Eis a fórmula teilhardiana: *É melhor ser do que não ser. É melhor ser mais do que ser menos*. Não é notável?

IHU On-Line - Para além dessas coincidências de pensamento, teria havido algum encontro efetivo entre os dois?

Waldecy Tenório - Desde o início estamos nos perguntando se, por acaso, o teólogo e o escritor se encontraram alguma vez no decurso de suas vidas. Mas por falta de provas, o melhor a fazer é seguir a pista de André Devaux, segundo a qual o encontro entre os dois se deu não nos acontecimentos fortuitos, mas num nível mais profundo de suas existências. É certo, por exemplo, que Teilhard leu os livros de Saint-Exupéry e manifestou especial predileção por *Terra dos Homens*. Também é certo que Saint-Exupéry leu alguns ensaios de Teilhard. E daí? Daí que existe a esse respeito uma história incrível sobre os dois. Uma vez um amigo de Saint-Exupéry deu-lhe, de presente, um ensaio de Teilhard. Quando Saint-Exupéry morreu, esse ensaio foi encontrado em sua pasta de aviador. Como era uma cópia mimeografada, um editor pensou que o texto fosse do próprio Saint-Exupéry e já se preparava para publicá-lo como se fosse do escritor quando o amigo descobriu o *imbróglio* e evitou o escândalo. Freud explica ou teremos de apelar para a sincronicidade de Jung? Em todo caso, se foi possível atribuir a um o texto que era do outro, é porque inegavelmente existe uma grande afinidade entre eles. Essa

afinidade se revela definitivamente nos parágrafos finais do Prólogo de *O Fenômeno Humano*, de Teilhard: *Na verdade, duvido que haja, para o ser pensante, minuto mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe a venda dos olhos, descobre que não é um elemento perdido nas oscilações cósmicas, mas que uma universal vontade de viver nele converge e se hominiza. O homem, não no centro estático do mundo - como ele se julgou durante muito tempo - mas eixo e flecha da Evolução, o que é muito mais belo*. Vou concluir lembrando que Teilhard de Chardin e Saint-Exupéry atingiram o limite da angústia quando se perguntaram, em suas respectivas obras, o que poderiam dizer aos homens do século XX para que eles não se perdessem. No início do século XXI, em meio ao ceticismo generalizado e aos horrores em que vivemos, marcados por tantas feridas narcísicas, o que diriam eles para que não nos percamos? Por certo, nos lembrariam a lição conjunta da literatura e da teologia, condensada naquela frase shakesperiana de Teilhard: *É melhor ser do que não ser*. E embora não tenhamos dito tudo, e a busca continue, chegamos à quinta aproximação, exatamente o lugar para onde o título, como mapa e roteiro, quis nos conduzir.

LEIA MAIS...

>> Waldecy Tenório já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line:

* *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria* - publicada na IHU On-Line número 135, de 04-04-2005, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158267341.59pdf.pdf>;

* *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry* - publicada na IHU On-Line número 142, de 23-05-2005, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf>;

* *"Uma dor comum na consciência"* - publicada na IHU On-Line número 221, de 28-05-2007, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=438;

* *"Meu Deus e meu conflito". Teologia e literatura* - publicada na IHU On-Line número 251, de 17-03-2008, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=924&id_edicao=279.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Entrevista da Semana

“Vargas inverteu o jogo do poder quando se matou”

O legado varguista se conserva principalmente em assuntos que remetem ao campo do trabalho e às questões sindicais, assegura a historiadora Ângela Maria de Castro Gomes

POR GREYCE VARGAS E PATRICIA FACHIN

A próxima segunda-feira, 24 de agosto, marca os 55 anos da morte do ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Em 1954, ele se consagrou na história política brasileira com um tiro no coração, que veio acompanhado de uma carta-testamento, um dos documentos históricos mais conhecidos no país. Nesse dia, a Era Vargas “acabou”, mas o legado varguista permaneceu ao longo dos anos, gerando inclusive duas mudanças importantes no que diz respeito à questão da organização sindical, conforme a historiadora Ângela Maria de Castro Gomes, em entrevista concedida, por telefone, à **IHU On-Line**. Uma delas, complementa, é a liberdade das organizações sindicais em relação ao governo; a outra é marcada pelo surgimento de instituições de cúpula independentes da estrutura de organização via profissões.

Especialista em história do Brasil e pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ângela Maria analisa a trajetória do governo getulista e acentua que, embora muitas de suas iniciativas permaneçam, as políticas desempenhadas por Lula não representam uma continuidade desse modelo. Ela explica que as transformações do presente são decorrentes de um diálogo com o passado, o que não é a conservação de uma linha política. “O passado e as tradições se materializam em instituições, em valores, comportamentos. Justamente por isso o passado não é “algo” que está “atrás” de nós, e sim junto conosco; ele faz parte do presente, das formas de pensar da atualidade, explica. E reitera: “Isso não significa uma continuação simplista, uma permanência, e sim uma forma de se transformar que é muito mais frequente na história do Brasil e do mundo”.

Ângela Maria de Castro Gomes é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre e doutora em Ciência Política pelo IUPERJ da Sociedade Brasileira de Instrução (SBI). Sua tese leva o nome de *A invenção do trabalhismo* (1987). Atualmente, é professora titular de História do Brasil da UFF e pesquisadora e professora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. De sua vasta produção bibliográfica, citamos *Vargas e a crise dos anos 50* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994); *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996); *A República no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002) e *Ministério do Trabalho: uma história vivida e contada* (Rio de Janeiro: CPDOC, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Passados pouco mais de 50 anos da morte de Getúlio Vargas, quais foram as principais marcas deixadas pela Era Vargas?
Ângela Maria de Castro Gomes - A Era Vargas marcou um modelo de presidencialismo no Brasil, no qual o Presidente da República no Brasil passou a desempenhar um papel muito especial, sendo identificado pela popula-

ção de uma maneira bastante fácil e direta. A partir do governo de Getúlio, foi construída uma prática de comunicação e a “possibilidade de aproximação” da população com o presidente. Isso ocorre não só no período do Estado Novo, mas, e talvez com implicações mais importantes para a população, no período do segundo governo, quando ele foi eleito.

Outro ponto importante é o fato de Vargas ter sido um Presidente da República ligado às políticas sociais (educação, saúde etc) e à área do trabalho, em especial. Ele era reconhecido como alguém que interpelava a população através do bordão, trabalhadores do Brasil, mas que também implementava um conjunto importante de leis na área da política social do trabalho,

que permanece até hoje, como um legado importante desse período. Esses são os pontos mais fortes que eu destacaria, pensando na Era Vargas como um todo.

IHU On-Line - Vargas era de fato refratário ao capital internacional ou se trata de um mito que se criou ao longo da história?

Ângela Maria de Castro Gomes - Digamos que nem tanto e nem *tampouco*. É importante observar que, no primeiro período da Era Vargas, estávamos vivendo num contexto internacional, no qual emergiram muitos nacionalismos. Ao mesmo tempo, esse foi um período em que a Europa foi conturbada pela Segunda Guerra Mundial. Temos de entender que essa questão de nacionalismo, inclusive pensando em termos de parcerias econômicas, são impactadas pelo momento histórico: inicialmente pela crise de 1929 e depois pelo contexto que precedeu a Segunda Guerra Mundial. Então, o discurso nacionalista, internacionalmente, era algo que fazia extremo sentido nesse período.

Desde o Estado Novo e também durante o segundo governo Vargas, há um diálogo maior entre Brasil e EUA, embora, após 1945, já sob o clima da Guerra Fria. Com **Juscelino Kubitschek**¹, desenvolveram-se mais as parcerias internacionais, a vinda de capitais internacionais; mas aí a situação política e econômica é radicalmente distinta da dos anos 1940. Então, é preciso observar até que ponto um discurso mais nacionalista está articulado a um contexto de dificuldades internacionais, inclusive de estabelecimento de políticas bilaterais. Os anos 50 favoreceram maiores diálogos, mas também trouxeram novas tensões, em especial com os EUA.

A ideia de Vargas ser refratário ao capital internacional não é um mito,

mas temos de entender o momento em que sua política está se afirmando e sendo compartilhadas. Elas fazem sentido, sobretudo nos anos 30 e 40, lembrando que, com o início da guerra, muda inteiramente o alinhamento do Brasil com os EUA, bastando lembrar das bases do nordeste, de Volta Redonda etc.

IHU On-Line - Como a senhora explica o suicídio do ex-presidente?

Ângela Maria de Castro Gomes - A morte de Vargas envolve, sem dúvida, um cálculo político. Não é um suicídio impensado, muito pelo contrário. Como é sabido, Vargas, em outros momentos de sua vida, já havia imaginado a morte como alternativa política. Evidentemente, esse cálculo tem um custo altíssimo e definitivo, mas ele o bancou em uma situação entendida como limite. O ex-presidente era um

“A morte de Vargas envolve, sem dúvida, um cálculo político. Não é um suicídio impensado, muito pelo contrário”

homem de longa carreira política, que veio do período da Primeira República e atravessou, portanto, toda a primeira metade do século XX.

Em sua primeira deposição (1945), ele saiu do poder pela força de uma mudança política internacional e igualmente por uma articulação de forças entre civis e militares no Brasil. Mas saiu de “cabeça em pé” e até com sua popularidade em alta. O Estado Novo caiu, mas Getúlio não deixou a presidência desprestigiado e, principalmente para ele mesmo, não saiu com seu nome maculado. Retirou-se porque se findaram as condições para a sua manutenção no governo. Além do mais, a coalizão antigetulista foi suficientemente forte, temendo sua continui-

de no poder. Em 1954, a situação foi diferente. Ele não perderia somente o lugar de Presidente da República, mas também seu próprio nome, o valor de sua carreira e de suas políticas desenvolvidas ao longo do tempo. Vargas não queria sair do cargo dessa forma e inverteu o jogo quando se matou. Para ele, a morte era um sacrifício suficientemente grande para produzir uma inflexão no equilíbrio de forças políticas daquele momento. Isso aconteceu, mas ele não estava vivo para ver. Os que ficaram avaliaram até que ponto sua ação teve impactos no sentido de transformar o momento político, mas ele não, obviamente. É como ele mesmo escreve: “Saio da vida para entrar na história”. A vida era o preço para ele permanecer e se engrandecer na história.

IHU On-Line - A Era Vargas iniciou no Brasil o que se chamou de ‘modernização conservadora’?

Ângela Maria de Castro Gomes - Essa categoria tem sido usada recorrentemente desde os anos 70. A modernização conservadora representa um processo de modernização que se entende como não produzindo grandes rupturas. Ou seja, um processo que está acoplado a permanências de características no que diz respeito a aspectos fundamentais da economia, da sociedade etc.

Mas é preciso pensar que processos de modernização são, geralmente, muito mais de “modernização conservadora”, do que de “modernização revolucionária”. São muito raros os processos que produzem grandes rupturas; e, mesmo nesses casos, elas não são tão absolutas/radicais, como já se acreditou. Nunca se começa nada do zero. O passado e as tradições comuns de um grupo social se materializam em instituições, em valores, em comportamentos. Justamente por isso, esse passado faz parte do presente, faz parte das formas de se lidar com o presente e de se projetar o futuro. Isso não significa que há uma continuação simplista, uma permanência em linha direta entre passado e presente. O que há são formas de se transformar que precisam sempre dialogar com o

¹ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi Presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28 de novembro de 2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download na página do IHU, <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158350419.97word.doc>. (Nota da IHU On-Line)

que existe em termos materiais e de crenças; é muito mais isso que ocorre na história e na história do Brasil.

Então, essa ideia de que é possível fazer transformações, modernizações sem vínculos com o passado, sem conservar sempre alguns aspectos, é insustentável teórica e empiricamente. Muitos estudos mostram que não se pode romper diretamente com tudo. Por isso, esse conceito de modernização conservadora não é ruim, mas também não traduz um processo incomum, não é algo que ocorre só no Brasil (visto muitas vezes como indicando uma insuficiência/falta), muito ao contrário.

A historiografia dos anos 90 e da primeira década do século XXI entende que processos de modernização são quase sempre “conservadores”. Mesmo aqueles que não são considerados classicamente “conservadores”, não são tão radicais assim e também dialogam com o “passado”. Até a França revolucionária prestou seus tributos à força das tradições do Antigo Regime. Então, devemos olhar esse conceito, entendendo o momento em que ele foi conformado, suas grandes contribuições e também sua trajetória, em função das mudanças da historiografia das últimas décadas.

IHU On-Line - O governo Lula representa a continuidade de um modelo varguista?

Ângela Maria de Castro Gomes - Não gosto de pensar dessa maneira. O mundo mudou muito nos últimos anos, considerando o processo de globalização, os contextos políticos nacionais e internacionais, inteiramente diferentes. O governo Lula não poderia continuar, mesmo que quisesse, a implementar o modelo de Vargas, que data dos anos 1930.

Eu já mencionei que as mudanças nunca se fazem sem um diálogo com o passado. Então, também imaginar a possibilidade de governos que não dialogam com as políticas que os precederam, que conformaram instituições existentes, é impossível. O governo Lula não é um coelhinho saído da cartola; ele tem a ver com o passado, com a história política do Brasil. O segundo mandato do presidente Lula está interligado com o primeiro, que está relacionado com o

governo anterior de FHC, não porque esteja continuando este governo, mas, por exemplo, porque existem políticas que devem ser do Estado e não de governos. Certamente há sempre linhas de continuidade e descontinuidade, mas isso vai depender das condições de cada governo: das alianças partidárias, da distribuição de forças no legislativo, do contexto político e econômico internacional etc. Há escolhas e há constrangimentos.

Da mesma forma, não se pode pensar no primeiro governo Vargas sem considerar a crise de 29 e a segunda Guerra Mundial; analisar os anos 50 sem considerar a Guerra Fria; não é possível se debruçar sobre o governo Lula sem considerar a globalização, a atual crise econômica internacio-

“É mais proveitoso trabalhar, refletindo que governos são sempre tributários de algo que lhes precedeu”

nal etc. É mais proveitoso trabalhar, refletindo que governos são sempre tributários de algo que lhes precedeu. Não porque eles repitam ou continuem mecanicamente nada, mas porque têm que se haver com as referências e diretrizes existentes, mudando-as mais ou menos, conforme projetos e possibilidades.

Petrobras

A Petrobras, por exemplo, não é a mesma da década de 70. Ela mudou muito, mas continua sendo uma empresa pública de grande valor simbólico. A Petrobras mexe com o imaginário político nacionalista dos brasileiros de forma muito forte ainda hoje. Ela se transformou em aspectos radicais, mas continua um símbolo e, nesse sentido, mantém um legado que vem de Vargas. FHC falou, no seu discurso de posse, que a Era Vargas acabou. Em

um sentido preciso, de fato, ela terminou quando Vargas se matou. Mas, do ponto de vista de seu legado não há como se decretar que ele acabou, porque não há controles desse tipo. Isso requer muito tempo e mudanças.

IHU On-Line - Quais são as continuidades e principais releituras, hoje, da Era Vargas?

Ângela Maria de Castro Gomes - As continuidades são fáceis de detectar. Vamos trabalhar com a ideia de um legado, ou seja, como alguma coisa que fica justamente porque está sendo permanentemente mudada. Isso pode parecer um paradoxo, mas é justamente porque os legados deixados por um governo, um período etc. sofrem mudanças é que permanecem. Nos assuntos que remetem ao campo do trabalho, e às questões sindicais, o legado varguista permaneceu, ou seja, ele durou porque foi se transformando através do tempo.

IHU On-Line - Era comum, nos anos 80, os cursos de formação sindical criticarem duramente o modelo de sindicalismo deixado por Vargas. Entretanto, a estrutura sindical permanece praticamente intacta. A senhora acha que o movimento sindical está revendo o significado da Era Vargas?

Ângela Maria de Castro Gomes - Penso que, ao longo do tempo, houve duas mudanças importantes nesse modelo. Uma que diz respeito à conquista da liberdade das organizações sindicais, na medida em que elas deixaram de precisar do reconhecimento do Ministério do Trabalho, ou seja, de ter a tutela de uma instituição governamental. Essa é uma grande transformação que vem basicamente dos anos 80, com a Constituição de 88. Outra ocorre quando se permite a organização de instituições de cúpula, independente da estrutura de organização via profissões. Isso também representa uma transformação muito grande no modelo corporativista varguista. Entretanto, permanecem pontos ainda bastante duros e criticados, mas, a despeito disso, estão mantidos. Talvez, o exemplo mais paradigmático disso seja o imposto sindical - que não tem esse nome -, mas que evidentemente tem a ver com o fato de que os

trabalhadores ainda têm descontado um dia de seu salário, independente de serem ou não sindicalizados ou associados voluntariamente a um sindicato. Essa - não por acaso - é uma questão complicada, mas sempre na hora de se resolver, adiada. Não por acaso, envolve um volume de recursos imenso e garantido para as organizações sindicais.

IHU On-Line - O PT nasceu em oposição ao passado de Vargas, mas, ao que tudo indica, vem se aproximando desse modelo de governo. A senhora concorda?

Ângela Maria de Castro Gomes - O PT construiu um discurso para ele mesmo e para os outros - muito compreensível, aliás -, demarcando uma identidade radicalmente diferente de tudo o que lhe antecedia. Queria se definir como um ponto zero. Esse tipo de estratégia discursiva não é incomum. Ela é um esforço para se afirmar como novo e ganhar adeptos. Mas o discurso não se afina necessariamente com um conjunto de práticas, que essa organização política teve e tem. Então, basicamente, se pensarmos o PT como um partido de trabalhadores, ele tem muito a ver com o PTB, que era um partido dos trabalhadores, mas nos anos 1940. Isso não quer dizer que eles sejam iguais ou mesmo muito parecidos. Mas também não são tão radicalmente diferentes. O PT, por exemplo, manteve boa parte das características do modelo de sindicalismo corporativo varguista. Devemos trabalhar com esses dois lados da moeda, com o das mudanças e também das permanências, evitando comparações entre o que é diferente, o que acaba trazendo mais problemas que esclarecimentos.

LEIA MAIS...

>> Sobre Vargas, a IHU On-Line já dedicou duas edições. Elas estão disponíveis no sítio do IHU.

- *A Era Vargas em questão 1954-2004*. Edição número 111, de 16-08-2004, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158263657.28word.doc>;
- *Getúlio*. Edição número 112, de 23-08-2004, disponível no endereço eletrônico <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158264167.18word.doc>.

Teologia Pública

O crescimento do ecofeminismo na América Latina

Para a teóloga ecofeminista Mary Judith Ress, o ecofeminismo atrai muitas mulheres da América Latina porque é um movimento cultural e não tão carregado do aspecto político

POR GRAZIELA WOLFART

Ao descrever o princípio do que seria uma teologia ecofeminista, a teóloga Mary Judith Ress adianta que é algo muito simples: “tanto as mulheres como a Terra passaram a ser fontes da vida, não mais recursos dos quais se pode aproveitar”. Para ela, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, “não podemos continuar com o patriarcado, que está destruindo o planeta”. E constata: “estamos, de fato, em uma mudança tremenda dentro do nosso planeta... Vamos ver para onde ela nos levará”.

Mary Judith Ress é fundadora e membro do grupo Con-spirando (www.conspirando.cl). É autora de, entre outros, *Del Cielo a la Tierra* (México: Editorial de Mujeres, 1994); *Lluvia para florecer: entrevistas sobre el ecofeminismo en América Latina* (Santiago: Colectivo Con-Spirando, 2003); e *Ecofeminism From Latin America* (Nova Iorque: Orbis Books, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os princípios da teologia ecofeminista?

Mary Judith Ress - Desafiamos a teologia tradicional por ser tão centrada no ser humano. Nosso lema é: “recordamos quem somos - povo de estrela contemplando as estrelas”. Vimos da terra e voltaremos a ela. Ponto. A mensagem - ou princípio - de uma teologia ecofeminista é muito simples: tanto as mulheres como a terra passaram a ser fontes da vida, não mais recursos dos quais se pode aproveitar.

IHU On-Line - Como se caracteriza a espiritualidade da teologia ecofeminista?

Mary Judith Ress - A espiritualidade do ecofeminismo está sumamente relacionada com a natureza - seus ciclos, suas luas cheias, suas noites estreladas, toda a comunidade da vida. Então, fazemos ritos que expressam

este vínculo que temos com nossa Terra Mãe e com todo o universo.

IHU On-Line - Qual a situação do ecofeminismo na América Latina hoje?

Mary Judith Ress - Vibrante! Está crescendo muito rápido porque já estamos dentro da crise do aquecimento da Terra. O ecofeminismo atrai muitas mulheres da América Latina porque é um movimento cultural, e não tão carregado do aspecto político.

IHU On-Line - Que a senhora pensa sobre a questão do paradigma pós-patriarcal?

Mary Judith Ress - Tema amplo! Penso que simplesmente não podemos continuar com o patriarcado, que está destruindo o planeta. Então, creio que estamos em uma nova forma de nos organizar (não consumir tanto, consu-

“Há um despertar que nos diz que, se sujarmos a Terra Mãe, estamos sujando a nós mesmos”

mir, consumir). Essas formas ainda estão aí, mesmo que já existam muitos “modelos” de sustentabilidade, de refazer o planeta. Estamos, de fato, em uma mudança tremenda dentro do nosso planeta... Vamos ver para onde ela nos levará.

IHU On-Line - Na América Latina, as mulheres estão deixando para trás o modelo patriarcal e partindo para algo novo?

Mary Judith Ress - Não, não estamos deixando para trás o patriarcado com um só golpe. Esse é um processo longo, de novos encantos e desencantos. Mas há um despertar que nos diz que, se sujarmos a Terra Mãe, estamos sujando a nós mesmos. Este é um processo planetário.

IHU On-Line - Em que sentido sua reflexão teológica emerge da experiência das mulheres pobres das periferias da América Latina?

Mary Judith Ress - Ainda que nunca vamos desprezar os e as pobres, estamos deixando para trás as “classes” - é preciso cruzar fronteiras para fazer de novo um planeta saudável. Então, nossos ritos, retiros e oficinas se realizam no sentido de uma “mescla” de pessoas com diferentes habilidades.

IHU On-Line - De que maneira é possível perceber o corpo da mulher como mediação hermenêutica? As mulheres podem ser designadas como um lugar da revelação de Deus?

Mary Judith Ress - Mas a imagem de um deus pai, masculino, onipotente é resultado do patriarcado! Em Con-spirando, fazemos um curso sobre outras imagens do sagrado. Nos tempos paleolíticos e neolíticos, tínhamos outras imagens do divino - e, muitas vezes, era algo ou alguém associado com a mulher/mãe e Terra/mãe.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA
ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR



coluna do
CEPOS
grupo de pesquisa



Expectativas e possibilidades da TV digital na educação

POR NADIA HELENA SCHNEIDER*

O presente texto, em consonância com os estudos da Economia Política da Comunicação, tem o objetivo de refletir sobre as possibilidades da TV digital interativa e sua contribuição na educação. Visa promover a utilização dos recursos da linguagem audiovisual e a exploração de determinados conteúdos da televisão, como conhecimento específico.

Atualmente, com a chegada da digitalização, vivenciam-se grandes avanços e expectativas em diversas áreas, que refletirão em vários segmentos sociais, modificando os meios de comunicação e as mediações das interações sociais.

Diante dessas mudanças, nota-se a grande preocupação com o desenvolvimento da humanidade, que exige dos cidadãos um alto investimento intelectual que contemple tanto o domínio técnico quanto a reflexão crítica e o autoconhecimento. Nesse sentido, compreende-se a televisão como meio de comunicação que sempre esteve presente na trajetória educacional, tendo em vista sua grande força como produtora de sentidos e significados, bem como por estar presente em 97% dos lares brasileiros, legitimando valores e estimulando comportamentos, através de seus programas, atuando, especialmente, como agente de socialização.

No Brasil, a digitalização do sistema de transmissão da TV aberta iniciou-se, primeiramente, em São Paulo, no final de 2007. Além da alta qualidade da imagem, a tecnologia possibilita incorporar dois atributos que, até então, são de domínio da Internet: a interatividade e a quebra da verticalização da programação. Ou seja, o telespectador poderá selecionar o conteúdo e a hora de exibição do programa de seu interesse para assisti-lo no momento desejado. Atualmente, a cobertura ao sinal digital atende a 17 capitais, abrangendo as cinco regiões do Brasil, e a previsão é atingir as demais até o final de 2009.

No momento, a discussão sobre a TV digital está na pauta de vários segmentos da sociedade, merecendo atenção especial, devido às suas possibilidades, e, grandes são as perspectivas no campo educacional, objetivando favorecer o processo ensino aprendizagem.

Nesse sentido, duas são as expectativas: o Canal da Educação e a Interatividade. Quanto à primeira, depois da fusão da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp), o Governo está com suas atenções voltadas a criar o canal da educação, previsto no artigo 13 do Decreto 5.820, que im-

* Professora na rede municipal de Dois Irmãos (RS), membro do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation) e mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação da UNISINOS.



Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

plantou o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTD-T). Esse canal, ainda em fase de planejamento, está sob a coordenação do Ministério da Educação (MEC).

Segundo o Secretário de Educação à Distância do MEC, Carlos Bielschowsky, durante o II Fórum Nacional de TVs Públicas, realizado dia 26 de maio do corrente, o MEC está disposto a trabalhar conjuntamente com as TVs universitárias em um “modelo de gestão de governança”. Na ocasião, a Associação Brasileira de Televisão Universitária - ABTU - lançou uma campanha para solicitar da União um canal digital com 6 MHz, específico para as TVs universitárias e a possibilidade de fazer multiprogramação. Esse modelo implica numa televisão passível de ser dividida em quatro canais, alegando que as afiliadas da ABTU produzem mais de 240 horas/semana de programação inédita que poderiam ser ofertadas ampliando a diversidade audiovisual de conteúdos educacionais e culturais.

A segunda expectativa no ensino, com a chegada da TV digital, está na possibilidade da interatividade, citada no artigo 6 do Decreto 5.820, uma característica dos novos meios, que vai ao encontro dos caminhos da escola em busca de inovações nas práticas pedagógicas.

A capacidade de interação entre o telespectador e a emissora, através do conversor, ou set top box, bem como a convergência com outros aparelhos, abrem ainda mais o leque de opções

aplicativas de uso e permitem considerar, preliminarmente, quais seriam os recursos que poderiam ser explorados no campo educacional, nos processos de ensino-aprendizagem, pela apropriação dos elementos de linguagem e possibilidades técnicas para a produção e trans-

**“A perspectiva de
educar pela televisão
significa tanto
comprometer emissoras
a ofertar mais e
melhores programas
ao público, quanto
lutar por mais ofertas
de canais educativos no
sistema aberto de
televisão”**

missão do conhecimento. Vale destacar que a esperada interatividade se divide em duas. A local, na qual o telespectador interage com conteúdos disponibilizados pela emissora, tais como textos com informativos sobre uma notícia dada e vídeos adicionais que dêem mais

detalhes, e a interatividade plena, que oportuniza que o telespectador interfira na programação que está sendo enviada para todos, votando, enviando informações e e-mails.

Entretanto, a implantação efetiva desse recurso requer investimentos significativos, tanto para os consumidores, quanto para a indústria, fabricantes, produtores e radiodifusores.

A perspectiva de educar pela televisão significa tanto comprometer emissoras a ofertar mais e melhores programas ao público, quanto lutar por mais ofertas de canais educativos no sistema aberto de televisão.

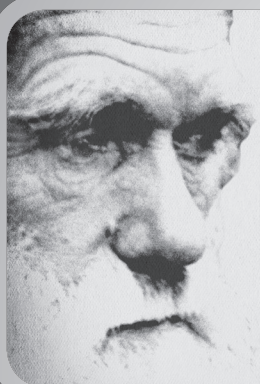
Só dessa forma é possível vislumbrar a apropriação da TV digital propiciando uma educação que promova a cidadania, na medida em que a interatividade estimula a formação de receptores ativos, imprescindíveis para uma intervenção social coletiva e crítica. A televisão, mais do que uma tecnologia que transmite sons e imagens, voltada, principalmente ao entretenimento, faz parte do cotidiano da maioria das famílias e seu conteúdo serve de referência sobre a realidade social.

Concluindo, é importante ressaltar que educar através da nova televisão exige que educadores e comunicadores abracem alguns objetivos comuns; a compreensão intelectual do meio, o domínio da tecnologia e a capacitação para sua utilização livre e criativa.

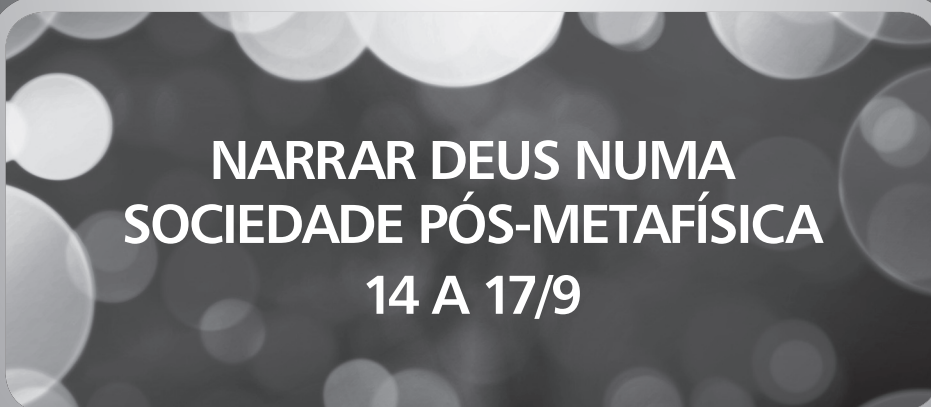
Curso de Extensão na Unisinos	<i>Fundamentos e Práticas de Jornalismo Político</i>	Organização CEPOS grupo de pesquisa
	Início: 16 de setembro	
	Professor: Bruno Lima Rocha. Professor de Comunicação da Unisinos. Doutor e Mestre em Ciência Política pela UFRGS	
	Fone (51) 3591-1122 ou pelo e-mail: RAQUELRUSCHEL@unisinos.br	



**EM SETEMBRO, O INSTITUTO
HUMANITAS UNISINOS - IHU -
TRAZ DOIS GRANDES
SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.**



**ECOS DE DARWIN
9 A 12/9**



**NARRAR DEUS NUMA
SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA
14 A 17/9**

Informações e inscrições: www.unisinos.br/ihu



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 11-08-2009 a 15-08-2009.

Trabalho escravo: um problema que persiste.

Entrevista com Marcos Pedlowski, geógrafo

Confira nas Notícias do dia 11-08-2009

O professor da UFF fala, nesta entrevista, sobre a MP 458, também conhecida como “MP da grilagem”, sobre as possibilidades da efetivação da PEC que trata do trabalho escravo, e contextualiza esse problema na conjuntura política do país.

“O povo gaúcho merece mais do que ‘transparência’”

Entrevista com Jacques Alfonsin, advogado

Confira nas Notícias do dia 12-08-2009

O advogado do MST tratou sobre a ação civil pública proposta pelos procuradores da República em Santa Maria contra a governadora do RS.

As consequências do rei carro e do imperador presunto.

Entrevista com Luc Vankrunkelsven, filósofo e teólogo

Confira nas Notícias do dia 13-08-2009

O ambientalista dissertou sobre o consumo de carne no mundo e a sua relação com os problemas ambientais. Segundo ele, este problema é globalizado e o aumento do consumo de carne está diretamente relacionado ao poder aquisitivo das pessoas.

‘O Islã tem como bandeira mais importante o entendimento entre todos os povos’.

Entrevista com Ahmad Ali, fundador da Mesquita de Porto Alegre

Confira nas Notícias do dia 14-08-2009

“Para nós, Mohamed foi quem recebeu as mensagens divinas pelo anjo Gabriel. Para nós, Mohamed é um profeta e foi quem implantou a verdadeira mensagem divina para toda a humanidade. Essa é a diferença entre o Islamismo e as demais religiões”, disse o fundador da Mesquita e da Sociedade Islâmica de Porto Alegre, que também participou, nesta última sexta-feira, do evento Religiões do Mundo, aqui no IHU.

Línguas indígenas. Uma riqueza que não pode desaparecer

Entrevista especial Dennis Albert Moore, linguista

Confira nas Notícias do dia 15-08-2009

Pesquisadores da FAPESP anunciaram que cerca de 180 línguas tradicionais dos povos indígenas podem desaparecer. Embora conteste alguns dados desta pesquisa, o linguista estadunidense que vive no Pará, Dennis Albert Moore, aponta questões importantes que estão levando algumas línguas tradicionais ao fim. A principal delas é a falta de linguistas no país, principalmente nos estados onde a presença dos povos indígenas é maior.

**Leia as Notícias
do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista





O dogma da responsabilidade

Segundo o desembargador do Rio Grande do Sul, Aramis Nassif, políticas públicas para resolver o problema da segurança pública devem buscar soluções para fortalecer o controle informal da disciplina social

POR PATRICIA FACHIN

Ao avaliar a segurança pública gaúcha e nacional, o desembargador do Rio Grande do Sul, Aramis Nassif, frisa que “o que se faz com eficiência é o uso do medo e da insegurança para ocultar a deficiência de políticas públicas que alimentem e permitam o controle informal (...), que possa levar a uma concepção axiológica da convivência social”. Em entrevista concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**, Nassif esclarece que no imaginário popular há confusão no que se refere à responsabilidade sobre a segurança pública. Como é encarregado de decidir sobre o rumo das ações penais e é considerado “o afluente dos problemas criminais”, o Poder Judiciário é entendido por alguns cidadãos como o responsável pela segurança pública, explica.

Nassif estará na Unisinos, na segunda-feira, 24-08-2009, participando do evento IHU em Movimento, realizado em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU e com a Unidade de Ciências Jurídicas da universidade. O encontro tem como tema o Poder Judiciário e a segurança Pública; o dogma da responsabilidade, e está marcada para as 20h, no Auditório Maurício Berni, na Unisinos.

Aramis Nassif possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e mestrado em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Além de desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, é docente da Escola Superior da Magistratura Ajuris, do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre seus livros, citamos *Direito penal e processual penal: Uma abordagem crítica* (Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2002); *Sentença Penal: o desvendar de Themis* (Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2005) e *O novo Júri brasileiro* (Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o dogma da responsabilidade pela segurança pública se manifesta no judiciário brasileiro? Ele de fato não exerce nenhuma responsabilidade nesse sentido?

Aramis Nassif - Efetivamente, a responsabilidade pela segurança pública é inerente às atividades do Poder Executivo. O comprometimento do Judiciário com ela pode conduzir à parcialidade e falta de isenção, que conduz, por exemplo, às prisões cautelares em excesso e algumas delas desnecessárias, quase sempre com o pretexto de garantia de ordem pública, clamor social etc.

A responsabilidade do Poder Judiciário, como contribuinte à pacificação social assolada pela violência, tem relação com a prestação jurisdicional racionalmente célere e eficiente, nem sempre possível de alcançar pelas maelas já conhecidas.

IHU On-Line - A ideia de segurança pública presente no imaginário social está mais associada ao Poder Judiciário ou ao Poder Executivo? Por quê?

Aramis Nassif - Ao Poder Judiciário, porque ele é o afluente dos problemas criminais - como dos sociais - manifestado em procedimentos formais. Assim, instaurado o inquérito e, depois, formado o processo, é encaminhado ao Judiciário para julgamento. Ele tem a última palavra e, como referiste, no imaginário popular o poder de castigar.

Mas, mesmo antes do processo judicial já pode ocorrer a intervenção judicial: é o Poder que pode prender (cautelar e definitivamente). A informação dessa possibilidade alcança a sociedade em geral de maneira tal que pensa que o Poder Judiciário é tutor de seus interesses, quando, em verdade, mais o é do cidadão, na proteção dos seus direitos fundamentais.

IHU On-Line - Para o senhor, a punição tem mais valor para a sociedade do que o investimento em políticas públicas que possam garantir a segurança pública? Por que há essa distorção? Isso está relacionado de alguma maneira com o funcionamento do Poder Executivo e do Judiciário?

Aramis Nassif - Porque é mais barato punir. Basta a sentença penal, uma prisão cautelar. Devemos lembrar que os demais poderes entendem que o Poder Judiciário opera em sincronia com os interesses políticos da cada um deles. Por isso mesmo, a inflação de leis penais, o agravamento de penas pelo Poder Legislativo que são sancionadas sem pestanejar pelo Poder Executivo. Enquanto isso, punindo, nesse mesmo imaginário, estar-se-ia diante de solução para a violência. Só que os presídios estão lotados, e a criminalidade



não diminui.

IHU On-Line - Que ações devem compor uma política de segurança pública que de fato tenha efeitos sociais?

Aramis Nassif - O problema é que tem sido tomadas providências através de ações que não resultam em solução eficaz para a problemática da violência e, daí, da segurança.

O que se faz com eficiência é o uso do medo e da insegurança para ocultar a deficiência de políticas públicas que alimentem e permitam o controle informal (na estrutura que chamo de primária e decisiva, composta pela família e educação, e, na secundária, composta pelo emprego ou oportunidade de sobrevivência com dignidade), que possa levar a uma concepção axiológica da convivência social. Distante desse controle dissemina-se a cultura da violência, alimentada pela indiferença da sociedade e do Estado ao grave problema social que está na origem da maioria dos crimes violentos. Daí vem o pensamento da sociedade de que o controle formal (Direito Penal) pode dar a resposta para encaminhar o restabelecimento da harmonia no seio da sociedade. Alimente-se isso com o discurso punitivo e temos varrido para debaixo do tapete a realidade de tudo isso.

Acredito que apenas uma política social agressiva - no bom sentido - no ponto inicial da formação daquele que pode tornar-se delinquente pelo abandono e a indiferença é a solução, agora, a ser alcançada em longo prazo.

IHU On-Line - Quais são os maiores problemas da Segurança Pública gaúcha e nacional? Como analisa as políticas desenvolvidas nesse sentido?

Aramis Nassif - O maior problema, diante da realidade estabelecida, é a ineficiência das medidas preventivas da criminalidade, o baixo salário das polícias, que alimenta perversamente a corrupção, a disseminação incontrolável de tóxicos (especialmente o crack) e do tráfico de armas. Mas de nada vai adiantar sem buscar-se a solução para fortalecer o controle informal da disciplina social. Não consigo perceber a busca política de soluções que não seja aquela estabelecida em um discurso repressivo e punitivista.

Sociedade pós-metafísica

Para o professor Paulo César Nodari, estamos nos encaminhando para a sociedade pós-metafísica, mas simplesmente afirmar que a metafísica está morta é um engano e um erro ingênuo

POR PATRICIA FACHIN

Estamos num momento de transição da sociedade metafísica para a pós-metafísica, mas, nesse trajeto, muitos questionamentos se fazem em relação à religião. Na opinião do professor Paulo César Nodari, ela não irá perder o seu lugar. O que se percebe, explica ele, “é um movimento mundial de inversão, ou seja, de volta ao ‘sagrado’”. Depois de todas as críticas que recebeu ao longo dos séculos da história, “a dimensão religiosa volta com muita força”. Contudo, assegura, a volta do sagrado ultrapassa os moldes tradicionais. “Cada um, ao seu gosto e liberdade, constrói o seu sistema de fé. É o fim de uma tradição religiosa herdada. Nesse contexto, misturam-se elementos e aspectos velhos com os novos, tradicionais, ao ponto de serem considerados reacionários, com os revolucionários”. Em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, o professor acentuou que as religiões ainda terão sentido e que “o pensamento religioso não pode taxativamente ser considerado de ilusório e sem sentido”. E dispara: “A razão, ou se quisermos, o espírito humano, enquanto considerado todo-poderoso, não tem nele próprio a fonte última de sentido”.

Nessa sociedade pós-metafísica, acrescenta, “o mais importante não é saber se o apoio estará mais na razão ou na fé, na ciência ou na religião. Ambas as dimensões são importantes e constitutivas da dimensão humana da busca e do ir sempre além do já alcançado”. E conclui: “Trata-se, em última análise, da busca e do aprofundamento incessantes, ou seja, do equilibrado e ponderado ‘discernimento’”.

Nodari possui graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, graduação em Teologia pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pela Universidade de Tübingen, na Alemanha. Atualmente, é professor da Universidade de Caxias do Sul. O pesquisador estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU na próxima quinta-feira, 20-08-2009, às 17h30min, abordando o tema desta entrevista. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Estamos nos encaminhando para uma sociedade pós-metafísica?

Paulo César Nodari - Falar em sociedade pós-metafísica significa supor que houve anterior a essa, a chamada sociedade metafísica. Talvez, por isso, em primeiro lugar, seja importante recordar brevemente o que é e como foi compreendida a metafísica. Em linhas gerais, ela estava presente já na preocupação

dos filósofos pré-socráticos. Esses levantaram a pergunta pelo princípio de inteligibilidade da totalidade do real. Com Aristóteles, pode-se dizer que a metafísica ficou conhecida no Ocidente como o estudo do ser enquanto ser, como a filosofia primeira, como o estudo que se propõe penetrar em estudos além do saber físico. Metafísica é o que transcende a física. Pode-se, inclusive, dizer que a metafísica se confunde com o

próprio itinerário da Filosofia do Ocidente, enquanto esforço de pensar o ser enquanto ser. Todavia, sobretudo, com o advento da modernidade, a metafísica sofre uma nova interpretação. Lembrem-se, aqui, especialmente, entre outros, dois nomes importantes: Hume e Kant. Para Hume, é urgente delimitar o campo e o limite do conhecimento. É imprescindível eliminar as especulações metafísicas que ultrapassam a esfera e o âmbito da capacidade humana de conhecimento. Kant, por sua vez, despertado do “sono dogmático” por Hume, busca sistematizar a resposta à questão da relação entre pensamento e realidade por meio de uma reflexão epistemológica. Esta mudança de postura provoca uma reviravolta fundamental na natureza mesma da filosofia. Trata-se, com Kant, de mostrar como é possível todo e qualquer conhecimento da experiência humana. Passa-se de uma teoria do ente (ontologia) para uma teoria do conhecimento (epistemologia) enquanto tarefa fundamental da filosofia. Kant marca, por conseguinte, uma reviravolta no pensamento ocidental. Ele busca traçar rigorosamente as condições de possibilidade e os limites do conhecer. Deus, alma e liberdade, nessa nova perspectiva, não podem mais ser conhecidos, não obstante possam ser pensados pela razão. Aqui, fica mais clara a perspectiva de que Kant não destrói, por assim dizer, a metafísica, mas dá-lhe um novo rumo. Ela não pode ser provada como ciência. Kant é crítico ferrenho da metafísica clássica. Contudo, segundo Kant, a razão preserva a disposição natural de buscar o incondicionado além da própria experiência, ou seja, a totalidade das condições. Por isso, não obstante Kant seja considerado aquele que acaba com a metafísica clássica, para ele, a metafísica é preservada como uma nova metafísica, classificada por alguns em metafísica da experiência e em metafísica da liberdade. Continuando o caminho reflexivo, dando, todavia, um salto considerável na linha do tempo, podemos dizer que, com Nietzsche, é desferido à metafísica como que um novo golpe. A metafísica é, para Nietzsche, como

que uma ilusão que precisa ser desfeita, é como que uma ilusão quimérica do além, devendo ser, portanto, destruída. Heidegger, por sua vez, fala de uma crise do humanismo. Ele fala de um esquecimento do ser. A metafísica, em última análise, para ele, esqueceu de perguntar-se sobre o “sentido do ser”. Entre outros argumentos, à luz do exposto acima, talvez, se possa dizer que a “crise do pensamento e da Filosofia Ocidental” é por uns denominada de “Crise do Humanismo”, por outros, “Crise da Razão”, ou ainda, “pós-modernidade”, “Crise da Metafísica”, “pós-metafísica”. Nesse sentido, ao perguntarmo-nos se estamos

**“A própria Sociedade
pós-metafísica está
sujeita sempre de novo
a críticas e a novos
desenvolvimentos, uma
vez que nenhuma
realidade é capacidade
plena de realização e
efetivação de todas as
capacidades e
possibilidades”**

nos encaminhando para a Sociedade pós-metafísica, podemos afirmar, sobretudo, após todas as críticas recebidas contra a Metafísica Clássica, é impossível dizer que não estejamos nos encaminhando para a sociedade pós-metafísica. Mas isso não significa dizer, exagerando, ser a Metafísica, doravante, um estudo arqueológico e não significa afirmar que as questões metafísicas não estejam em voga ou não estejam presentes como preocupação na reflexão atual. Isso significa afirmar, por um lado, que refletir sobre questões metafísicas sem tomar

em consideração toda a Tradição Ocidental até nossos dias, ou então, simplesmente afirmar estar a Metafísica morta seria engano e erro ingênuo. Isso, por outro lado, significa dizer que a própria Sociedade pós-metafísica está sujeita sempre de novo a críticas e a novos desenvolvimentos, uma vez que nenhuma realidade é capacidade plena de realização e efetivação de todas as capacidades e possibilidades. Ela mesma, por isso, deve estar sujeita à crítica.

IHU On-Line - Que transformações o senhor vislumbra na sociedade pós-metafísica em relação à Modernidade? Que parâmetros vão reger esse novo modelo de Sociedade?

Paulo César Nodari - Segundo Habermas, quatro motivos caracterizam a ruptura com a Tradição. São eles: o pensamento pós-metafísico; a guinada linguística; o modo de situar a razão; a inversão do primado da teoria frente à prática. Atualmente, muito se tem falado e refletido sobre a linguagem como o novo paradigma em substituição ao paradigma moderno da consciência, sobre o modo de considerar a razão e o lugar da razão e das emoções na vida do ser humano, sobre as diferenças entre os seres humanos e o multiculturalismo entre culturas, povos e nações. À luz dessas questões, talvez, se possa cogitar a tese de que, na Sociedade pós-metafísica em relação à Modernidade, há alguns “problemas” a serem melhor investigados, como, por exemplo: como pensar a diferença sem ignorar e perder a identidade, ou seja, como será possível pensar a *unidade na diferença* sem a referência da significação e do fundamento último frente às manifestações fenomênicas? Como retomar a discussão e a crítica à razão instrumental e à razão opressora, seja, respectivamente, no viés trabalhado, por exemplo, por Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, e por Foucault? Como retomar de forma sistemática, rigorosa, com clareza na análise, as grandes questões e os grandes temas metafísicos sem deixar-se cair nos possíveis exclusivismos e relativismos, sejam eles de

quaisquer espécie e natureza? Como retomar a discussão da relação entre razão teórica e razão prática, tomando em consideração a ruptura do primado da razão teórica frente à razão prática no Pensamento pós-metafísico, a fim de possibilitar espaço de argumentação e discussão a respeito do dilema entre o “*poder fazer*” da ciência e o “*dever fazer*” da reflexão ética?

IHU On-Line - As religiões ainda têm sentido na Sociedade pós-metafísica? A fé nesse sentido ganha novas características ou se transforma?

Paulo César Nodari - Diante do exposto acima, percebe-se que o mundo mudou radicalmente. Vive-se uma transformação social, econômica e política que se faz acompanhada, sustentada e articulada por uma grande transformação ético-cultural. Essa mudança interveio como sinal de ruptura com o mundo da assim denominada era moderna e industrial. Algumas características manifestam mais claramente os sintomas dessa ruptura radical. Desenvolve-se um novo modo de produção. Constitui-se um novo modo de consumo. Advém, por ironia do destino, uma crise ambiental jamais imaginada. Fundamenta-se um novo modo de relacionamento entre as pessoas. Ocorre um crescimento abissal da assimetria entre pobres e ricos. Fortifica-se, cada vez mais, de certo modo, a crise das instituições clássicas (Estado, Igreja, Sindicatos, Escola, Família etc.). Com os avanços da ciência e da tecnologia, o mundo se tornou uma aldeia global. Ainda com influência e resquícios do Positivismo, permanece a ideia de que a ciência e a tecnologia nos levarão a um reino terrestre de grande prosperidade e ociosidade. Ainda permanece considerável e predominante a ideia do paraíso terrestre. Investe-se, por isso, tudo na tentativa de encontrar sentido no imanente. Busca-se dissipar a relação do ser humano com o Deus transcendente, buscando legitimar as manifestações fenomênicas como bastando-se a si mesmas, sem referência ao fundamento último. A partir, sobretudo, das críticas descerradas à religião, entre outros, por parte não ape-

nas de Marx, Freud e Nietzsche, mas também do positivismo, poder-se-ia pensar que a religião na assim chamada Sociedade pós-metafísica perderia seu lugar. O que se percebe, contudo, é um movimento mundial de inversão, ou seja, de volta ao “sagrado”. A experiência religiosa é um fenômeno testemunhado ao longo da história da humanidade, mesmo depois de todas as críticas, neste momento, a dimensão religiosa volta com muita força. Urge, todavia, dar-se conta de que a volta do sagrado se dá não mais nos moldes tradicionais. Esse movimento vem revestido de muitos aspectos novos, bem típicos da Sociedade pós-

“Do ponto de vista do discurso religioso com sentido, não é mais possível requerer plausibilidade no discurso argumentativo sem tomar em consideração, entre outras, tais características, se quisermos ganhar espaço na discussão”

metafísica. Evidentemente, as religiões ainda têm sentido. O pensamento religioso não pode taxativamente ser considerado de ilusório e sem sentido. A razão, ou se quisermos, o espírito humano, enquanto considerado todopoderoso, não tem nele próprio a fonte última de sentido. Porém, dentro dessa perspectiva de leitura, deve-se dizer que ocorre, nesse momento, de certo modo, uma “bricolagem de crenças”, ou ainda, uma espécie de “trânsito religioso”. Cada um, ao seu gosto

e liberdade, constrói o seu sistema de fé. É o fim de uma tradição religiosa herdada. Nesse contexto, misturam-se elementos e aspectos velhos com os novos, tradicionais, ao ponto de serem considerados reacionários, com os revolucionários. Do ponto de vista do discurso religioso com sentido, não é mais possível requerer plausibilidade no discurso argumentativo sem tomar em consideração, entre outras, tais características, se quisermos ganhar espaço na discussão.

IHU On-Line - O pensamento pós-Metafísico buscará apoio no pensamento religioso ou na razão? Que diálogo se estabelece entre fé e razão na pós-metafísica?

Paulo César Nodari - Em primeiro lugar, pode-se dizer que uma tensão entre fé e razão, ou se quisermos, entre ciência e fé, ou ainda, entre filosofia e teologia, existiu, existe e existirá. Em princípio, a tensão não é ruim. Ela se torna ruim quando não há mais possibilidade, e se fecham as portas ao diálogo, à independência e autonomia, que não significa enclausuramento, ao respeito de ambas as áreas. Razão e fé foram pensadas e articuladas ao longo da história da humanidade de diferentes modos. Por isso, em segundo lugar, afirma-se serem necessárias reflexões, discussões e debates amplos, sérios, sistemáticos dentro de cada área especificamente a respeito de tal relação, mas também entre ambas as áreas sem ter como finalidade saber qual das duas é a mais importante ou a mais poderosa. O mais importante não é saber se o apoio estará mais na razão ou na fé, na ciência ou na religião. Ambas as dimensões são importantes e constitutivas da dimensão humana da busca e do ir sempre além do já alcançado. Trata-se, em última análise, da busca e do aprofundamento incessantes, ou seja, do equilibrado e ponderado “discernimento”. A profundidade na reflexão não é obstáculo à relação. O obstáculo está situado e se evidencia muito mais quando se tomam as questões com superficialidade e exclusivismos. Logo, é importante, por um lado, não esquecer que se o discurso

filosófico parte da razão humana, a teologia parte da Revelação de Deus, e, por outro lado, ressaltar nesta reflexão acerca da relação e do processo de abertura e diálogo entre razão e fé, que a filosofia é um discurso sobre Deus e não um diálogo com Deus, enquanto a teologia é um discurso sobre o Deus que se revela em Jesus Cristo como o Deus onipotente e criador, mas o Deus que se torna acessível na experiência humana. Mas isso tudo sem perder de vista e sem ter em mente, independentemente, aqui, do juízo de valor, que, nos tempos da Sociedade pós-metafísica, vive-se como que o “paradigma da imediatez”, alimentando uma religiosidade do movimento, da mobilidade e da dispersão de crenças.

IHU On-Line - Como pensar Deus na pós-metafísica? Ele terá um novo sentido?

Paulo César Nodari - A mais pertinente de todas as questões é a de Deus e esta, enquanto questão última implica todas as demais. A questão de Deus é percebida, sobretudo, à medida que nos aproximamos sempre mais da totalidade do ser, do todo, da complexidade do cosmos, de sua inteligibilidade, de sua profundidade abissal e de sua beleza que dificilmente se consegue exprimir. Portanto, a questão de Deus apresenta-se como a questão das questões, uma vez que se refere às questões mais pertinentes e últimas de toda vida humana. Em outras palavras, todos procuramos o sentido radical de nossa existência. E sob a luz de sentido ou não-sentido da existência humana coloca-se, então, a questão de Deus. Nossos desejos, nossas expectativas jamais se satisfazem e parecem procurar outra coisa que os satisfaça e que seja infinita. Cada desejo remete para outro desejo, o qual será também relativo não podendo ser plenamente satisfeito. E, nesse sentido, a infinidade do desejo humano só pode ser preenchida por um absoluto. Para Pascal, o abismo infinito somente pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, quer dizer, pelo próprio Deus. O amor verdadeiro deseja a eternidade. O próprio Niet-

zsche chega a afirmar que toda alegria quer a eternidade, quer a profundidade, a profunda eternidade. Nesse sentido, o desejo de eternidade está nas profundezas de nosso coração. É o desejo do provisório pela eternidade. O provisório está em constante *devir* rumo ao definitivo. Segundo Panikar, a experiência de Deus, enquanto experiência última, é uma experiência não só possível, mas também necessária para que todo ser humano chegue à consciência de sua própria identidade. O ser humano chega a ser plenamente humano quando faz a experiência de seu último fundamento. Em sendo assim, é muito interessan-

“A infinidade do desejo humano só pode ser preenchida por um absoluto. Para Pascal, o abismo infinito somente pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, quer dizer, pelo próprio Deus”

te observar e estar atento que, nos últimos tempos, tem aparecido uma literatura interessante e abrangente acerca da questão de Deus.

IHU On-Line - Em todos os períodos da história, o homem buscou dar sentido à sua existência. Na pós-metafísica essa via racional permanece de modo ainda mais exacerbado ou ela é substituída por uma consciência mais espiritual?

Paulo César Nodari - O homem levanta a pretensão de sentido. Ele busca dar sentido às coisas que lhe estão dispostas e do modo como lhe estão dispostas. Ele busca dar sentido ao todo de sua existência, admirando-se

diante das coisas como se lhe apresentam, e interrogando-se, continua e incansavelmente, a respeito de por que as coisas serem como são e não de outro modo. Enquanto ser dotado de reflexão, o homem vive como problemático, isto é, ele está preocupado em compreender a vida, o mundo, o sentido de suas ações, a particularidade de seus gostos, o significado de sua relação com a natureza. Ao tomar consciência dos diversos problemas que povoam seu universo, o homem se coloca a célebre questão a respeito de quem ele é, uma vez que a reflexão sobre o homem, identificando-se, sobremaneira, pela interrogação *o que é o homem*, permanece, desde a aurora da cultura ocidental, no centro das mais variadas expressões culturais: literatura, ciência, filosofia, ética e política. Dessa singularidade própria do homem, a de ser o interrogador de si mesmo, desencadeia-se o movimento de interiorização reflexiva do querer compreender-se como *presença a si mesmo*, descobrindo, por conseguinte, enquanto espírito finito, por um lado, que ele não se identifica com a plenitude da verdade e do bem, mas, por outro lado, como sendo capaz de ultrapassar o âmbito da realidade finita numa abertura ilimitada à totalidade do ser. Assim sendo, contrapondo-nos à tese da radicalização da imanência do horizonte existencial, isto é, à tese de que o sentido último encontra-se no espírito humano, sustentamos que só a abertura à *infinitude* dá ao homem na sua consciência um valor absoluto que apreende a totalidade do ser, capaz de contrastar com a contingência do horizonte material do homem no mundo, podendo-se afirmar, então, que a existência de um Deus transcendente é a resposta à exigência de sentido pleno do espírito humano. Em sendo assim, ainda que haja mudanças profundas e significativas no modo de viver e compreender-se na atualidade em relação ao mundo antigo e moderno, pode-se dizer que a questão de sentido permanece muito atual tanto no âmbito da razão, seja ele na perspectiva teórica ou prática, como também no âmbito da fé.

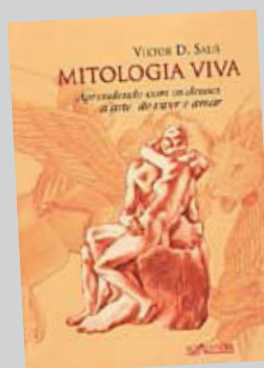
Sala de Leitura

>> *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (Lisboa: Edições 70, 2007)

“Atualmente estou lendo *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo* (Lisboa: Edições 70, 2007), de Gilles Lipovetsky. O autor parte de uma indagação: ‘O consumo traz felicidade?’ Após a metade do século XX o hiperconsumo, a mercantilização dos modos de vida, a exacerbação do gosto pelas novidades tem se apresentado como um cenário de uma sociedade que defende o imediatismo dos prazeres, maior bem-estar, mais qualidade de vida por meio de um consumo intimidado, emocional, voltado a satisfações privadas. A discussão do livro nos remete a questões como a perda do sentido humano, uma vez que o sujeito passa a ser reduzido a comprador, quando o cogito mais utilizado é ‘Compro, logo existo’. Com sua tese, o autor nos leva a fazer profundas reflexões sobre a sociedade do hiperconsumo e a paradoxal felicidade. É uma leitura instigante que recomendo, uma vez que apresenta dilemas que enredam o indivíduo em tempos hipermodernos”.



Prof.ª. Dr.ª. Maria Aparecida Marques da Rocha, coordenadora do Curso de Serviço Social da Unisinos

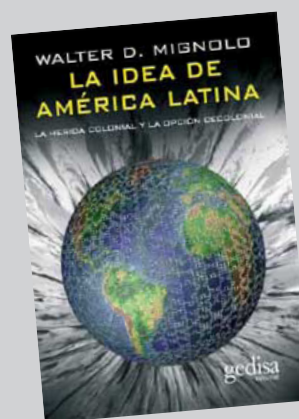


>> *Mitologia Viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar* (São Paulo: Nova Alexandria, 2003)

“Estou lendo *Mitologia Viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar* (São Paulo: Nova Alexandria, 2003), de Viktor D. Salis. A obra traz uma discussão contemporânea a partir

das narrativas clássicas da mitologia grega. Há um resgate profundo e inspirador sobre o sentido ‘da arte de viver e amar’, que proporciona inquietantes reflexões. Por exemplo, *Os Doze Trabalhos de Hércules* são interpretados como a transcendência humana, não pelo esforço e força física, nem pelo acúmulo de conhecimentos, mas sim pela evolução em direção à sabedoria. O desafio hercúleo apontado nesta perspectiva é a formação humana como obra de arte viva, ética e criadora”.

Profa. Dra. Patrícia Fagundes, professora nos cursos de Graduação em Psicologia e em Administração da Unisinos



>> *La idea de America Latina (La herida colonial y La opción decolonial)* (Barcelona: Gedisa, 2007)

“No momento estou lendo *La idea de America Latina (La herida colonial y La opción decolonial)* (Barcelona: Gedisa, 2007), de Walter Mignolo. O objetivo é resgatar as fontes pedagógicas do continente latino-americano tecendo

relações com o contexto atual. Outras fontes constantes de leitura são Simon Rodriguez, que foi professor de Simon Bolívar, Sarmiento, Varela e Martí. Esses autores podem nos dar pistas sobre como reconstruir o pensamento pedagógico da América Latina”.

Prof. Dr. Danilo Streck, professor do PPG em Educação da Unisinos



IHU Repórter

Luiz Fernando Medeiros Rodrigues

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Professor do PPG em História, Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, SJ, voltou recentemente à Unisinos, após 23 anos de vida e trabalho em Roma. Ele é curador adjunto do Memorial Jesuíta, e, nas horas de lazer, gosta de estar com seus familiares e cozinhar um “bom espaguete”. Conheça um pouco mais sobre sua trajetória e desafios que aceitou e conseguiu vencer.



Origens - Sou natural de Porto Alegre, terceiro de seis filhos, três homens e três mulheres. Sou da região de Petrópolis, perto do Colégio Anchieta. A minha família é muito simples, de classe média. Meu pai é contabilista e minha mãe, doutora em Assistência Social.

Infância e família - Eu e meus irmãos ficávamos em casa, onde sempre tinha de quinze a vinte crianças juntas. Era um caos contínuo. Essa é a infância que eu tenho na memória, bem aproveitada em todos os sentidos. Nossa casa era muito movimentada e isto continua até hoje. Meus sobrinhos ficam meio escandalizados quando estamos todos juntos, pois essas brincadeiras permanecem entre nós. Somos uma família unida. Tenho dois irmãos que estão em São Paulo. É uma família que se reúne frequentemente, quase sempre uma vez por semana.

Anchieta - Estudar no Anchieta foi muito importante. Fui aluno de 1964 até 1975. Lá tive vários contatos estimulantes, um deles foi trabalhar no museu do Colégio, aos 15 anos. O Anchieta, naquela época, tinha a característica de ter vários pesquisadores, alguns deles pesquisavam para a Unisinos. Então, cedo, tínhamos contato

com esse universo. Com 15 anos, estava envolvido com arqueologia e pesquisas de genética. Isso foi bastante instigante. Aos 16 anos, li o *Fenômeno Humano*, de Pierre Teilhard de Chardin, obra que me motivou por combinar fé e ciência.

Companhia de Jesus - Com 17 para 18 anos, fase de preparação para o vestibular, realizei as duas aplicações para o noviciado da Companhia. Quando veio a carta de aceitação, entrei no noviciado, em 1976. Até então, eu só havia ouvido falar de pobres. Logo a Companhia me enviou para favelas e presenciei situações muito fortes de degradação humana. Houve um choque, e não foi fácil a assimilação da pobreza e fome do Brasil que se conhecia apenas de ouvir falar. Passado o noviciado, comecei a Filosofia aqui no Cristo Rei. Era o início da universidade no novo campus. Eu cursava as faculdades de filosofia eclesial, filosofia civil, estudos sociais e história.

Vida de Paróquia - Também comecei a estudar em Porto Alegre e, ao mesmo tempo, a Companhia pediu-me para ter a experiência de paróquia. No último ano da Filosofia, morei na paróquia do Fião, em São Leopoldo,

e dava aulas em Montenegro. Praticamente vivi dentro da universidade, de 1978 até 1981. A carga horária era pesadíssima. Estudava e lia muito, e com isso fui para o período de magistério, também decisivo. Fui enviado para lecionar em Florianópolis. Em seguida, ingressei na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, como estudante de Teologia. Lá senti a diferença do modo como as aulas eram dadas em relação ao Brasil. Havia um estilo escolarístico, com aulas magistrais. Terminada a Teologia, voltei para o Brasil, para as férias e para a ordenação, em 1986. Novamente rumei a Florianópolis, dessa vez a fim de lecionar para crianças de dez anos.

Mestrado e doutorado - Fiz mestrado em Teologia Fundamental e nele preparei-me para lecionar em colégios. Ao final do curso, em 1988, fui chamado à Cúria Geral e pediram-me para ser secretário das províncias de língua portuguesa. Naquele momento, o novo provincial, João Roque Rohr, decidiu que eu devia voltar aos estudos de História, então comecei a fazer História Eclesial. Iniciou outra fase na minha vida. Iniciei o doutorado na Gregoriana. Levei mais de dez anos para concluir a pesquisa, pois preci-

sava reunir uma documentação completamente dispersa. Em seguida, fui chamado para trabalhar no Instituto Histórico da Companhia de Jesus, e depois na Biblioteca da Cúria Geral. Trabalhei por sete anos como bibliotecário da Cúria Geral, uma espécie de depósito legal daquilo que os jesuítas escreviam. Tive participação na construção e organização do novo arquivo da Companhia de Jesus. Ao todo, foram 23 anos vividos em Roma.

Volta à Unisinos - Um dia o então vice-reitor da Unisinos, Pe. Marcelo de Aquino, encontrou-me em Roma e perguntou porque eu não voltava para São Leopoldo. Era o ano de 2000. Eu ainda não havia feito a terceira provação. Escolhi São Leopoldo para fazê-la, no Cristo Rei. Lá trabalhei ajudando a selecionar os livros que deveriam vir para a Universidade. Esse foi o início daquilo que é o Memorial Jesuíta.

Memorial Jesuíta - A partir de Roma preparei toda a documentação de comodato das obras raras que fazem parte do atual Memorial Jesuíta. Depois de defender a tese, voltei ao Brasil para iniciar minha carreira acadêmica. Hoje sou professor do curso de Pós-Graduação em História. Sou pesquisador em jesuítas na América Latina, especificamente no Brasil, na Amazônia. Em função da minha especialização trabalho bastante com paleografia, que é a leitura dos documentos antigos e medievais.

Leitura - Leio muito. Sinto falta dos originais que estavam à minha disposição em Roma. Havia fácil acesso às obras originais. Elas estavam “em casa”. Isso é bastante contrastante com nossa realidade, embora tenhamos uma boa biblioteca. Nesse sentido, a Internet ajuda muito.

Lazer - Gosto de andar de bicicleta. Quando morava em Roma, eu tinha uma “princesa”. Com ela, pedalava até 100km com

meus companheiros, de um burgo a outro, aproveitado para conhecer melhor os lugares por onde passávamos. Fazíamos isso um dia por semana, ao longo de vários anos. Era revigorante física e mentalmente. No Brasil, não tenho feito mais isso. Outra grande alegria é ir ao shopping passear, olhar as vitrines. Interesse-me por tudo, observo tudo, sou muito detalhista. Como estão expostos os produtos nas vitrines, seus preços, cores, como as pessoas se comportam, se vestem, se comu-

“Interesso-me por tudo, observo tudo, sou muito detalhista. Como estão expostos os produtos nas vitrines, seus preços, cores, como as pessoas se comportam, se vestem, se comunicam. Isso suscita muitas reflexões e faz parte do processo de adaptação de retorno ao Brasil”

nicam. Isso suscita muitas reflexões e faz parte do processo de adaptação de retorno ao Brasil. Na Europa, por exemplo, é obrigatório colocar o preço em todos os produtos expostos. Se o valor for parcelado, é preciso colocar o valor real do produto. Aqui, nem sempre é assim. Eu fico impressionado com isso. Como também

sou professor de Ética na Comunicação, essas idas ao shopping suscitam ideias para discussões em sala de aula.

Cozinhar - Gosto muito de estar em casa com meus irmãos e preparar um bom espaguete. Naturalmente, sempre sai alguma “briga” entre nós, pois há divergências entre os ingredientes e a preparação envolve todo um ritual. Esse sempre é um momento de confraternização. Cada um quer “meter a mão na massa”. No fim das contas, a receita acontece. Aos finais de semana, cuido de minha mãe, que tem 84 anos, fazendo um “revezamento” com minhas irmãs.

Vida Pastoral - Na Itália eu tinha uma rotina pastoral muito intensa. Era conhecido como confessor na Igreja del Gesu, por mais de 17 anos. É uma igreja especial, porque é central e a ela acorrem pessoas de todo o mundo e de todas as categorias sociais, em vários idiomas diferentes. Aqui a atividade pastoral que celebrou se concentra em celebrações da eucaristia na Universidade e em Porto Alegre. É uma mudança radical, que também é estimulante.

IHU - O tipo de pastoral universitária que o IHU realiza é diferenciado: a nível de ideias, proposições, de diálogos difíceis, e às vezes até impossíveis. É uma pastoral universitária da Companhia moderna, dos nossos tempos. É um modelo de Instituto de diálogo entre fé e razão, entre ciência e humanística que, na Companhia atual, são poucos os institutos que chegam a esse nível. O tipo de reflexão e proposição dessas reflexões realmente é raro. Trata-se de um apostolado de ponta, modelo para outros setores da Igreja. Esse tipo de apostolado exige pessoas muito bem formadas para integrá-lo, seja em nível intelectual, teológico e cultural. O diálogo de saberes promovido pelo IHU é típico da Companhia de Jesus e é fundamental.

Destaques

“Religiões do mundo” na Casa de Cultura Mario Quintana

O programa “Religiões do Mundo”, promovido pelo IHU e pelo Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil é uma oportunidade para aprofundar o debate sobre o papel das religiões e do diálogo inter-religioso na sociedade contemporânea. Confira os documentários que serão exibidos na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, com debate posterior, sempre das 19h às 21h:

Judaísmo: 27/08 - Debatedor: Prof. Guershon Kwasniewski - Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência

Islamismo: 20/08 - Debatedor: Ahmad Ali - Sociedade Islâmica e Centro Cultural Islâmico do RS

Cristianismo: 03/09 - Debatedores: Rev. Jessé Castro Ramos - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e Dr. Joe Marçal Gonçalves dos Santos - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB

Hinduísmo: 17/09 - Debatedor: Swami Krishnapriyananda Saraswati - Presidente latino-americano da Sociedade Internacional Gita

Religiões Chinesas: 24/09 - Debatedor: Mestre Adriano Jagmin D’Ávila - Centro Cultural Tao

Religiões Tribais: 01/10 - Debatedores: Babalorixá Dejair Haubert - Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás e Ialorixá Dolores Dorneles Senhorinha - Associação Africanista Santo Antônio de Categeró

Budismo: 08/10 - Debatedores: Monja Kokai - Zen-Budismo; Ricardo Strauch Aveline - Instituto Caminho do Meio e Henrique Lemes da Silva - Instituto Caminho do Meio

A exposição de banners será conjunta às exibições-debate. Os documentários também estão sendo exibidos na TV Unisinos até 21 de setembro, sempre às segundas-feiras, às 18h.

Mais informações e as demais atividades da programação podem ser encontradas no site www.ihu.unisinos.br

Sociedade pós-metafísica

O professor da UCS **Paulo Nodari** estará na Unisinos na próxima quinta-feira, 20-08-2009, às 17h30min, durante o evento **IHU Ideias**, promovido pelo IHU, falando sobre a sociedade pós-metafísica. Ele adiantou aspectos do tema em entrevista publicada nesta edição, onde afirmou que “estamos nos encaminhando para a sociedade pós-metafísica, mas simplesmente afirmar que a metafísica está morta é um engano e um erro ingênuo”. Confira.

A crítica da religião

No próximo dia 26-08-2009, acontece o evento **Sala de Leitura**, promovido pelo IHU. Na ocasião, o Prof. Dr. **Urbano Zilles**, da PUCRS, apresentará o livro de sua autoria *A crítica da religião*. Acesse o site do IHU (www.ihu.unisinos.br) e confira mais detalhes.

Apoio:



IHU Contracapa